

6: FEIRA

"SEGREDOS DO CASTANHEIRO"

26/3/43

- Um romance policial que Roberto Lis escreveu e o conjunto do Radio Teatro da RFP interpretam.

-PNC 2-

CAPITULO 1º

(CARACTERISTICA MUSICAL FORTE A PRINCIPIO E SERVINDO DEPOIS DE FUNDO AS PALAVRAS DO SPEAKER).

SPEAKER: - Quasi ao fim da Estrada Real - distante duas leguas da cidade de Cambuquiry - existe a fazenda de Castanheiro com a sua casa de estilo Colonial situada numa colina, entre a floresta e a lagoa. A casa, apesar da sua beleza architectonica, de ha muito que se encontra abandonada e são seus unicos habitantes os pratos e os morcegos. E os viandantes que outrafa faziam ali o seu ponto de parada, passam de largo fazendo o sinal da cruz. Existe ao fundo do pátio um enorme castanheiro e á sombra de mesmo um grande poço de tijolos com uma moldura de ferro e uma corrente que - segundo contam os habitantes do lugar - em determinadas horas da noite movimentam-se sózinhas; e aqueles que tentaram descobrir a razão desse mistério foram encontrados sem vida, junto ao mesmo poço, estrangulados por mãos invisiveis e misteriosas. Apesar das historias tétricas e apavorantes que contam os moradores da localidade sobre a fazenda de castanheiro, foi ela agora adquirida por um rico industrial que encantado com a beleza do lugar mandou reformar completamente a velha casa para fazer ali a sua estação de veraneo. Ao estabelecermos contacto com a familia do referido industrial, vamos encontra-la ainda na sua casa de cidade. São nove horas da manhã e a familia está reunida no jardim de inverno onde acabou de fazer a primeira refeição do dia. É uma linda manhã de primavera.

(Sóba novamente a caracteristica e depois desaparece)-

X. Pássaros.

Louças

(CANTO DE PASSEROS NUIDO DE LOUCAS)

- Alinda - Não quer mais uma chicara de café, minha filha?
- Celia - Não mãe, obrigada.
- Alinda - E você, Jeronimo, toma mais um pouco?
- Jeronimo - Não minha velha chega. Tres chicaras já é demais.
- Alda - (rindo) E depois que chicaras. Eu nem sei como papai pôde ter tanta disposição assim.
- Alinda - Benza-o Deus, minha filha. Catarina pôdes tirar a mesa.
- Catarina - Sim senhora, dona Alinda.
- Jeronimo - Vê se o José já foi ao Correio e traz a correspondencia.
- Catarina - Sim sinhô seu Jeronimo. (Ruído de louças e passos que se afastam)
- Alinda - O que é que você tem, minha filha? Você está com uma cara tão exquilita.
- Celia - Não sei... eu não passei muito bem esta noite. Tive uns sonhos tão aflitivos!
- Alda - Eh eu tive um sonho bonito. Sonhei que estava passeando a cavalo e conversava com o cavalo e ele me respondia como se fosse uma pessoa. A voz dele era tão engraçada, igualzinha á voz do fustão seu Inacio.
- Jeronimo - Mas sabe lá se não era algum parente dele. Aquillo tem raça de cavalo, eu sempre disse.
- Catarina - O que é isto, Jeronimo. Eu não sei porque você tem tamanha impli-



- cancia do pobre homem, o seu Inácio tem uma maneira ríspida de dizer as coisas mas no fundo é uma boa creatura. Pelo menos não é daqueles que falam pelas costas. O que tem que dizer diz e não manda ninguém. Prefiro as creaturas assim. (passos que se aproximam)
- Catarina - Óia a correspondença, seu Jeronimo. Chegô como indagarinha.
- Celia - Você vai ler primeiro as cartas, não é papai? Então me empreste o jornal.
- Alda - Muito gosta você desse jornal. Um jornal que não traz nada mais senão as notícias da guerra. (passos que se afastam)
- Celia - Pois é exatamente o que mais me interessa. Enquanto você se preocupa com filmes, artistas e outras banalidades eu procuro empregar o meu tempo em coisas mais sérias.
- Alda - Desguia, bobalhona, você quer é bancar a importante.
- Celia - É preferível bancar a importante do que ser fútil como você.
- Alda - Eu pelo menos me apresento como sou, não procuro enganar os outros.
- Arminda - Vocês já estão outra vez de discussão? Desde que começa o dia até que ele termina vocês estão sempre em desacordo, sempre discutindo. Tão fofo isto! Seria tão bonito que vocês estivessem sempre de acordo que fossem sempre amigas...
- Alda - Eu não tenho culpa, a Celia é que aplica comigo.
- Celia - Não é verdade, mamãe. A senhora bem viu que foi ela que começou, dizendo que eu finjo me interessar pelas notícias da guerra para bancar a importante.
- Jeronimo - (contrariado) Outra vez?
- Alda - Eu não tenho culpa, papai, ela é que mexe comigo.
- Jeronimo - Você não tem culpa, de que?
- Alda - Da briga. Não é isto que o sr. está reclamando?
- Jeronimo - Sei eu lá de brigas, nem estou prestando atenção às discussões de vocês, estou me referindo aqui à carta que recebi.
- Arminda - Carta de quem, meu velho?
- Jeronimo - Do empreiteiro que está terminando as obras da fazenda do castanheiro.
- Arminda - O que diz ele?
- Jeronimo - Que teve que mandar vir da cidade um novo grupo de operários porque daquele que estava lá apareceu um homem morto junto ao poço e os outros não quiseram continuar o trabalho e retiraram-se todos. É o quarto grupo de operários que vai trabalhar na casa.
- Arminda - É o terceiro operário que aparece morto. Confessa-te, meu velho que principio a ter medo de ir morar naquela casa.
- Jeronimo - Tolices, minha velha. Ignorancias de gente atrozada. Você verá como iremos pra lá e nada vai acontecer. Vamos acabar com a lenda da assombração da fazenda do castanheiro.
- Celia - Eu penso como papai. Não tenho medo nenhum.
- Alda - A valentona. Eu confesso que tenho um medo horrível. Tremo só em pensar que vamos passar dois meses naquela casa.
- Celia - Um cérebro que raciocina não pôde admitir certas bobagens.

- Alda - É como se explica então as mortes que se sucedem lá?
- Celia - Deve existir alguma que se aproveitando da crença popular dá vazas aos seus instintos sanguinários.
- Armanda - Que horror, meu Deus! Será possível que exista alguma que mate pelo prazer de ver sangue?
- Celia - Pois então a senhora não sabe? São criaturas taradas que sentem no mal o gozo supremo.
- Armanda - Credo em cruz, Virgem Maria!
- Alda - A Catarina disse que já preparou um breve com um dente de coelho para que mal alguma lhe entre no corpo. Disse que já está com o corpo fechado. Eu vou pedir e ela pra arranjar um pra mim também.
- Armanda - Vocês nem falem nada a ela da morte desse terceiro operário senão ela não vai querer ir pra lá e nós vamos ficar sem empregada.
- Jeronimo - Sia é melhor não falar, essa gente, geralmente, é cheia de superstições. (caminha da rua).
- Armanda - (falando para longe) Veja quem está aí Catarina. Se for o verdureiro você me avise que eu preciso falar com ele.
- Jeronimo - Hoje com toda a certeza eu vou ser chamado á policia por causa desse crime.
- Armanda - Que como os anteriores ficará envolto em mistério. (passos que se aproximam)
- Luiz - (gritando de longe) Póde-se entrar, titia?
- Armanda - É o Luiz. (para longe) Entra meu filho.
- Luiz - Vim lhe dar uma boa noticia. A sua benção. (beijo)
- Armanda - Deus te abençõe, meu filho.
- Luiz - Bom dia, titio. (ele responde) Primas bom dia.
- Celia - Bom dia, Luiz, como vai titia?
- Luiz - A velha vai bem. Tá lá toda afobada com um porco que mandou matar.
- Jeronimo - Quer dizer que hoje vamos ter porcaria por lá, não?
- Luiz - É verdade.
- Armanda - Mas qual foi a boa noticia que você veio me trazer, meu filho?
- Luiz - Tá muito boa nos exames, titia, e mamãe concordou em que eu vá passar uns tempos com a senhora, na Fazenda do castanheiro. Estou radiante. Titio tem que arranjar um cavalo pra eu passear todas as manhãs.
- Jeronimo - Não precisa cavalo. O seu Inácio vai passar uns dias lá. (risos das duas meninas e de Luiz.)
- Armanda - Oh Jeronimo, o que é isso?
- Alda - E Marcilio que tal se saiu, Luiz?
- Luiz - Foi aprovado também.
- Celia - E ele também vai?
- Alda - Em meu Deus que interesse!
- Celia - Deixa de ser boba, Alda. Mamão, olha a Alda aqui.

- Alda - Lá, o que é que eu fiz?
- Celia - Está dizendo bobagens e interrompendo o assunto da gente.
- Alda - Responde, Luiz, responde se o Marcílio também vai pra fazenda do Castanheiro.
- Luiz - Não sei. O velho estava com vontade que ele fosse á praia pra tomar uns banhos mas ele parece que não topou muito o programa.
- Alda - Você diga a ele que a Celia manda convidá-lo para ir conosco para a fazenda.
- Celia - Por que a Celia? Você parece boba, Alda. Que "nós" mandamos convidá-lo.
- Luiz - Está bem, eu dou o recado. Agora... a dona da casa não disse nada.
- Armanda - Nem precisa dizer. Tinha muita graça que os filhos da minha irmã necessitassem de convite para passar uns dias em minha casa.
- Luiz - Escute, titia, é verdade que existe uma lenda a respeito dessa casa?
- Armanda - Não.
- Alda - É verdade sim, ainda hoje papai recebeu uma carta...
- Jeronimo - (interrompendo-a) Cale essa boca, menina. Não repita bobagens. Proibido ^{de dar} azas á credence de uma gente ignorante que não sabe o que diz. Já disse a você que o lugar é bellissimo e que nos havemos de acabar de vez com a lenda da assombração da fazenda do Castanheiro.

* CORTINA MUSICAL

- Jeronimo - Onde andam as meninas?
- Armanda - Foram dar uma volta com Luiz e Marcílio. Como a noite está muito clara desejaram passear pelo campo.
- Jeronimo - Foram sós os quatro?
- Armanda - Não, meu velho, Catarina também foi.
- Jeronimo - Elas aos poucos parece que vão perdendo o medo da tal de assombração. A bobagem aquela que se inventou a respeito da fazenda do Castanheiro. Ao principio trancava-se no quarto mal a noite começava a se fechar, hoje já saem de noite para passear no campo. Eu não te dizia sempre que eram lorotas, minha velha?
- Armanda - Realmente tu sempre se dizias mas eu confesso que tinha um medo horreroso. Nas primeiras noites que chegamos aqui eu quasi nem dormia. A todo o momento parecia que estava ouvindo rumores e vendo sombras pelos cantos das paredes. Depois aos poucos fui perdendo o medo e hoje, graças a Deus, estou convencida que você é quem estava com a razão.
- Jeronimo - Faz quasi dois meses que estamos aqui já era tempo de sobra para ter acontecido qualquer coisa, se tivesse que acontecer. A proposito dessa lenda eu recebi hoje uma carta muito interessante de uma senhora que se diz detetive amadora pedindo-me permissão para vir passar uns dias aqui em casa e estudar essa questão dos crimes praticados aqui. Ela pensa, como eu, que alguém se aproveitou das circunstancias para exercer uma vingança sobre desafortos seus.
- Armanda - E o que vais responder a essa senhora?
- Jeronimo - Vou dizer-lhe que póde vir. Ninguém mais do que eu deve ter interesse de desvendá essa coisa.
- Armanda - Para que meter com isto, meu velho? É melhor deixar como está.
- Jeronimo - Mas você deve compreender que uma vez desaberte o misterio e desmas

- carado o assassino, a nossa propriedade ficará valorizada. Vamos supor que eu amanhã tenha necessidade de vender esta fazenda. Se a lenda persistir será inútil tentar porque não encontrarei comprador alguma para ela.
- Arminda - Mas tu nem ao menos sabes quem é essa senhora, quais os seus hábitos. Lembra-te que tens duas filhas moças e que é perigoso botar assim uma pessoa que não ~~se~~ se conhece para dentro de casa.
- Jeronimo - Eu creio que ela já previa os teus escrúpulos e mandou-me uma lista de pessoas que nos poderão dar informações a respeito de sua conduta. E depois não será difícil mantê-la afastada das meninas. Poderemos dar-lhe o quarto aqui de baixo.
- Arminda - Se assim é...faz o que quizeres. (passos) As meninas estão chegando. Que tal o passeio?
- Marcílio - Magnífico. O luar está maravilhoso e a sua luz nas águas da lagoa dá-nos a impressão de um imenso lençol de prata.
- Celia - O céu está muito carregado praquela lado. Creio que teremos chuva esta noite.
- Alda - Ouga mamãe: acorde-nos bem cedo amanhã que combinamos um passeio a cavalo até a pedreira.
- Jeronimo - E prepare a salmoura pra quando eles voltarem. (risos)
- Celia - Isso é com você, Luiz.
- Arminda - Pois se querem levantar cedo amanhã devam também deitar-se mais cedo.
- Alda - Muito bem, pois então proponho que vamos dormir.
- Jeronimo - Um momento. Vocês podem ir mas Celia terá que tocar alguma coisinha antes para o seu pai ouvir.
- Celia - Eu sabia que o senhor não poderia passar sem a sua cachacinha.
- Alda - Bem, então eu vou dormir. De tanto à álcool. (Luiz e Marcílio riem)
- Celia - Engraçadinha!
- Alda - Boa noite papai. (beijo)
- Jeronimo - Boa noite, minha filha, durma bem.
- Alda - Até amanhã, mãezinha. (beijo)
- Arminda - Até amanhã minha filha. Deus te dê uma boa noite.
- Alda - Batutas, tchau! (passos que se afastam)
- Os dois - Até amanhã Alda.
- Luiz - Boa cedo amanhã, não te esquece.
- Celia - Se você quiser ir dormir, Luiz, não faça cerimonia. Eu sei que você não gosta de musica.
- Luiz - Eu vou dormir, sim. Não porque não goste de lhe ouvir tocar mas porque se não me deitar cedo hoje amanhã ninguém me arrancará da cama antes das dez horas. Até amanhã pra todos, então. (todos respondem)
- Arminda - Deus te dê uma boa noite, meu filho. (falando para longe) peça á Catarina que lhe dê um copo de leite antes de dormir. (passos que se afastam)
- Marcílio - O auditorio ficou menor mas selecionado. Pode começar, prima.

* Solo de piano

(ouve-se um solo de piano qualquer de preferencia musica romantica)

- Marcilio - Muito bem, prima. Você toca maravilhosamente bem!
- Celia - Obrigada. (rindo) Toco tão bem que faço adormecer os meus ouvidos. Olhe papai.
- Amanda - É sempre assim Jeronimo faz questão que a filha toque mas nunca consegue ouvir a musica até o fim. (chamando-o) "oh velho. Oh meu velho.
- Jeronimo - (num bocejo) O que foi?
- Amanda - Nada. Venha se deitar que você já está dormindo sentado.
- Jeronimo - Oh diabo! Como é que isso foi acontecer?
- Amanda - Da mesma forma que acontece todas as noites. Venha, eu vou abrir-lhe a cama. (passos que se afastam)
- Jeronimo - Até amanhã, minha filha.
- Celia - Até amanhã, papai. (beijo)
- Jeronimo - Boa noite Marcilio.
- Marcilio - Até amanhã, titio. (passos) E agora, prima, vai continuar a tocar?
- Celia - Eu preferia antes conversar.
- Marcilio - Pois muito bem, então conversemos.
- Celia - Como está linda a noite, não é verdade?
- Marcilio - Uma verdadeira noite de sonho. E a seu lado eu tenho a impressão de estar vivendo um dos capitulos maravilhosos das lendas orientais
- Celia - Faltam as areias brancas dos desertos e os camelos a cruzarem^{nos} silenciosos.
- Marcilio - Em compensação existe o oásis dos seus cabelos e a agua verde e transparente de dois lagos profundos que são os seus olhos incomparáveis.
- Celia - Você ama-me verdadeiramente, Marcilio?
- Marcilio - Amo-a com loucura, Celia, e desejava para companheira inseparavel da minha vida quando tiver alcançado o titulo que ha tres anos venho disputando infatigavelmente. Sem você eu perderia o estímulo de lutar e de vencer. ~~XXXXXXXXXXXXXXXX~~
- Celia - Que bem me fazem as suas palavras, Marcilio. Desde pequenina habituei-me á ideia de que nos casariamos um dia. Á principio eu o respeitava por força de ouvir dizer e hoje, meça, senhora absoluta dos meus sentimentos e da minha vontade, tenho certeza absoluta de que só poderia ser inteiramente feliz a seu lado.
- Marcilio - Mayemos de ser ambos felizes, Celia, muito felizes. (pausa) Imensamente felizes.

(CONTINA MUSICAL)

* Vento

- Celia - (passos que se aproximam. Ruído da vento fóra) O que é isto Luiz, você ainda acordado?
- Luiz - Levantei-me para fechar a janela que o vento estava fazendo bater, vi luz aqui na sala e pensei que a tivessem esquecido acesa. Vinha apaga-la. Não imaginei que você estivesse acordada até esta hora.
- Celia - Marcilio subiu para deitar-se eu comecei a ler e distrai-me. Que horas são?
- Luiz - Quasi meia noite. (vento forte)

- *
- Celia - Como o tempo mudou. A noite estava tão linda.
- Luiz - Parece que vai chover muito. É bem capaz que amanhã não possamos fazer o nosso passeio à pedreira.
- Celia * - Farenos noutro dia qualquer. É pédo ser tambem que chova durante a noite e amanhã um dia boa.
- Luiz - Pedi ao Onofre que tivesse os cavalos ensilados ás seis horas da manhã. (RUIDO DE CHUVA E CESSA O VENTO).
- Celia - Já começou a chover. (pausa) Porque você não vai dormir?
- Luiz - Quando você subir eu subirei junto.
- Celia - "Luiz: será possível que você esteja com medo de subir sozinho?"
- Luiz - Ora, prima, que ideia. ~~Não~~ ^o é medo ^{não é} (de subir sózinho é ~~medo~~ de deixa-la só aqui nesta sala).
- Celia - Não se preocupe comigo. Eu não sou medrosa. Vou terminar este capítulo e depois subirei.
- Luiz - O que é que você está lendo?
- Celia * - um dos grandes sucessos da atualidade. "O resto é silêncio". Você já leu?
- Luiz - Não, Celia. Eu prefiro o barulho de ~~que~~ ^o silêncio. O silêncio geralmente é enervante. (cessa o ruído da chuva).
- Celia - Pois aconselho-o a que leia este livro. Ache-o extraordinário! Espolgante mesmo. (OUVE-SE UMA MUSICA FUNEBRE TOCADA MUITO EM SUNDINA). Ué! O que é isto? (pausa) Que musica é esta?
- Luiz - Musica? Você está delirando, Celia. Não ouço musica nenhuma.
- Celia - Preste atenção. (pausa) Não está ouvindo?
- Luiz - Absolutamente nada.
- Celia * - Pois então trate de mandar examinar os seus ouvidos. Eu estou ouvindo perfeitamente não é possível que você não ouça. Esente. (pausa. CO-MEÇAM A SOAR LENTAMENTE AS BOLSAS BATALADAS DA MEIA NOITE).
- Luiz - Agora eu ouvi mas foi o relógio bater meia noite. Vamos subir, prima, é muito tarde.
- Celia - Suba você eu já disse que vou terminar primeiro este capítulo, subirei em seguida.
- Luiz - Bem, neste caso eu espero por você. (pausa) (ouve-se apenas o tic-tac do relógio).
- Celia - Que engraçado, a musica continua.
- Luiz - Você não estará com febre, Celia? †
- Celia - Você é que está com os ouvidos tapados. (RUIDO DE CORRENTES FÓRA)
- Luiz - Agora eu ouvi mas é um ruído diferente.
- Celia - É a corrente do poço. Apague depressa a luz, Luiz.
- Luiz - O que é que você vai fazer, Celia? É melhor chamar tio Jerônimo.
- Celia - Apague a luz e cale a boca. Chamar o papai para que? (ruído de apagar a luz).
- Luiz - Cade é que você está, Celia? Eu não lhe vejo. Não me deixe aqui sózinho.
- Celia - Cale a boca, Luiz. Eu estou aqui junto da janela.

- Luiz - É melhor irmos nos deitar, Celia. Eu estou com tanto sono que as minhas pernas chegam a tremer.
- Celia - É de sono que elas tremem, eu sei. (sobresaltada) Luiz! Luiz! Venha ver uma coisa, depressa!
- Luiz - Não Celia, não me mostre essas coisas que eu não posso ver. Eu sofro do coração, Celia.
- Celia - Suba então, depressa. Bata a "arcílio que desça.
- Luiz - Subir assim no escuro? No escuro eu não posso enxergar os degraus.
- Celia - (energica) Anda Luiz. Obedeça o que estou lhe mandando fazer. Vá chama-lo depressa.
- Luiz - Ai meu Deus, que coisa horrível! Eu devia ter ficado na minha cama que não estava passando por essa agora. (trausa. Um gato mia lá fóra).
- Celia - O ruído das correntes do poço! Agora é que eu estou compreendendo porque. Ah se eu tivesse uma arma agora!... É "arcílio que não vem. Sossina seria uma loucura enfrenta-lo, com Luis não deve contar, o medo impedirá-o de avançar um passo...
- Alda - (gritando longe) Socorro! Socorro! Papai! Mãe! "arcílio, corram todos. As correntes do poço, socorro! Socorro.
- Celia - Alda! Alda! É a voz dela que grita por socorro! O que lhe estará sucedendo meu Deus! (passos em disparada que vão se afastando do microfone, enquanto as duas confusas de Jeronimo, dona A' ainda e "arcílio, se confundem ao longe, soltam exclamações e fazem perguntas)
- CORTINA MUSICAL
- Jeronimo - Pronto, minha filha, agora que já estás mais calma conta-nos o que sucedeu.
- Alda - (cansada) Sim papai, eu conto.
- Celia - Não há nada que contar. Está mais do que claro que Alda teve um pesadelo e nada mais.
- Jeronimo - Deixe-a falar, em todo o caso. Deixe-a contar como foi.
- Araíada - Toma antes mais um gólinac de café de laranja, minha filha.
- Alda - Não, mãe... chega, obrigada.
- Catarina - Precisa de mais alguma coisa, dona Araíada?
- Araíada - Não Catarina, pódes ir dormir.
- Catarina - Eu vou é rezar o meu terço, até minha, entonce é que Deus Nossa S'nhô e a Virge de Rosario guarde nós tudo.
- Araíada - Que assim seja. (passos que se afastam)
- Jeronimo - Fala, minha filha, conta como foi.
- Alda - Eu estava dormindo... de repente acordei-me com um barulho exquísito lá fóra. A principio pensei que era o vento mas depois verifiquei que eram as correntes do velho poço que se movimentavam. Levantei-me e fui á janela. Vi então um homem vir subindo por elas, de dentro do poço e sentar-se á beira do mesmo. Em seguida avistei Celia que lentamente caminhava para ele. Fez-se a luz no quarto do péso e imediatamente ele surge á porta de pistola em punho, caminhando para o vulto que estava sentado á beira do poço. No momento em que este se preparava para dar o bote na Celia e estrangula-la, o pião atira. O vulto vira-se investe contra ele e quasi que no mesmo momento deixa-o no chão atirado, sem vida. Foi aí que gritei.

Celia - Está mais do visto que foi um pesadelo. O peão não saiu do seu quarto nem eu me levantei da poltrona em que me sobava lendo. Marcello e Onofre procuraram o tal vulto que ela avistou junto ao poço e não acharam ninguém...

Marcello - Procuramos tudo, acendemos lanternas e nada vimos.

Celia - Logo não pôde haver duvida de que foi um pesadelo.

Alda - Sim, eu mesma sou obrigada a acreditar nisto, uma vez que Onofre está vivo e você afirma não ter saído do seu lugar, entretanto affianço-lhe que estava acordada e que vivi instantes de tal aflicção como jamais imaginei poder viver.

Arminda - Agora, minha filha, trate de se acalmar e dormir que é muito tarde. Já é mais de uma hora.

Celia - Eu ficarei aqui com você para que não fique sosinha.

Marcello - É a todas estas o que eu estou admirado é de que Luiz não se tenha acordado com tamanho alarido! ~~Se até o peão lá fora ouviu e veio ver o que era!~~

Jeronimo - Mas ele não está no quarto porque eu passei por lá na pouco, abri a porta e vi a cama vazia.

Arminda - Como? Neste caso é preciso procura-lo. Sabe Deus onde estará esse menino!

Celia - ~~Deixa que eu vou achá-lo. Eu volto lá.~~ *(passos que se afastam)*
Está no quarto, sim. E que se meteu em baixo da cama.

Arminda - Você ainda está com as mãos frias, filhinha.

Jeronimo - É natural. Um susto destes!

Marcello - Bem, mas agora você já sabe que foi um pesadelo e não ha razão para continuar assustada. Celia ficará aqui com você e trate de não pensar mais nisto e adormecer.

Jeronimo - Tudo isto é consequencia de se dar ouvidos a bobagens. Inventaram aí uma série de lorotas a respeito da fazenda do Castanheiro essa coisa ficou no sub consciente da menina e o resultado foi esse enorme susto sem qualquer razão.

Arminda - Eu fiquei num tal estado de nervos que queria me levantar e correr para onde vinham os gritos e as minhas pernas não se obedeciam. Passei momentos verdadeiramente angustiosos.

Marcello - Tome agora umas gotas de carminha antes de deitar-se.

Arminda - Vou tomar, sim. Ainda a sorte é que temos medico em casa. *(passos que se aproximam)*

Celia - Eu não disse que sabia onde Luiz estava?

Arminda - Onde, minha filha? *X X X*

Celia - *se* ~~Enrolou~~ *apost* ~~em~~ *que se meteu em baixo da cama e ainda* enrolou sua cobertor, em baixo da cama. *(risos discretos)*

Jeronimo - Parece mentira! Porque não lhe emprestem uma sala?

Arminda - Voltado, Jeronimo! O menino é nervoso.

Jeronimo - Um grande medroso é o que ela é. Imagine só. Ouvir a prima gritar por socorro e meter-se em baixo da cama. Esta é de cabo de esquadra! *ual!* Estas rapazes de hoje! Estas rapazes de hoje! *(vausa)* Bem, vamos deitar que é muito tarde. ~~Celia ficará aqui com você e qualquer coisa nós estaremos alerta.~~ *Sodem dormir descausadas que se howel alguma coisa nos estarem alerta.*

Arminda - Não ha de haver coisa alguma. Deus está abençoado. *(CORTINA MUSICAL).*

Celia - (baixo) Outra vez o ruído das correntes! (respiração forte de quem dorme profundamente) Felizmente Alda está dormindo. Deus permita que não se acorde. E lá está ele outra vez perto do poço! Apesar da noite clara não consigo divisar mais do que a sua silhueta mas a verdade é que não é uma visão. Su o vejo movimentar-se, olhar para um e outro lado. (pausa) Se ele surge outra vez de dentro do poço é porque se escondeu ali quando Alda gritou. Mas como se compreende então que Marcílio e Onofre tivessem iluminado o interior do poço e não avistassem mais do que a água tranquila? (pausa) Deceu agora. (pausa) Espreita para todos os lados. (pausa) E começa a andar em volta do castanheiro. (OUVE-SE A MESMA MÚSICA EM SURDINA). Outra vez a música que ouvi lá em baixo. De onde virá ela? Ele parece que dança ao som dessa música. E espreita constantemente para os lados como se temesse ser surpreendido. Que espécie de creatura será essa? Sinto uma tentação quasi invencível de me aproximar, de vê-lo de perto, de satisfazer a minha curiosidade, de acabar de vez com esse misterio! Devo descer? (pausa) Ficar aqui? (pausa) Não, eu irei lá. (PAIXÃO EM QUE SE OUVI A RESPIRAÇÃO DE ALDA E A MÚSICA LONGINQUA). (A RESPIRAÇÃO VAI SE APASTANDO DO MICROFONE PENSATIVO APENAS A MÚSICA): Quem é?

Marcílio - Celia! O que faz você aqui?

Celia - Você ouviu, Marcílio?

Marcílio - Sim ouvi. Foi por isto que desci.

Celia - De onde virá essa música?

Marcílio - Que música, Celia?

Celia - Você não está ouvindo, Marcílio? Escute.

Marcílio - (após uma pausa) Não ouço nada.

Celia - Que coisa estranha! Você chegou a vê-lo?

Marcílio - Quem?

Celia - O vulto perto do poço.

Marcílio - Não. Ovi apenas o ruído das correntes. *(Costa música)*

Celia - Vamos espiar ali da janela. (pausa) Cuidado a moanina no centro da sala não vá dar algum encontro. (pausa) Veja, veja, Marcílio. Lá anda ele em volta do castanheiro. (pausa) Você está vendo?

Marcílio - Focas o vulto. (pausa) Ah sim, agora estou distinguindo mais nitidamente. Parece um gorila.

Celia - Interessante, eu tive esta mesma impressão. Quem sabe se será? Se nós pudessemos nos aproximar mais...

Marcílio - Não convém, Celia.

Celia - Você está com medo, Marcílio?

Marcílio - Não Celia, mas seria uma imprudência que poderia nos ocasionar desastres.

Celia - Talvez, Marcílio, mas eu sinto uma tentação tão grande de desvendarmos esse misterio que sou obrigada a reprimir o desejo de meter a mão nessa porta e enfrentar esse vulto. Você terá coragem de ir comigo?

Marcílio - Você crê que eu tivesse coragem de deixá-la ir só?

Celia - Pois bem, vamos então. (pausa) É necessário que a porta seja aberta sem o menor ruído. Você está armado?

7.11.43 2-4-43

~~7-4-43~~

Albino
2/1/43

SECRETARIA DO CASTANHEIRO

- Folheta sobre da PRF, escrito por ROBERTO LIS. -

II CAPITULO

(CARACTERISTICA TICA DO LUMI FORTE A PRIMEIRA E DEPOIS O RYENDO DE FURDO AS PALAVRAS DO SPEAKER).

*
SPEAKER: - Os nossos ouvintes devem estar lembrados que no primeiro capítulo desta novela Celia e Marcilio, desfechos de desvendar o segredo do castanheiro, ao ouvirem pela primeira vez, desde que se achavam na fazenda, o ruído das correntes do poço, resolveram aproximar-se do vulto que parecia dançar na volta do castanheiro afim de conseguir deitar-lhe a mão e acabar de vez o misterio em que se envolviam as crimes anteriores por ele praticados. Saíram cada um por um lado e em cada momento um grito ecoou no silencio da noite, precedido de um tiro de pistola. Como era natural, o tiro e o grito alarmaram a casa inteira e si-los agora, duas horas depois do fato, todos reunidos na sala de jantar da fazenda a comentaram o sucedido, sob os alhores coloridos da alvorada que desponta.

* *
(CARACTERISTICA TICA DO LUMI FORTE A PRIMEIRA E DEPOIS O RYENDO DE FURDO AS PALAVRAS DO SPEAKER).

CENA I

- A-miada - (chorosa) O que disse o doutor, meu velho?
- Jeronimo - Tem esperanças de salva-lo. Ele está muito ferido, entretanto.
- A-miada - Que coisa horrivel, meu Deus! Quando me lembro que poderia ter sido a minha filha ou o meu sobrinho, fico a tremer como uma vara verde.
- Jeronimo - Celia e Marcilio foram dois imprudentes. É uma toceridade ir-se ao encontro do perigo quando se pôde evita-lo. (pausa) Onde estão eles?
- A-miada - Foram deitar-se. O susto deixou-os abatidos.
- Jeronimo - E vocês o que fazem aqui? Porque não foram deitar tambem?
- Alda - Ah papai, tenha paciencia, mas enquanto o dia não tiver clareado bem eu não me afasto de perto do senhor.
- Luiz - A mesma coisa digo eu, titio.
- Jeronimo - Oh Luiz, que Alda tenha medo vá, porque é mulher. Mas você um rapagão forte, cheio de vida, que pratica esporte e conhece golpes de Jiu Jita...
- Luiz - Mas titio, o sr. não me compreendeu. Eu não me afasto do sr. não porque esteja com medo mas é com receio de que lhe aconteça alguma coisa.
- Jeronimo - É este o motivo pôde deitar-se porque eu tenho certeza de que nada se acontecerá.
- Alda - O sr. tambem dizia que tinha a certeza de que o segredo do castanheiro não passava de uma lenda e hoje viu o que aconteceu.
- Jeronimo - Olha, minha filha, você quer que lhe diga uma coisa? Continue a pensar da mesma forma. Insisto em dizer que ha algum que se aproveita da lenda criada em torno do castanheiro para dar vazão aos seus instintos sanguinarios.
- Alda - Existindo esse alguma ou não existindo, a verdade é que os mortos vão aparecendo justo ao poço e nunca se descobriu quem os matou.
- A-miada - Alda tem razão, meu velho. Não deveriamos deixar as a casa.

- Jeronimo - Não, não é não! Eu só sairei daqui no dia em que houver desvendado esse misterio.
- Arminda - Queira Deus que a sua teimosia e a sua curiosidade não me venham a custar lagrimas amargas.
- Alda - Eu só quero ver o que nos diz a valentona da Celia quando se resolve a falar. E Marcilio o que disse, mãesinha?
- Arminda - Coisas muito vagas. Quasi não pode falar. Eu mesma não deixei Jeronimo insistir com eles porque depois de um choque como o que tiveram não se deve obrigar as creaturas a qualquer esforço.
- Luiz - Talvez Onofre nos esclareça alguma coisa.
- Jeronimo - Pobre Onofre! Este mesmo é que talvez por muitos dias não possa nem uma palavra. Apertaram-lhe de tal forma a garganta que só mesmo por obra divina ainda se mantém com vida. Os dez dedos do criminoso infame estão assinalados no seu pescoço por sulcos **POXOS**.
- Alda - Ai que horror, meu Deus! Eu chego a senti-los no meu pescoço.
- Arminda - Credo em cruz. Virgem Maria!
- Luiz - Porque não mudamos de assunto? Esse assunto já está tão cacete. Ha mais de tres horas que não se fala noutra coisa.
- Jeronimo - E você treme cada vez que se fala, não é verdade?
- Luiz - Ora que ideia a sua, tio Luiz. *Jeronimo.*
- Jeronimo - Para então com essas mãos, se for possivel.
- Luiz - Titio, não pense que eu estou tremendo de medo não. Eu não sou medroso.
- Jeronimo - Está tremendo do que, então?
- Luiz - De frio.
- Jeronimo - Eu acredito.
- Arminda - Póde ser sim, porque não? A madrugada está realmente muito fresca. Vou fazer um café quentinho para vocês.
- Alda - Fazer você porque, mãesinha? Peça a Catarina que ela faz num instante.
- Arminda - Catarina está lá em cima no quarto de sua irmã. Não quero que Celia fique só.
- Jeronimo - Bem, enquanto você vai preparar o café eu vou escrever uma carta a tal detetive amadora dizendo-lhe que venha.
- Alda - Eu vou com você, mamãe. Eu não fico sózinha aqui na sala com Luiz.
- Arminda - Venha então.
- Luiz - E eu? Vou ficar aqui? Não. Eu vou com titio lá para o escritorio. Não convem que ele fique sosinho. (CORTINA MUSICAL)
- Idóca - Recebi a sua carta, arrumei minha maleta e embarquei em seguida.
- Jeronimo - Muito bem. Diga-me antes uma coisa, minha senhora: a senhora é casada ou solteira?
- Idóca - Nem casada nem solteira.

- Jeronimo - Já sei. É viúva?
- Idóca - Viúva e....mais alguma coisa.
- Arminda - Mais alguma coisa? O que quer dizer esse mais alguma coisa?
- Idóca - Oh não se assuste, minha senhora. Quer dizer que sou viúva e desquitada.
- Arminda - Como assim?
- Idóca - Viúva do primeiro e desquitada do segundo. O meu primeiro marido, que se chamava Pantaleão Pereira da Pedra era uma boníssima creatura. (suspirando) Ai como nós fomos felizes!...Tinha todos as qualidades o meu querido Pantaleão mas tinha um grande defeito. Era teimoso pra xixú! Gostava de montar a cavalo. A mania dele era andar sempre montado. Eu lhe dizia sempre: "Pedra, essa sua mania me preocupa. Um dia você pôde levar um tombo e de machucar". O Pedra ria. Pois não é que um dia deu com a cabeça numa pedra?
- Jeronimo - Quer dizer- deu com a cabeça numa pedra mais dura?
- Idóca - É verdade. É tão dura foi que me fez vestir crepe por dois anos. Custei muito a me conformar. Um dia começou a se rondar a casa o sr. Sebastião Madeira. Negociante em vinhos. Agua mole em pedra dura o sr. sabe como é,, tanto bate até que fura.
- Jeronimo - Mas aí, o que furou não foi a agua e sim a madeira.
- Idóca - Pois é verdade. Casamos. Ao principio fomos muito felizes, mas parece mesmo que eu já estava destinada a casar com homens maníacos por cavalos.
- Jeronimo - Ele tambem gostava de montar?
- Idóca - Era doente por corridas de cavalos. Não deixava uma corrida por coisa alguma deste mundo! E por causa dos malditos cavalos um dia nos separamos.
- Arminda - Parece mentira que um homem deixe a sua mulher por causa de um cavalo.
- Idóca - De um cavalo? Dos cavalos o que é muito pior. Porque enfim ha homens que dedicam a um determinado cavalo um carinho e uma amizade tão grande só comparaveis ao que seriam capazes de dedicar a um filho. Mas que qualquer cavalo lhe merecesse mais atenção do que a mulher é intoleravel. Eu não podia continuar naquela situação humilhante. Separei-me na esperança de que ele se procurasse mas como ele continuou dando preferencia aos cavalos, não esperi mais, desquitei-me.
- Arminda - E teve toda razão de o fazer.
- Idóca - É o que todos me dizem, minha senhora.
- Jeronimo - Pois dona Ida.....
- Idóca - Idóca. Peço-lhe que me chame assim. O meu Pantaleão Pedra habituou-me de tal forma a esse apelido carinhoso que quando me chamam de outra maneira tenho a impressão de que não se dirigem a mim. Mas como eu estava ~~assustada~~ lhe contando, depois de desquitada eu fiquei eu fiquei a pensar no que deveria fazer. Casar de novo não me parecia aconselhavel....
- Jeronimo - Poderia encontrar um terceiro com a mania dos cavalos.
- Idóca - Efetivamente. E depois não só por isto. Afinal não temos divoreis ainda e a minha situação não ficaria uma situação inteiramente legalizada. Fui procurar até qualquer coisa em que empregar

- o meu tempo. Resolvi empregar-me. Um advogado procurava uma secretaria. Apresentei-me. Trabalhei com ele vários meses até que um dia deu-se um roubo de uns papéis no seu escritório. Esperei-me em descobrir o culpado porque afinal como secretaria do homem fiquei colocada em difícil situação.

Aracinda - Sem dúvida. Era uma situação muito delicada a sua.

Idóca - Comecei a olhar atentamente para todos que entravam no escritório e um dia cismei com a cara de uma senhora que de vez em quando me aparecia lá para vender meias. Diase comigo. Foi esta a ladra. Mandei prende-la.

Jeronimo - E era ela?

Idóca - Não. Mas o ladrão - que depois foi descoberto - vinha a ser primo de um concunhado dessa senhora. Foi então que eu descobri a minha verdadeira vocação - o meu fardo policial. Dediquei-me a isto.

Jeronimo - Pois muito bem dona Ida....

Idóca - Idóca.

Jeronimo - ...dona Idóca, a minha velha vai acompanhá-la até o seu quarto e depois conversaremos sobre o que aqui aconteceu para que a senhora possa ter uma pista.

Idóca - Está muito bem, mas não me fale em pista. Não me fale em pista, por amor de Deus que eu me lembro logo de corridas de cavalos!

(GORTINA MUNICIPAL)

~~Celia~~ - Você crê que haja alguma vantagem em dizermos a verdade a essa creatura?

Marcílio - Talvez, Celia. *Quem sabe?*

Celia - Pois eu lhe digo que não vejo vantagem nenhuma. Essa senhora parece detraquê.

Marcílio - E a seu pai, porque não quis você dizer tudo que se passou?

Celia - Para que não se impressione. Não desejo que papai saia desta casa sem que tenhamos esclarecido este mistério.

Marcílio - Você sabe o que é que se impressiona? É que tanto o tiro que lhe dei eu como os que lhe deu Onofre não lhe tenham atingido.

Celia - Mas isto é perfeitamente explicável, Marcílio. Ambos estavam nervosíssimos e não conseguiram firmar a pontaria.

Marcílio - Eu ainda estava a uma certa distancia do vulto mas Onofre estava tão perto dele que eu cheguei a ter a impressão que era o vulto que me atirava.

Celia - O que teria levado Onofre até junto do poço?

Marcílio - Naturalmente o ruído das correntes. E você observou uma coisa: tudo quanto Alda previu aconteceu?

Celia - Tudo propriamente não. Alda previu a morte de Onofre e entretanto Onofre está vivo.

Marcílio - Mas se não tivesse sido tão *rapidamente* atendido você bem viu que o medico declarou que ele não se teria salvo. (passos aproximando-se)

Idóca - Estive agora conversando com o peão.

Celia - O medico proibiu que o fizessem falar., dona Idóca.

Idóca - Os medicos proíbem tudo. *Afinal* já são passados 8 dias, o homem

- está quasi restabelecido que tem que fale dez ou quinze minutos?
- Marcílio - Não é o fato de falar e sim o de recordar um caso desagradavel.
- Idóca - Eu estou em dizer a vocês que já sei quem é o assassino, em todo o caso não quero firmar a minha opinião sem ter prova das acusações que vou fazer. Sim, eu preciso ter provas porque as minhas as acusações vão surpreender e escandalizar a todos.
- Celia - (ironica) Eu imagino.
- Marcílio - Eu por mim já me sinto escandalizado.
- Idóca - Não nos precipitemos, meu amigo, não nos precipitemos.
- Celia - Quando é que a senhora pretende conseguir essas provas?
- Idóca - Isso não sei. Depende de que se repita um fato semelhante aos que se tem dado aqui. Tenho estado atenta em todas estas noites e desde que chegassem ouvi ruido nenhum.
- Marcílio - Nós tambem levamos dois meses sem ouvir coisa alguma.
- Celia - Imagina se a assombração leva outros dois meses para aparecer!
- Idóca - Eu serei obrigada a ficar todo este tempo por aqui.
- Celia - Pois era isto, justamente, o que eu estava pensando.
- Idóca - Bem, mas não tem importancia. O meu trabalho agora é este mesmo.
- Celia - (baixo) Pois é, mas nós não temos culpa.
- Idóca - Bem, eu vou até a biblioteca ler as memorias de Scherlock Holmes. As leituras deste genero aguçam o nosso faro policial. Bybeby.
- Celia - Até logo. (passos) (pausa) Velhota maluca. (pausa) Escuta aqui, Marcílio, vamos dar um susto nesse Scherlock de saias?
- Marcílio - Um susto? Que genere de susto?
- Celia - Sairiamos de noite, mexeríamos nas correntes do poço para ver que attitude ela tomaria. Se ela investisse para lá nós a amordagariamos e a levariamos para a estribaria. O castigo dela seria passar toda a noite entre os seus antigos rivais - os cavalos. Mas eu não creio que ela tivesse a coragem de nos enfrentar.
- Marcílio - Seria realmente uma brincadeira interessante mas era preciso que todos em casa estivessem avisados para evitar qualquer susto ou qualquer consequencia. E para avisar a todos estou certo que seu pai não consentiria na brincadeira.
- Celia - Deixe-o comigo, que tratarei de convence-lo. A proposito, aí vem ele. Deixe-nos a sós. (passos que se aproximam) Então papai que novas ha? Chegou alguma aí?
- Jeronimo - Um homem que veio pedir pousada. Vai á cidade mas como vem de muito longe diz que está cansado e prefiria ficar a noite aqui e proseguir a viagem amanhã.
- Marcílio - Naturalmente ele não conhece a lenda do castanheiro senão com todo o cansaço preferia continuar a viagem.
- Celia - Quem sabe? Póde ser que conheça mas não se arreceie. Ha muita gente que só acredita no que vê.

- Marcílio - Vou ver a cara do homem. Onde ficou ele?
- Jeronimo - Ficou lá no galpão dos empregados tocando chimarrão.
- Marcílio - Vou até lá. Com licença. (passos que se afastam)
- Celia - Escute, papai, vamos conversar reservadamente, aproveitando que estamos sós. O sr. acredita que essa detetive que nos veio aí seja capaz de nos auxiliar a resolver esse misterio do castanheiro?
- Jeronimo - Não sei, minha filha, a gente vê tanta coisa. Enfim é mais uma pessoa interessada nisto e um ou outro pequeno ponto que ela possa elucidar talvez nos venha servir de muito no resultado final.
- Celia - Sabe, papai que eu estou tentada a experimentar a coragem dela?
- Jeronimo - De que forma?
- Celia - Ingo com Marcílio esta noite mexeramos nas correntes do poço. Quero ver o que ela fará quando ouvir o ruído característico.
- Jeronimo - Mas minha filha tu não pensaste que isto talvez possa ter más consequencias?
- Celia - Uma vez que todos estivessem avisados que perigo poderia haver?
- Jeronimo - Bem, faz o que quizeres. Só quero que me digas a hora em que pretendem fazer essa brincadeira para avisar a tua mãe.
- Celia - Quando o relógio tiver batido meia noite nós começaremos o trabalho. O sr. ficará de guarda para impedir que saia qualquer pessoa de casa para a rua. Marcílio avisará os peões uma hora antes de forma que não haverá perigo algum.
- Jeronimo - Talvez fosse melhor que Alda e Luiz ficassem á margem da brincadeira. São muito medrosos e poderiam prejudica-la.
- Celia - Luiz não terá coragem de sair do seu quarto e Alda - se por acaso acordasse com o ruído das correntes - seria impedida de sair pelo senhor que então lhe explicaria tudo na ocasião.
- Jeronimo - Muito bem, Combinado, então. (CORTINA MUSICAL) *Propaganda*
- Marcílio - Voa de muito longe o seu amigo?
- Viajante - É verdade. Lá da Serra Negra. Tres dias de viagem.
- Marcílio - Deve estar realmente muito cansado.
- Viajante - Bastante, moço, bastante cansado. Depois eu já não sou criança. Estou com quarenta e quatro na escuda.
- Marcílio - Diga-me uma coisa: O sr. já conhecia esta fazenda?
- Viajante - Conhecia! Já pernoitei aqui ha muitos anos atraz. Morava aqui o falecido Juca Pascal que na revolução foi obrigado a fugir com a familia para o Estado Oriental do Uruguay. Hoje está tudo modificado. Parece que a unica coisa que ainda está como era é aquele poço.
- Marcílio - Meu tio reforçou quasi tudo quando adquiriu a fazenda. Diga-me: não ouviu falar nada que esta casa era assombrada?
- Viajante - Sim ouvi, sei até que por causa disto a fazenda ficou muito tempo abandonada. É verdade?
- Marcílio - É verdade, sim.
- Viajante - Como nunca mais passei por aqui não fiquei sabendo se era ver-

- dade ou mentira. devia falar.

Marcílio - E mesmo assim animou-se a vir pedir pouxada?

Viajante - É que eu, pra dizer a verdade, não acredito muito nessas coisas. Se fosse realmente verdade o que contam, seu tio não estaria aqui com a família. (passos que se aproximam)

Marcílio - Você, Celia? O que há?

Celia - Papae consentiu na brincadeira. É necessário que você avise aos peões. Eu por minha vez vou avisar Catarina. Depois vá á sala de música, para combinarmos os planos todos.

Marcílio - Perfeitamente. Irei em seguida. (passos que se afastam) Foi meu amigo, vou avisar-lhe de uma coisa: Esta noite a assombração do poço vai aparecer.

Viajante - O que é que o sr. me está dizendo?

Marcílio - A verdade. Esta noite o fantasma vai aparecer.

Viajante - E como é que o sr. pôde saber isto?

Marcílio - Eu vou lhe explicar. Está aqui conosco há alguns dias uma visita cuja presença não nos dá prazer. Foi muito bem, eu e minha prima resolvemos assusta-la esta noite para vermos se se vai embora.

Viajante - Estou compreendendo. Foi o meu amigo eu vou lhe dizer com franqueza que gosto muito duma brincadeira destas. Se precisarem de uma ajuda podem contar comigo.

Marcílio - Você será capaz de nos ajudar?

Viajante - É porque não? Desde que não haja perigo de se dar um tiro.

Marcílio - Este perigo não haverá porque terei o cuidado de desarmar todos os revolvers que existirem em casa. Será o meu trabalho inicial. E depois, se a coisa ficar preta interromperemos a brincadeira na metade.

Viajante - Foi então, meu amigo, pôde contar comigo.

Marcílio - Se assim é, venha comigo á sala de música.

(CORTINA MUSICAL)

Catarina - Entrou por uma porta saiu pela outra, quem quisé que conte outra.

Alda - Que historia bonita! Oh, Catarina, você sabe tanta historia! Quem foi que lhe ensinou hein?

Catarina - Quando eu era ansina pequinhinha desse tamanho a preta minha avó sempre me contava historia.

Luiz - Conte outra, Catarina conte.

Catarina - O seu Luiz tambem gosta das minhas historia.

Luiz - Gosto, sim. Não sendo daquelles de almas de outro mundo e de lobishomem eu gosto sempre.

Catarina - Quasi toda as que a preta veia sabe são ansina.

Alda - Não, Catarina, você sabe umas de principes encantados e de princezas adormecidas que a gente gosta de ouvir mesmo. Olhe aqui; conte aquela da menina que era muito medrosa e um dia apareceu uma velhicha e deu um breve pra ela e desde aí a menina não teve mais medo de coisa nenhuma.

Catarina - Essa tambem é de assombração, seu Luiz num gosta.

Luiz - Ah não gosto mesmo, mas se você quer contar pôde contar porque eu vou dar o fóra daqui. Tchausinho. (passos que se afastam)

Alda - (rindo) Eu sou medrosa, Catarina mas o Luiz me ganha longe! Escuta aqui Catarina, foi bom que o Luiz foi embora porque eu estou louquinha pra tê contar uma coisa. Sabes que arranjei um namorado, Catarina?

Catarina - Um namorado?

Alda - Um namorado sim, Catarina, um namorado! Imagina que colosso, eu com namorado! Ih a Celia quando descobrir vai ficar despeitada! Sim, porque o namorado que eu arranjei é muito mais bonito que o primo Marcillo, nem tem comparação. É alto, elegante, uns cabelos louros muito crespos e um sorriso, Catarina! Um sorriso que é um abafa! (séria) Catarina: eu estou apaixonada.

Catarina - Misericórdia! Conta pra preta veia como foi.

Alda - Vou te contar: eu estava lá na porteira da frente quando ele passou a cavalo. Ele olhou pra mim, sorriu e eu sorri pra ele. Tinha que sorrir, não achas? Pois se ele sorriu. Ai ele foi andando e sempre olhando pra traz, sempre olhando pra traz. Quando ele fez a volta na curva da esquerda ele me deu adeus. Eu tive ~~xxxxxx~~ uma vontade louca de dizer adeus tambem mas fiquei com vergonha e não disse. Isso foi ontem, sabes? Hoje á mesma hora ele passou outra vez. Passou bem devagarinho e me deu boa tarde eu respondi e ele parou. Perguntou o meu nome eu perguntei dele - sabes como ele se chama, Catarina? Claudio. Quem é bonito, não é Catarina? Claudio! Ele me perguntou se eu tinha namorado eu disse que não ai ele me perguntou se eu queria ser namorada dele eu fiquei muito encabulada mas respondi que sim.

Catarina - E a mãezinha e o paesinho sabe disso?

Alda - Ainda não. Não contei pra ninguem, só pra você. Se você falar alguma coisa eu brigo com você e não lhe conto mais nada. Ele é esse vizinho. A fazenda dele faz divisa com a nossa pelo lado de lá. Ele queria que eu amanhã fosse até á divisa conversar com ele á tardinha. Mas eu tenho medo de sair pro campo assim ao escurecer. Porque é que eu não sou valente como a Celia, heia Catarina? Catarina, você não quer fazer um breve pra mim pra eu ficar valente? Você faz, Catarina, faz?

Catarina - Vê fazê, dexe tá.

Alda - Então faz hoje mesmo que é pra ver se amanhã eu já tenho coragem de ir até lá conversar com ele.

Catarina - Tá bom, a preta veia vai fazê agorinha mesmo que é pra benzê ele na hora de batê as Ave Maria que ai o breve fica bô de verdade.

Alda - Então vai, Catarina, vai. Hoje de noite eu já boto o breve no meu pescoço e amanhã já vou me encontrar com o meu namorado. Ih que beleza eu tenho um namorado! Eu só quero ver a cara da Celia quando souber disto. (risadas) Ela que tem a mania de se chamar de pirralha, vai ficar abafada quando conhecer o Claudio. (gargalhadas) A pirralha arranjou um namorado mais bonito do que o dela! (ri muito)

(CORTINA MUSICAL)

Aracinda - Já vai deitar-se dona Idóca? Marcillo e Celia vão fazer um pouco de musica não quer ouvir?

Idóca - Não posso dona Aracinda por duas razões: primeira porque necessito estar no meu posto de observação e segunda porque a musica me comove profundamente. Faz-me sentir uma saudade tão grande do meu Pantaleão!

Jeronimo - De madeira?

Idóca - Não sr. O Pedra. O Pedra é que tocou violino. O Madeira, esse não

- tocava coisa nenhuma.
- Jeronimo - (baixo) Tocava madeira na senhora.
- Idóca - Bem, com licença e muito boa noite para todos. (todos respondem) (sai)
- Arminada - (meia voz) Essa senhora parece que não regula muito bem mas tenho observado que no fundo é uma boa creatura.
- Celia - Inofensiva como todos os isbecóis.
- Arminada - Oh minha filha, não fale assim.
- Alda - Mas afinal vai sair ou não vai sair essa encantada musica?
- Marcillo - Vai sair sim. Está pronta Celia?
- Celia - Sim, podemos começar.
- Luiz - Vocês não levem a mal mas eu vou dormir.
- Celia - A verdade, não faça cerimônia.
- Jeronimo - Esse menino parece que não gosta de musica.
- Luiz - É uma questão de comodismo, titio. Uma preferem dormir sentado, eu prefiro deitado. Titia boa noite. (beijo)
- Arminada - Boa noite, meu filho, que Deus lhe dê uma noite tranquila.
- Luiz - Até amanhã, titio.
- Jeronimo - Até amanhã, menino. Durma bem.
- Luiz - Obrigado. Fosseal minha, by, by.
- Marcillo - Até amanhã, grande homem.
- Alda - Até amanhã homem grande. (passos que se afastam)
- Celia - E você não vai dormir também, Alda?
- Alda - Não. Hoje eu estou precisando ouvir musica, muita musica. Eu hoje me sinto toda uma pagina musical! (risos)
- Celia - Hum! O que estará pra acontecer!
- Arminada - Comece, minha filha. (ouve-se um sólo de violino acompanhado de piano, de preferencia musica romantica. Quando a musica vai em meio Jeronimo começa a ressonar). (quando a musica termina) Muito bem!
- Alda - Que coisa louca, meu Deus! Que coisa alucinante!... (roncos mais fortes de Jeronimo)
- Marcillo - O que, os roncos de titio?
- Alda - Não Marcillo a musica. A musica que vocês tocaram.
- Celia - Eu acho que a Alda foi mordida por cobra, sabe? (ronco) Mas vejam papai como dorme profundamente. (Começam a soar as onze badaladas da noite)
- Arminada - É sempre assim. Sempre assim! Bem, vamos dormir que já são onze horas.
- (CORTINA MUSICAL)
- Celia - (baixo) Que horas são?
- Marcillo - Faltam dez pra sair noite.

Celia - Foi bem que tivéssemos arranjado mais um esparsa para a nossa comédia porque assim enquanto ele se encarrega dos ruídos lá fóra nós poderemos observar os seus efeitos aqui dentro. Ela pra sair terá que passar por esta porta. Nós ficaremos um de cada lado do reposteiro. Enquanto eu lhe enfio esta carapuça na cabeça para que ela não possa nos ver nem gritar, você amarra-lhe os braços e as pernas. Depois a levaremos para a estribaria e uma hora depois vamos lá socorrê-la.

Marcílio - (rindo) Garanto que nunca mais se meterá nestas aventuras.

Celia - (rindo) Quando vou rir da cara dela depois, meu Deus!...

Marcílio - Será uma lição da qual ela nunca mais se esquecerá.

Celia - Papai já deve estar alerta para impedir que Alda saia de seu quarto, caso acorde. É por falar nela você reparou como estava romantica hoje? O que lhe estará sucedendo?

Marcílio - Isso com certeza é volta de algum namoro.

Celia - A Alda com namorado é forte.

Marcílio - Ora essa porque Celia? Você se esquece de ela está uma moça e como toda a moça há de alimentar os seus sonhos de felicidade.

Celia - Alda é um temperamento diferente, Marcílio.

Marcílio - Mas é mulher. Não esqueça isto.

Celia - Não acredito. Enfim...póde ser. Que horas são, Marcílio?

Marcílio - Faltam tres minutos, ainda.

Celia - Você já reparou que quando esperamos com ansiedade uma determinada hora os minutos levam uma eternidade para transcorrer?

Marcílio - É a nossa propria ansiedade que os prolonga. (grito de fóra fóra)

Celia - Ai! Eu sinto um arrepiamento toda a vez que ouço a voz dessa ave. Não sei se será por influencia das lendas que o seu som áspero nos produz uma sensação tão desagradavel.

Marcílio - É um som impressionante, mesmo. (pausa) Falta um minuto só. Daqui a pouquinho mais ouviremos o ruído das correntes do poço.

Celia - Vamos ficar alertas, então. (pausa. Ouve-se a musica funebre, muito em surdina) (assustada) Marcílio! Você está ouvindo, Marcílio?

Marcílio - O que? Não ouvi nada, por óra. (começam as doze badaladas da meia noite)

Celia - A musica, Marcílio, a musica!

Marcílio - Que musica Celia? Ouço apenas o relógio batendo meia noite.

Celia - Marcílio! Eu estou com medo, Marcílio. E se desistíssemos da brincadeira?

(OUVE-SE O RUÍDO DAS CORRENTES DO POÇO)

Marcílio - Você está com medo porque? Ouça. As correntes.

Celia - Mas não é ele, Marcílio! Não é ele! Por favor Marcílio. Acabemos com a brincadeira. Mandé parar este ruído, Marcílio. (desesperada) Por favor mande-o parar!

Alda - (gritando longe) Celia! Marcílio! Não! Por favor, voltem! Voltem!
(OUVE-SE A MUSICA FUNEBRE)

Celia - (desesperada) Alda! Alda! onde estão, minha irmã!

- Alda - (longe) Socorro! Socorro!... Socorro, meu Deus! Socorro!...
- Celia - Alda! Alda!... (chorando) Corre, Marcello, por favor!
- Marcello - (gritando aflito) Alda! Onde está você?
- Alda - (aproximando-se) (se abre muito aflita) Voltem! (chorando com desespero) Voltem antes que seja tarde. (soluçando) Voltem, por amor de Deus, voltem! (chora)
- Celia - (chorando) Alda, minha irmã, estamos aqui. O que tens fala? O que te aconteceu?
- Alda - (chorando) Que coisa horrível, meu Deus! Que coisa horrível. (passos precipitados que se aproximam)
- Jeronimo - Minha filha! Onde está minha filha?
- Aracinda - (chorando nervosa) O que foi meu Deus? O que aconteceu a esta menina?
- Jeronimo - Eu bem estava prevendo que a brincadeira poderia dar máis resultados.
- Aracinda - Fala minha querida, conta o que te aconteceu. Tua mãezinha está aqui, teu pai também. Estamos todos aqui.
- Marcello - Deve ter sido o ruído das correntes do poço que a impressionou.
- Jeronimo - Minha filha, não tenhas medo. Foi uma brincadeira que a tua irmã quis fazer para assustar a detetive. Eu devia ter ficado acordado para te prevenir quando ouvisses o barulho mas peguei no sono e não me acordei senão com os teus gritos.
- Aracinda - Estas brincadeiras nunca dão resultado. Celia é uma imprudente em imaginar estas coisas e você um louco em consenti-las.
- Alda - (exausta) Que coisa horrível, meu Deus! Que coisa horrível!...
- Jeronimo - Mas afinal foi só o barulho que te deu este susto, filhinha?
- Alda - Não, paesinho... não foi.
- Jeronimo - Fala então. Conta-nos o que houve.
- Alda - Não posso agora. Preciso descansar primeiro.
- Aracinda - Vou preparar um calmante para você, minha filha. (passos)
- Celia - Virou o feitiço contra o feiticeiro.
- Marcello - É a detetive, a todas estas?
- Celia - Nem apareceu. (batidas fortes na porta. Pausa. Novas batidas).
- Jeronimo - Quem é?
- Onofre - (de fóra) Só eu, patrão. O Onofre. É pra te avisar que o viajante apareceu morto/perto do poço, enrolado num lençol branco!
- Celia - (desesperada) Marcello! Marcello!... (chorando) Que horror, meu Deus! que horror!... (chora)

(CARACTERÍSTICA FONTE BAIXANDO DEPOIS PARA ENTRAR O SPEAKER:)

SPEAKER: - Por sua razão terá sido assassinado o viajante desconhecido? Quem o teria assassinado? E Alda, o que teria se passado com ela? Ouçam na próxima sexta feira, às mesmas horas de hoje a continuação desta novela policial que Roberto Lira escreveu e que teve o seguinte desempenho:

Armiinda ✓	—	Nina
Celia ✓	—	Lilia
Alda ✓	—	Conc.
Catarina ✓	—	Lia
Ruia ✓	—	Clavo
Yeronimo ✓	—	Rob
Marcilio ✓		Rubeis
Idoca ✓	—	Lidia
Delgado ✓		José Favara
Onofre ✓	—	M. Harne

*
Speaker - Roberto his e seus Artistas
foras curaçau. (sob' caract.)

Roberto - Osefredo do Palearbeiro
(sob' outra vez a caract.)

* * No capitulo de hoje teremos a
seguinte distribuição:

Marcilio -	Carlos More
Ricco -	Raymund Gray
Celia -	Maria Lita
Alda -	Rilia Maria
Jeronimo -	Claudio Real
Odorator -	Roberto his.
D. Idoca -	Joanca Margarita
Armanda -	Circuiba Milano
Euzefada -	Ripia Favaleante
O inspector -	Arno Broda

* * * Capitulo

Speaker: - Rob. ... (Canada)

Roberts: - O ... (Canada)

* *

No. Capitulo desta noite teremos
a seguinte distribuiçao:

- ~~Aranda~~ — ~~...~~
- ~~Caro~~ — ~~...~~
- ~~Antonia~~ — ~~...~~
- ~~Yer...~~ — ~~...~~
- ~~...~~ — ~~...~~
- ~~Alta~~ — ~~...~~
- ~~Onofre~~ — ~~...~~
- ~~Stu Baudera~~ — ~~...~~
- ~~D. Telva~~ — ~~...~~

*

M. República

Spencer: - *[Faint handwritten text]*
(Sob o nome de ...)

Roberto: - *[Faint handwritten text]*
(Sob o nome de ...)

* *

No capitula desta noite teremos a seguinte
re distribuição:

Marcilio _____

Celia _____

Luiz _____

Catarina _____

Alda _____

Yoloca _____

Jerônimo _____

Amunda _____

Claudio _____

Onofre _____

Rubens

Rilic Maria

Olavo Engel

Luiz Nazareth

Luiz Cayalcoque

Ridic Maria

Roberto Reis

Mia Rosa

Mario Hornes

Vitor More

Roberto Reis

- Um programa do Roberto Lis.-

(CARACTERISTICA)

III CAPITULO.

SPEAKER : - OS nossos ouvintes devem estar lembrados de que no ultimo capitulo deste programa, Celia e Marcilio, desejosos de dar um troco na detetive que lhes fôra auxiliar a descobrir o misterio do castanheiro, resolveram simultaneamente a apresentação do fantasma que mexia as correntes do poço, aceitando a colaboração de um viajante que ao cair daquela tarde lhes fôra pedir hospedagem. No momento, entretanto, em que a brincadeira deveria começar, Celia presentiu uma desgraça e empenhava-se com Marcilio para que terminassem aquella farsa quando ouviu os gritos de sua irmã Alda que desesperadamente lhes pedia que voltassem. Acorreram todos aos seus gritos e quando se imaginava que Alda tivera apenas um pesadelo, como já lhes parecia ter acontecido anteriormente, eis que batea desesperadamente á porta e a voz de Onofre anuncia de longe que o viajante havia aparecido morto, junto ao poço, embrulhado num lençol. Vamos encontra-las, agora, alguns dias depois do fato, ainda fortemente impressionadas com ele, após uma série de diligencias e indagações da policia que finalmente resultaram infructiferas.

(CARACTERISTICA FORTE AO PRINCIPIO E DEPOIS BAILANDO ATÉ DESAPARECER)

- Marcilio - Minha querida, não deves permanecer neste continuo abatimento. É necessario que reajas.
- Celia - Ainda não pude conformar-me com a morte daquele pobre homem. Considero-me unica culpada de toda essa tragedia.
- Marcilio - Não deves pensar assim. A ideia do troco foi tua, realmente, mas afinal todos nós concordamos com ela e até tomamos parte. Logo se tu tens culpa nós tambem temos.
- Celia - Mas a ideia foi minha. Partia de mim. Vocês apenas acederam para não se contrariar.
- Marcilio - Pensa no seguinte: que tudo que acontecesse estava determinado. É aquilo que estiver determinado pelo Alto não ha força humana que seja capaz de afastar. O que nós deveriamos fazer agora, para tranquillidade de vocês, era voltar para a cidade e não pensar mais em venciões na fazenda do castanheiro.
- Celia - Nada disto, Marcilio. Agora, mais do que nunca, desejo ficar aqui e descobrir este misterio.
- Marcilio - Mas se a policia nada conseguiu você crê que sejamos nós quem vamos conseguir?
- Celia - Talvez seja uma grande pretensão da minha parte mas o coração me diz que um dia ainda encontrarei a solução deste misterio. (passos que se aproximam)
- Marcilio - (risco) O que é isso, Luiz? Você vai a alguma caçada? De faca, revolver, laço e espigarda.
- Luiz - Ah sim, a mim é que não se pegam de surpresa. Suça aqui, Marcilio! quando é que nós voltamos pra cidade? Estou aflito pra deixar isto aqui. A gente não pôde dormir de noite.
- Celia - Não pôde dormir de noite, porque Luiz? Você tem medo?

Luiz - Não, medo não, mas você vê, como é que a gente vai dormir direito com todo esse equipamento? Não pôde.

Celia - Mas o que, você dorme com tudo isto?

Luiz - De certo que durmo.

Marcílio - Tem medo de ser agredido pelo fantasma?

Luiz - Não, eu não, mas se as meninas forem agredidas quem é que vai defende-las?

Marcílio - Ah é, realmente, você tem razão. Eu não tinha me lembrado disto.

Celia - Onde está Alda, Luiz, você sabe?

Luiz - Está na sala de jantar conversando com dona Idóca.

Marcílio - E você onde vai?

Luiz - Vou ver o Zacarias domar dois potros mas antes de escurecer estou de volta. Titio não está e não quero deixar as meninas sózinhas com tia Arminda.

Marcílio - Sósinhas como? Eu não sou coisa nenhuma aqui dentro?

Luiz - Sim é... eu não quero fazer que não seja... a questão é que perto de nós dois elas estarão mais garantidas.

Marcílio - Ah bem, isto eu acredito.

Luiz - Bem então até logo. Eu não demoro muito estou de volta.

Marcílio - Acredito sim. Dentro de uma hora já começa a escurecer.

Celia - Até logo, Luiz, vá com Deus.

(CORTINA MÚSICAL)

Idóca - Vamos, menina, até hoje você ainda não se resolveu a falar mas é preciso que compreenda que deve me contar tudo para que eu possa ter uma pista segura.

Alda - Mas se eu já falei, já contei tudo á policia e a senhora ouviu tudo quanto eu disse.

Idóca - Mas as suas declarações á policia foram muito vagas e não nos elucidam coisa alguma. Você precisa contar tim-tim por tim-tim. Comece, vamos. Diga o que aconteceu desde que se acordou com o ruido das correntes.

Alda - Eu não sei bem, dona Idóca, ha momentos em que tudo me parece muito claro e outros em que vejo tudo confuso. Pra lhe dizer muito francamente eu já nem tenho certeza se me levantei e vi o que declarei da janela do meu quarto ou se foi da propria cama onde eu me achava deitada.

Idóca - Da cama você não podia ver nada. Neste caso terá sido então nada mais nada menos do que uma alucinação.

Alda - Alucinação ou não a verdade é que eu ouvi o grito da coruja, ouvi o ruido das correntes do poço, ouvi o relógio bater meia noite e vi quando Celia e Marcílio dirigiam-se lá para o poço afim de agarrar o vulto branco que mexia nas correntes. Foi aí que um outro vulto - este porem preto - veio por traz do que se achava de branco e seguiu-o fortemente pelo pescoço até deixa-lo estendido no chão! Tive então a impressão do que Celia e Marcílio corriam em auxilio do que estava de branco e que outro investia para eles já com as garras prontas a exganar-los. Foi aí que gritei. (passos se aproximam)

- Catarina - Cum licença. A dona Alinda tá chamando pra i tomá café. Disse que o café já tá na mesa e que depois vai esfriá.
- Alda - Vá dona Idóca, eu não tenho vontade nenhuma. Vou ficar aqui.
- Idóca - Venha, menina, você precisa se alimentar.
- Alda - Não, muito obrigada, eu não tenho vontade.
- Idóca - Lembre-se que saco vazio não fica de pé. Era uma frase que o meu falecido Pantaleão Pereira da Pedra sempre me dizia. E nunca vi uma verdade tão grande. Eu não posso regeitar uma chicrinha de café. Quem trabalha precisa comer. Com licença então e até já.
- Alda - Até já, dona Idóca. (passos que se afastam)
- Catarina - (riado) Ela disse que não arregeita uma chicrinha de café. Uma chicra desse tamanho ela chama de chicrinha.
- Alda - A dona Idóca é uma novidade. Mas é boa creatura. Gosto dela. Estou principiando a aborrecer-me é com a vigilancia dela. De noite chega a assustar-me. Xquando menos espero a dona Idóca está dentro do meu quarto para ver se eu estou dormindo, se nada me aconteceu, se não ouvi coisa nenhuma. Chega a ir duas, tres e até quatro vezes por noite ao meu quarto. XEntão essas noites que papai não tem estado em casa ela se compenetra a tal ponto do papel de guardiã da família que chega a aborrecer a gente.
- Catarina - Ela tem andado muito lá pulo garpão dos empregado. E fala com um e pergunta pra otro e indaga pro telcero...o seu Snofre já anda engasgado com ela. Volta e meia tá se queixando lá pula cozinha.
- Alda - Ela parece que não simpatizou muito com o Snofre ou tem qualquer suspeita dele. E ele parece que já percebeu isso porque olha pra ela com uma raiva. Você acredita, Catarina, que Snofre seria capaz de praticar esses crimes todos?
- Catarina - Quer nada, dona Alda! Isso é alte de lubisome, eu sempre tô dizendo.
- Alda - E depois não devemos esquecer que foi ele a primeira vitima. Lembra-te como ficou ferido? Como as mãos do assassino ou do lobis-homen, como dizes tu, estavam marcadas no pescoço dele? As unhas do monstro chegaram a rasgar-lhe as carnes em certos lugares.
- Catarina - Eu se fosse o patrão não ficava nesta casa mardita nem mais um dia depois do que aconteceu aqui. Óia, vô le dizê uma coisa, minha: se não fosse o meu breve que traiz o meu golpe fechado e o bom querê que eu tenho por mecê e dona Celia, eu já tinha saído daqui ha munto tempo! Mecês tão brincando com assombração e eu com essas coisa num gosto de brinquedo.
- Alinda - (longe) Catarina! Oh Catarina! Onde é que tu estás?
- Catarina - (gritando para longe) Tô aqui, dona Alinda, já vô lá. (natural) Tãbão, dexa eu i que a patroa tá chamando. (passos que afastam)
- Alda - Coisa interessante o que se passa comigo!. Tenho um medo horrroso de tudo que se tem dado aqui. Chego a tremer só de pensar e imaginar o que ainda possa vir acontecer mas não quero nem pensar em sair daqui. Porque? Eu sei porque. Não devo mentir a mim mesma. É a ideia de me afastar de Claudio que me apavora. A minha ida para a cidade seria talvez o fim do meu romance. E ele é tão linda que seria pena terminar! Eu o amo, sem e tanto é verdade que o amo que prefiro correr todos os riscos a ter que separar-se dele! (bater quatro badaladas). Meu Deus, quatro horas já! Daqui a pouco ele estará passando lá na porteira. Tenho que ir prá lá imediatamente!.

- Alda - Como ele está demorando hoje! Já devem ser mais de quatro e meia. Que coisa aborrecida é esperar. Dizem que quem espera sempre alcança mas eu sou da opinião que quem espera desespera. (pausa) (RUIDO DE PATAS DE CAVALO MUITO AL LONGE) Parece-me que elêa aí vem. (pausa) Sim. Aproxima-se um cavalo. Deve ser ele, sem duvida. (RUIDO DE CAVALO MAIS PROXIMO). Sim, é ele. Vi agora os seus louros cabelos brilharem ao sol! Como é bonito! E que bem que ele monta. Vem depressa. Naturalmente sabe que va' atrazado. (os passos do cavalo se acentuam e se aproximam finalmente).
- Claudio - Perdoa-me, querida, fiz-te esperar muito, não é verdade?
- Alda - Um pouquinho, sim, se considerarmos que foram apenas trinta minutos mas muito se pensar que foram trinta minutos que perdi de estar ao teu lado.
- Claudio - Tu és um encanto, meu amor! Sentemo-nos aqui.
- Alda - Como custa a passar o tempo que se espera!
- Claudio - Custa, sim. Depois que nos separamos ao fim de cada tarde, eu não tenho outro desejo que não seja a aproximação das quatro horas do dia seguinte. E como elas costumam a chegar, meu Deus! Eu chego a ter ás vezes a impressão de que o relógio está parado e se não fosse o barulhinho do tic tac eu não me convenceria que os ponteiros estavam andando.
- Alda - Bem, não falemos mais nisto. O essencial é que estamos juntos agora. Vivamos este momento sem lembrar o que passou e sem procurar saber o que virá.
- Claudio - Sem procurar saber o que virá? Porque? Temes o futuro?
- Alda - Não é que o tema, propriamente. Faço isto para poupar a mim mesma futuras desilusões. As coisas nem sempre acontecem como desejavamos. Assim a melhor maneira de procedermos é a de não construirmos castelos na imaginação para que a realidade não venha a destruí-los no futuro. Quero viver apenas o momento presente. Gosa-lo em toda a plenitude da sua beleza sem me lembrar que antes desta hora houve outras que passaram e muitas outras que hão de vir. Tenho-te dito isto muitas vezes.
- Claudio - Sim, é verdade e foi exatamente por saber que pensas desta forma que hoje te trouxe uma carta.
- Alda - Uma carta? De quem?
- Claudio - Minha. Trago-te para que a leias depois de haver passado esta hora. Ou seja: para quando te encontrares de volta em tua casa, longe de mim.
- Alda - Mas qual a razão de ser dessa carta? Porque motivo a escreves-te?
- Claudio - Não toldemos a beleza do instante que passa, minha querida! As coisas nem sempre acontecem como desejavamos. Tratemos de viver apenas como tu mesma disseste - o momento presente. Tratemos de gosa-lo em toda a plenitude da sua beleza, sem nos lembrarmos que antes dessa hora houve outras que passaram e que outras, muitas outras hão de vir ainda!
- (CORTINA MUSICAL)
- Jeronimo - Tudo bem por aqui?
- Arminda - Felizmente. Estavamos ansiosas pela sua volta.
- Jeronimo - E eu ansioso por voltar. Sempre com cuidado em vocês.
- Arminda - E como correram as coisas por lá?

Jeronimo - Para quem tem a consciência tranquila as coisas correm sempre bem.

- que andar ás voltas com delegacias, inqueritos e mais isto e mais aquilo. Felizmente parece que eles se resignaram a botar uma pá de cal no assunto e esperar um novo acontecimento para reiniciar as investigações.
- Arminda - Credo, meu velho! Nem fala em novos acontecimentos. Eu já próibi terminantemente a todos e proibo agora a você. As correntes do poço podem mexer-se quantas vezes quizerem que ninguem me sai de dentro de casa para investigar. Chega de acontecimentos!
- Jeronimo - E Alda onde está que ainda não vi?
- Arminda - Foi a Igreja, como sempre.
- Jeronimo - Foi só?
- Arminda - Sim, ela sempre vai só.
- Jeronimo - Mas a Igreja é longe, minha velha e o caminho é deserto. Não acho conveniente esta menina expor-se por aí sem necessidade.
- Arminda - Ora, Jeronimo, de dia que mal tem? E depois quem poderia acompanhá-la? Catarina já está velha para acompanhá-la. Eu tenho a lida da casa que não posso abandonar. Celia não é quasi devota não se daria ao trabalho de acompanhá-la. Só se Luiz ou Marcilio quizessem ir com ela.
- Jeronimo - Não lhes custaria nada e pelo menos nós ficaríamos mais descansado
- Alda - (longe) Papai! (passos precipitados, abraços, beijos) Então, como ~~se~~ foi de cidade?
- Jeronimo - Felizmente bem. Estava agora mesmo falando em você.
- Alda - De mal ou de bem?
- Arminda - Seu pai estava preocupado com as suas saídas diarias á Igreja. Acha que é muito arriscado você expor-se aí por esses caminhos desertos.
- Alda - Ora, papai, não ha perigo nenhum.
- Arminda - Você deve vir com muita fome, não se velho?
- Jeronimo - Mais ou menos.
- Arminda - Mandei fazer uns bolinhos de batata, como você gosta e umalinguicinha assada no espeto. Não está sentindo o anoma?
- Jeronimo - Delicioso, minha velha! Delicioso!
- Arminda - Vamos então, venham jantar.
- Alda - Eu vou subir um instante ao meu quarto para trocar de vestido, mãezinha.
- Arminda - Trocar de vestido para que? Venha, senão você demora e seu pai está com fome.
- Alda - Mas é que....
- Jeronimo - Venha, venha. Deixe de indecisões.
- Alda - Está bem eu vou. (baixo) Talvez seja melhor mesmo que a leia depois do jantar! Papai chegou, a sua presença me trouxe alegria.. deixa que eu viva o momento que passar sem pensar no que ha de vir!

- Alda - Porque razão hesito em abrir esta carta? Será pela certeza de que ela me traz uma noticia ruim? Mas de qualquer forma para que prolongar mais a minha angustia? É uma tolice ter medo. Seja lá o que for que ela me traga, mais tarde ou mais cedo devo tomar conhecimento. (ruído de rasgar papel. Pausa) Minha adorada Alda - o que te escrevo neste momento poderia dizer-te pessoalmente, tanto mais que dentro de alguns instantes estaremos juntos. Mas...repetindo as tuas proprias palavras, para que envenenar o instante que passa com cogitações futuras se podemos pensar que o futuro não existe e que o presente é lindo? Na tua presença eu tratarei de lembrar-me apenas que estou perto de ti e esquecer que vou partir para longe...(interrompenso) Partir (continuando) e quem sabe por quanto tempo! Nada, entretando, ha de separar meu coração do teu. Nossas almas continuarão unidas pelo elo indestrutível e maravilhoso do amor, e só um dever sagrado poderia levar-me para longe de ti. Fui convocado. A Patria reclama os meus serviços e devo partir amanhã cedo. Levarei comigo a lembrança, dos momentos deliciosos que vivemos juntos que ficarão no meu coração, inapagaveis. Teu, muito teu e sempre teu. -Claudio. (pausa) Que pena! Vivi hoje a ultima pagina do meu romance tão bonito! (contendo o choro) Que tolice a minha...querer chorar agora. Se todos os romances tem um fim, porque não havia de ter tambem o meu? (passos que se aproximam) Vem alguém aí. Deixa-me esconder esta carta. (ruído de papel e de gaveta que se abre e fecha, rapidamente) Quem é?
- Catarina - Tô eu, dona Arda. O patrão manda pringuntá si mecê num vai decê. Diz que tão tudo arriunido lá na sala e que só farta mecê.
- Alda - Vou descer sim, Catarina. Pôdes dizer que vou descer já, já.
- Catarina - Mecê tá ansia cum uma cara...aconteceu alguma coisa dona Alda?
- Alda - Não, Catarina, nada. Estou assia com um pouco de dor de cabeça.
- Catarina - Quarqué coisa que não lhe assentô bem na janta, capaliz. Qué que a preta véia faça um cháinho?
- Alda - Não, Catarina, não é preciso. Obrigada.
- Catarina - Tá bão, intonce a preta vai decê. (passos)
- Alda - Catarina! (param os passos) Vem cá, Catarina. (passos) Eu menti para você. (contendo o choro) Eu tenho alguma coisa sim. Eu não queria lhe dizer nada para você não ficar triste...mas eu não pôsso mentir para você, Catarina. Eu não posso mentir.
- Catarina - Fuis antão diga, minina. Mecê sabe que a preta Catarina é munto sua amiga. O que é que mecê tem, diga.
- Alda - (voz de choro) O que eu tenho? Eu te-nho...(chorando) Uma vontade tão grande de chorar, Catarina. (choro convulso) Uma vontade tão grande de chorar! (soluços)
- Catarina - (voz de choro) Fuis intão chora, minha filha, chore. Eu sei bem essas coisa como é. Tombem fui moça e tombem tive o meu amô. O coração começa a duê dentro do peito e a gente começa a sigurá ele e a não querê chorá. Mais a dô vai omentando, omentando até que chega o momento que a gente num pôde mais sigurá. Aí a gente chora, chora, chora até que o coração miôra. Pôde chorá, minha fia. Não pareisa dizê nada que a preta já sabe tudo. Pôde chorá bastante que mecê vai ve como depois o coração já não dôe tanto. (soluços de Alda)

(CORTINA MUSICAL)

- Luiz - E Alda não desceu?
- Arminda - Estava com um pouco de dor de cabeça e resolveu deitar-se.
- Luiz - Que pena! Logo hoje que eu estava disposto a fazer um baile ela inventou de sentir dor de cabeça.
- Arminda - Um baile diz você? Que ideia é essa, meu filho?
- Luiz - Um baile é força de expressão, titia. Ia botar uns discos na vitrola para nos dansarmos um pouco. O Marcello com a Celia e eu dansava com ela.
- Celia - Uma boa ideia, Luiz porque você não falou nisto antes?
- Luiz - Estava esperando que Alda descesse para fazer a proposta. Ela não desceu...
- Marcello - O fato da proposta ter chegado um pouco tarde não impede que a aceitemos.
- Luiz - Pois é, mas eu vou dansar, com quem?
- Arminda - Dansa com a dona Idóca. A senhora não dansa, dona Idóca?
- Luiz - (baixo) Óra titia, não amola.
- Idóca - A senhora dirigiu-se a mim, dona Arminda?
- Arminda - Sim. Perguntei se a senhora não dansa.
- Idóca - Desculpe. Eu estava tão embebida/nas minha leitura que só me apercebi que se dirigiam a mim quando ouvi o meu nome. Não danso, não.
- Luiz - (baixo) Graças a Deus.
- Marcello - Que pena!
- Idóca - Pena porque?
- Marcello - Porque estávamos cogitando de fazer uma dansinhaaggrna e procurávamos um par para Luiz.
- Idóca - Bem...quer dizer...Eu não posso dizer que não danso. Sei dansar até muito bem. O meu falecido Pantaleão Pedra sempre me dizia. Idóca você é leve como uma pluma.
- Luiz - Deve ser mesmo. Basta olhar para a senhora que a gente vê logo que a senhora é leve. (baixo) Leve como cem kilos de pluma.
- Idóca - E se é para dansar aqui, na intimidade eu não me nego absolutamente. Costo até muito dessas brincadeiras.
- Luiz - (baixo) Socorro, titia, por favor. Eu não fiz nada para merecer castigo.
- Arminda - Bem mas parece que já é um pouco tarde para a brincadeira, Luiz.
- Marcello - Nada disto, titia, são dez e pouco, apenas.
- Arminda - É, mas Alda está com dor de cabeça Jeronimo já está ali cochilando na cadeira. Não vale a pena perturba-los.
- Jeronimo - (despertando) O que é que tem o Jeronimo que vocês disseram?
- Arminda - Nada, meu velho. Estou dizendo que você está cochilando aí na cadeira. Porque não vai se deitar? Venha, vou abrir-lhe a cama. Eu também estou cansada. Até amanhã, meninos, não demorem muito.

- Marcílio - Até amanhã, titia.
- Arminda - Tome um copo de leite antes de deitar. Até amanhã, dona Idóca.
- Idóca - Muito boa noite, dona Arminda. Durma bem.
- Arminda - Obrigada, igualmente. Ven meu velho.
- Jeronimo - Até amanhã, pra todos. (todos respondem. Passos que se afastam)
- Celia - Você veio falar em baile para deixar a gente com vontade de dançar.
- Luiz - É porque pensa você que eu falei nisto? Falei porque também estava com vontade de dançar.
- Marcílio - Escutem e se nós ligássemos a vitrola bem baixinho?
- Luiz - (baixo) Pra eu dançar com a dona Idóca? Não. Eu prefiro ir me deitar. (alto) Tahau, heim? Boa noite dona Idóca.
- Idóca - Boa noite, menino, durma bem. (passos que se afastam) Tome um copo de leite que sua tia recomendou.
- Marcílio - (baixo) Até que horas ela pretenderá ficar de guarda de honra?
- Celia - ^{Onofre} Dá-se um geitinho, não te incomodes. (transição) Não é o ~~Onofre~~ que vai lá?
- Marcílio - Parece que é. Deixa-o passar na luz da porta do galpão que eu já te digo. (pausa) É ele, sim.
- Celia - (chamando sem querer gritar muito) Onofre! Psiu! Onofre! Venha cá. Dona Idóca a senhora seria capaz de fazer um favor para mim? Subir lá e ver a Alda como está? Eu mesma deveria ir em vez de interromper a sua leitura mas comigo ela poderia aborrecer-se o que com a senhora não aconteceria.
- Idóca - Óra, menina vou sim. Não me custa nada. (passos afastam)
- Celia - Eu acho que o Onofre não ouviu quando eu chamei.
- Marcílio - Ouviu, sim. Ele já vem aí. (passos que se aproximam)
- Onofre - Boas noites. Ovi arguem me chamá. Foi daqui?
- Celia - Foi eu sim, Onofre. Você sabe que eu quero afastar a dona Idóca daqui. Ela se planta junto da gente e não sai mais.
- Onofre - Muíé véia quando dá pra arcovitera é um caso sério.
- Celia - Eu queria que você daqui a um pouco mais, quando ela voltasse aqui prá sala mexesse lá nas correntes do poço. Ela ouvia o barulho lá investigar e nos deixava em paz. Você terá coragem de fazer isto?
- Onofre - Eu posso fazê, mas o caso é que essas brincadeira às veiz dá mau resurtado.
- Celia - Você chega ali, sacode as correntes e vai embora.
- Marcílio - Cuidado Celia.
- Celia - Então deixe, Onofre, se você não tem coragem deixa que eu faço.
- Onofre - Não senhora, dexa que eu faço. O peçoço já tá curado. Caboco é anssim, depois que cura a firida não se alembra mais da dô.
- Celia - Pois então vá, quando ela voltar para cá já sabe.
- Onofre - Sim senhora. Boa noite. (passos)

- Marcílio - Você mesma havia dito que nunca mais faria essas brincadeiras.
- Celia - Você estará com medo, Marcílio?
- Marcílio - Não é medo. Não confunda precaução com medo. Se nós já brincamos uma vez e nos saímos mal não devíamos tentar segunda. (passos)
- Celia - Silêncio que ela vem aí.
- Idóca - Está dormindo profundamente. Abri a porta muito sutilmente, entrei com pesinhos de lã e observei-a atentamente durante o espaço de quasi cinco minutos. Dorme como um anjo.
- Celia - Muito obrigada, dona Idóca, desculpe o trabalho que lhe dei.
- Idóca - Trabalho nenhum, menina, ora essa!
- Celia - Pelo menos teve que interromper a sua leitura.
- Idóca - Eu continuo agora. Não tem importancia.
- Celia - O que é que você vai fazer, Marcílio?
- Marcílio - Botar um disco na vitrola, Estou com vontade de ouvir musica.
- Celia - Não ponha muito alto, então. Lembre-se que estão quasi todos dormindo. (ouve-se um bolero ou uma canção romantica cantada por Elvira Rios).
- Marcílio - Canta maravilhosamente bem essa creatura!
- Celia - Muito bem. Você botou a sua artista preferida agora eu vou botar (frizando) "O meu artista preferido". (ouve-se uma canção franceza por Jean Sablon. Quando a musica vai em meio ouve-se os ruidos das correntes do poço a uma certa distancia).
- Idóca - (alarmada a meia voz) Pare a musica, menina. Você não ouviu nada? (a musica para)
- Celia - Não. O que foi?
- Idóca - O ruido das correntes. Você não escutou?
- Marcílio - Não. Também não ouvi nada.
- Celia - Não teria sido impressão sua, dona Idóca?
- Idóca - *X Y* O Ruido das correntes do poço. Nada disto. (Ouvi distintamente. Fechem essa porta aí imediatamente que eu vou lá para cima observar da janela do meu quarto. (passos precipitados que se afastam. Celia e Marcílio riam às escondidas)
- Celia - Ela vai observar em baixo das cobertas.
- Marcílio - A primeira recomendação dala foi de fechar a porta, você viu?
- Celia - Eu nunca me enganei com dona Idóca, Marcílio. Essa creatura lá tem pinta de detetive?
- Marcílio - Escuta, Celia: e se o ruido não tivesse sido feito por Onofre?
- Celia - Ora Marcílio, que bobagem a sua! Tenho certeza absoluta de que foi.
- Marcílio - Mas você quer saber de uma coisa? Eu vi quando Onofre saiu do galpão mas até agora não voltou para lá. E eu não desprendi os olhos do quadrado iluminado pela porta.
- Celia - É que ele está por aí com certeza. Veja lá. Junto ao poço não ha ninguém. E depois eu tenho razões segurissimas para afirmar a você que desta vez foi o Onofre que mexeu as correntes. (ruido de patas de cavalo ao longe, afastando-se cada vez mais)

- Marcílio - Ouça. (pausa. continua o ruído do cavalo al longe)
- Celia - É alguém que está passando à cavalo lá na estrada. Não pensemos mais nisto. Desejamos tanto que dona Idóca nos deixasse só. Ela subiu e nós totalmente desperdiçamos os nossos momentos em suposições e receios. Gozemos a beleza da noite e deixemos de parte essas tolices. Vou ligar novamente a vitrola bem baixinho para que a musica complete a apoteóse de beleza que o céu oferece á terra. (Passos. Ruído de corda e o disco anterior quasi me áurdina)
- Marcílio - (após uma momento em que só se ouve a musica) A musica! O céu cheio de estrelas! O perfume balsamico da noite...e você Celia!
- Celia - Assim, Marcílio. Continua. Fala-me assim bem docemente. Embriagadamente como só você sabe falar ao meu coração!
- Marcílio - Amo-te Celia. Já tenho te dito muitas vezes, mas não me canso nunca de repetir.
- Celia - E eu não me canso nunca de ouvir-te dizer, Marcílio.
- Marcílio - Como é bom sonhar, Celia! Sonhar assim de olhos abertos tendo a nossa cabeça encostada á de alguém a quem queremos e que é toda a razão da nossa vida. (pausa, a musica continua) Digame: você já falou a titio dos nossos projetos de futuro?
- Celia - Não, Marcílio, não disse nada ainda nem a mamãe nem a papai. Não creio, entretanto que eles ignorem.
- Marcílio - E não lhe parece que seria melhor prepara-los desde já?
- Celia - Não vejo necessidade. Não creio que eles tenham razões para antepor aos nossos projetos mas qualquer objeção que proventura pudessem fazer poderia vir empanar a beleza dos dias maravilhosos que estamos vivendo.
- Marcílio - Mas algum dia eles terão que saber tudo.
- Celia - Nesse dia falaremos a eles.
- Marcílio - Que bom será termos a nossa casa. Os passarinhos cantando na varanda inundada de sol e Elvira Rios e Jean Sablon a cantarem para nós as melodias mais lindas e capazes de nos embriagar de senho e de amor!
- Celia - Que felizes seremos então, Marcílio.
- Marcílio - Muito felizes, Celia. Mais felizes do que o somos neste instante.

(CORTINA MUSICAL)

(Doze badaladas espaçadas. Batidas fortes numa porta, longe)

- Idóca - (gritando longe) Abram! (batidas) Abram a porta! (batidas) Porque me encerraram aqui? Abram esta porta depressa. (batidas) Fecharam me por fóra! Abram! (batidas) Abram depressa! (Passos precipitados que se aproximam)
- Jeronimo - Quem é que está gritando? De onde veem estes gritos? (passos)
- Armanda - (aflita) Vem cá meu velho, não te exponhas assim. Os gritos não gem de fóra. São dentro de casa mesma. (passos)
- Marcílio - O que foi, titia, o que aconteceu?
- Armanda - Não sei, meu filho. Estou completamente tonta. Acordamo-nos com uns gritos e não sabemos de onde eles veem.

Idóca - (gritando de dentro)

(batidas)

- Abram depressa, o que é que estão esperando? (batidas)
- Marcílio - É a voz de dona Idóca! Ela parece que está encerrada no quarto.
- Arminda - Corre lá, meu filho. (passos que afastam) Meu Deus do Céu! Não se tem mais socego nesta casa! (passos que se aproximam)
- Celia - O que foi mamãe?
- Arminda - Não sei, minha filha, não sei de nada. Espertei com uns gritos e até agora não sei o que aconteceu. Teu pai e Marcílio foram ver o que é.
- Celia - É Alda onde está?
- Arminda - Deve estar no seu quarto dormindo.
- Celia - É extranho/que não se tenha despertado com tamanha gritaria. Vou ver. (passos que afastam rápidos)
- Arminda - Jeronimo é muito teimoso. Nós não devíamos permanecer nesta casa.
- Idóca - (passos) Encerraram-me no meu quarto, imagine a senhora! Só agora consegui lavar-me.
- Arminda - Mas encerraram-na porque?
- Marcílio - Quem a encerrou?
- Idóca - Não sei. Só sei que eu estava aqui em baixo lendo o meu livro quando ouvi as correntes do poço. Subi para observar de cima os movimentos e pousei-me á janela. A pouco e pouco comecei a sentir um perfume exquisito mas agradável. Espirei a primeira, a segunda e quando espirei a terceira vez já percebi que estava ficando tonta. Tentei abrir a janela para ver se o ar fresco da noite dissipava a minha tontura quando me apercebi ainda que os braços de um homem encolviam o meu corpo e deitavam-me na cama. Quiz falar mas não tinha mais voz. Quando despertei foi há pouco, já encerrada pelo lado de fóra. (passos precipitados que aproximam-se)
- Celia - (assustada) Mamãe! Pai! Alda desapareceu. Não está no quarto nem em parte alguma!
- Arminda - Virgem Santissima!
- Jeronimo - Não é possível. Esta menina deve estar em algum lugar. Procuram-na. Ajudem-me a procura-la. Onofre! (gritando) Onofre! Depressa Onofre. Venha, traga todos os peões. Venham todos. Onofre depressa. Onde estás Onofre? (passos perto)
- Marcílio - Titio!
- Jeronimo - O que ha menino, fala.
- Marcílio - (assombrado) Onofre desapareceu. (pausa, silêncio geral. Ruído das correntes do poço).
- Celia - (desesperada) As correntes do poço! (chorando) As correntes do poço! (característica forte para o final do capítulo)
- SPEAKER ; - Onde estará Alda? Porque motivo terá Onofre desaparecido? Quem teria encerrado dona Idóca no seu quarto? Teria sido ela narcotizada? Porque? Para que? Ouçam a continuação deste programa na proxima sexta feira ás mesmas horas de hoje. Foi este o III capítulo do Segredo Do Castanheiro, a nova criação de Roberto Lis. Foi a seguinte a distribuição desta noite:

Marcílio.....João Bergmann
 Celia.....Louces Cotrim
 Luiz.....Claudio Real.

Catarina.....Lilía Maria.
 Alda.....Garmen de Alencar.
 Idóca.....Francisca Margarita.
 Jeronimo.....Alberto de Macedo.

IV CAPITULO

(CARACTERISTICA)

Os nossos ouvintes devem estar lembrados de que no ultimo capitulo deste programa, Celia e Marcilio, não poderam estar mais á vontade, pediram a Onofre que mexesse as correntes do poço a fim de arrancar dona Idóca de perto deles. O ruído fez com ela realmente se afastasse dali e se postasse á janela de seu quarto que ela transformara em posto de observação. Pouco a pouco, e entretanto, uma grande tentura foise apoderando de dona Idóca que terminou adormecendo para despertar meia hora depois encerrada n no seu quarto. Fazendo enorme alarido a detetive despertou a todos que já se achavam dormindo que acorreram pressurosos a liberta-la, verificando então, com grande espanto, que Alda e Onofre haviam desaparecido exatamente no momento em que o ruído das correntes do poço se fazia ouvir mais uma vez. Vamos encontra-los agora, duas horas depois do sucedido, ainda na angustiada expectativa do desaparecimento de Alda e Onofre que não foram encontrados.

(CARACTERISTICA)

- Arminda - (chorosa) Eu só peço a Deus que a minha filha ainda esteja viva! Que coisa horrível, minha Nossa Senhora!... Eu bem dizia a Jerônimo que não devíamos permanecer aqui. Ele foi teimoso, aí está o resultado. (soluços)
- Celia - Mamãe, não se desespera deste modo.
- Arminda - Como não hei de me desesperar se minha filha não aparece em parte alguma? Sabe Deus até se já não está morta a coitadinha!
- Celia - Tenho certeza de que ela não morreu, mamãe. Certeza absoluta.
- Arminda - Como podes ter essa certeza? Não ouviste tu mesma as correntes do poço?
- Celia - Sim, ouvi as correntes, realmente, mas... A senhora verá como Alda está viva.
- Arminda - Mas onde está ela então que ninguém sabe?
- Celia - Onde está não sei, mas que está viva não tenho a menor receio de afirmar.
- Arminda - Se Deus me conceder a graça suprema de encontrar minha filha com vida, não ficarei nem mais um dia nesta casa maldita. Voltaremos em seguida para a cidade. Chega de sustos e complicações. (passos próximos)
- Catarina - Dona Arminda, vim trazê mais um pouquinho de chá de laranja pra si-nhora. Tome mais um pouquinho que a senhora se acalma.
- Arminda - Eu só me acalmarei depois que minha filha tiver aparecido. Antes disto é inutil.
- Catarina - Tome, em todo o caso que a senhora mióra sempre um macado.
- Celia - Escuta, Catarina, tu tens certeza de ter visto o vulto descer para dentro do poço?
- Catarina - Tenho, dona Celia, certeza bissuluta. Quando eu me acoldei e ovi os gritos ingusticosos da dona Idóca, corri logo na janela e tratei de ir olá pro poço aí eu vi um vulto que parecia um macaco dá duas ou tres is vorta em dirredó do poço e depois dá um pulo na direção das cor-rente se assegurá nelas e ganhá pra dentro do poço. Quando meceis tudo chegou ali fóra pra olá já ele não tava mais.

- Celia - Então deve ser algum bicho que se oculta no fundo d'água. Uma criatura não poderia ser porque morreria afogada, por força.
- Catarina - Pois tô le dizendo que parecia um macaco. Ele curria ansim em vorta do poço todo incuído e di repente deu um sarto que só um bicho era capaiz de dá.
- Celia - Francamente, cada vez se complica mais esse mistério. (duas badaladas)
- Arminda - Duas horas da madrugada e nada de aparecer ~~minha~~ filha! (chora)
- Celia - Tenna calma, mamãe, não chora assim. O que é que a senhora adeanta em chorar? Esperemos que papai e Marcílio regressem. Eles não de nos trazer qualquer noticia.
- Catarina - Reze, dona Arminda, reze e tenha fé em Deus que tudo ha de se ageitá. (RUIDO DE CAVALOS QUE SE FANXIMAM).
- Celia - Devem ser elas que voltam. Vamos a ver o que nos dizem.
- Arminda - Não posso ver nada. Está tão escuro. Veja, Celia, veja se você divisa Alda entre eles. (CESSA O RUIDO DOS CAVALOS).
- Celia - É difícil. Esperemos um pouco mais e já teremos a solução. Lá vem papai.
- Arminda - Valha-me minha Nossa Senhora da Conceição! Que noticias me trará ele? (passos que se aproximam) E então, meu velho? Fala pelo amor de Deus, faça que eu não posso mais conter a minha angustia!
- Jeronimo - Nada, minha velha. Infelizmente nada. (soluços) Batemos o campo todo a cavalo mas não achamos ninguém.
- Arminda - Eu sabia! O meu coração me dizia. Pobre da minha filha, da minha Alda!... Com toda a certeza já não vive mais.
- Celia - Mamãe, não repita isto, por favor. Afianço-lhe que Alda está viva. Creia no que eu estou lhe dizendo.
- Arminda - (chorando) Eu bem quizer crer, minha filha, eu bem quizer crer, mas infelizmente não posso!
- Celia - E Marcílio, papai, onde ficou?
- Jeronimo - Foi obrigado a ficar para traz com um dos peões para atender a dona Idóca.
- Catarina - O que é que tinha essa criatura que amuntá a cavalo e saí pur aí no meio dos homê! Esse diabo dessa mulé parece que num é bem celta.
- Arminda - Jeronimo! Meu velho! Você vai me prometer que se Alda aparecer viva e se ~~ela~~ não ficaremos nem mais um dia nesta casa maldita. Eu não posso mais ficar aqui, Jeronimo. (chorando desesperada) Eu enlouqueço, meu velho! Eu enlouqueço! (chora)
- Jeronimo - Vamos, minha velha, o que é isto? Não fique assim. Tenha coragem, que diabo! Você que foi sempre tão valorosa, sempre se emprestou tanta coragem nos meus momentos difíceis agora está querendo fazer feio?
- Arminda - Não ha coragem possível a um coração de mãe (chorando) que busca desesperadamente a sua filha e não a encontra. Jeronimo! Jeronimo! Eu quero a minha filha, Jeronimo! Eu quero a minha filha! (soluços desesperados)
- (CORTINA MUSICAL)
- Claudio - Como te atreveste a vir aqui tão longe e uma hora destas?
- Alda - É a coragem que o amor nos empresta, meu querido. Quando soube que las partir deliberei que viria procurar-te para trazer-te o meu beijo de despedida.
- Claudio - Quando o Emelindo me chamou de parte, na varanda da fazenda para

- dizer que uma moça desejava falar-me juro-te que fiquei assombrado e mais ainda quando verifiquei que essa moça eras tu.

Alda - E Estás aborrecido por ter vindo?

Claudio - De forma nenhuma. É uma prova de amor que só me poderá causar alegria, O que me admiro é como pudeste ter tanta coragem para atravessar todos estes campos a esta hora da noite.

Alda - Já te disse que o amor nos dá coragem, querido.

Claudio - E na tua casa não terão dado falta de ti?

Alda - Não creio. A unica creatura que poderia verificar a minha ausencia seria dona Idóca mas prepareilhe um narcotico que a fará dormir até amanhã muito tarde.

Claudio - Um narcotico? E como o conseguiste?

Alda - Temos num vaso uma planta que papai nos disse que queimada exalava um aroma muito agradável mas que nos ia narcotizando aos poucos até nos roubar completamente a noção das coisas. Lembro-me até que uns dias que mamãe esteve com insônia papai botava-lhe um galinho debaixo do travesseiro. Cortei um galho, botei sobre as brazas e escondi-o no quarto de dona Idóca. Momentos depois ela dormia profundamente.

Claudio - Você é extraordinaria, meu amor!

Alda - Extraordinario é o amor, Claudio, e não eu. (pausa) O que estás pensando meu querido?

Claudio - Que dentro de algumas horas nos teremos que separar e sabe Deus por quanto tempo!

Alda - Claudio, não pensemos no que ha de vir, até mesmo neste momento supremo. Tratemos de goza-lo enquanto estamos juntos. Tu estás a meu lado, eu me sinto feliz e isto me basta.

Claudio - E quando nos tivermos separado?

Alda - Ficará connosco o perfume suave deste momento inesquecível! (pausa) Tu me escreverás, não é verdade?

Claudio - Sim. Mandar-te-ei sempre noticias mas tu has de me escrever tambem. Prometes?

Alda - Prometo, sim. (ouve-se uma canção ao longe acompanhada por violões)
Quem é que está cantando?

Claudio - São os peões lá no galpão. Cantam todas as noites até muito tarde.

Alda - Como é bonita a musica dentro da noite cheia de estrelas!

Claudio - E como ela embala os nossos corações!

Alda - Não falemos agora. Ougamo-la, simplesmente. (ouve-se a canção até o fim)

Claudio - Terminou como termina todas as coisas boas desta vida. Deixando uma saudade em nossos corações.

Alda - Claudio, deve partir. É tarde e começo a divisar no horizonte os primeiros albos da manhã. Beije-me os olhos em silencio e que a lembrança suave deste instante te acompanhe aonde quer que tu estejas.
(Ruído de dois beijos suaves e destacados)

Claudio - Adeus.

Alda - Não me digas adeus. Deteste esta palavra. Diz assim: até qualquer dia eu está que nos tornemos a ver novamente.

Claudio - Até qualquer dia, Alda, ou até que nos tornemos a ver novamente. (Novamente uma canção ao violão, cantada ao longe e o ruído das patas de um cavalo que se vai afastando a pouco e pouco)

(CORTINA MUSICAL) (Ruído de grilos e sapos)

Onofre - (fóra) Seu Bandeira! Ó seu Bandeira! (batidas na porta) (latidos de cachorro fóra)

Bandeira - Quem procura preto veio essas hora da noite?

Onofre - Sou eu, seu Bandeira. O Onofre. O pião da fazenda do Castanheiro. Abra.

Bandeira - Pera um mucado, meu fio. Preto veio bai abri. (latidos de cachorro) Entra fio. (O ruído dos sapos fica fazendo fundo) Que le traiz a esse rancho nessa hora da noite?

Onofre - Ó que me traiz aqui, seu Bandeira, é um caso que tem assucedido várias veiz lá na fazenda e que eu epreiso esclarecê.

Bandeira - Aquela fazenda é mrdita, meu fio. Seu patrão vai teimá com assombrão.

Onofre - Na primera veiz que eu ouvi as yorrente, do poço meu pescoço ficou com os deiz dedo do marvado mareando aqui ansia. A segunda veiz um viajante que foi lá pídi posada apareceu istindido memo nas proximidade do poço. Hoje me pediro que mexesse nas corrente prá dá um susto numa vela que se meteu lá a querê descobri esse mistério. Quando eu cheguei lá e catuquei as corrente ansia vi quando o cujo vinha assubindo por elas em dereção a mim. Amuntei depressa no cavalo e me bati pra cá. Não sei o que terá acantido por lá. Quando vortá é que vô sabê.

Bandeira - Preto veio pôde fazê baxá o santo pra móde le dizê tudo dereitinho mas é preciso primero que mecê bóte em riba da mesa deiz mueda pratiada e deiz mueda dorada. Só ansia o santo fala.

Onofre - Está bem, seu Bandeira, eu truxe cumigo as mueda. (pausa, ruído de moedas sobre a mesa) Aqui tá elas, seu Bandeira.

Bandeira - Tá munto bem, meu fio. Agora precisa arrumá elas tudo em vorta dessa vasía com agua. Na agua preto véio vai vê tudo pra móde dizê pro meu fio. (ruído de moedas, pausa) Agora dexa atiqá essas brasinha prá móde queimá uma gainho de arruda e guiné. (ruído de aporrar) Tá bem atiqado já. Com essas brasinha atiqada e essas ervinha quem. da preto veio conta tudo. (ruído de quebrar uns galinhos) Agora meu fio se assenta aqui e escuita o que o preto veio vai falá. (batidas de campainha) Ogun, bará, achanan oxalá, chapanan, orixá. (campainhas) Ogun, nhas) Ogun, bará, chanan, oxalá, chapanan orixá. (campainhas) Ogun, bará, achanan, oxalá, chapanan orixá: (pausa) Tumba rará, taribumba, rará taribumba oridá - liridan! (bataque) Tumarará taritumbará, rará taribumba oridá liridan. (bataque, campainha, pausa) Ogun bará, achanan, oxalá, chapanan, orixá. De cum, de cum, de sá derê, cundé anáí oíá buquet. De que leci anáí oíá de recundé. De cum, de cum de sá de sê, cundé anáí oíá buquet. De que leci anáí oíá - de recundé. Bará das rua, bará das lomba, bará das casa, da encruiziada, bará dos mato e dos terrero, bará das agua e dos barranco, conta pro preto desse misterio que o preto conta pro moço branco. (Ruído de colares) Psiu! (pausa) Psiu! (pausa) Psiu!!... Preto veio tá vendo um poço fundo e um tisóro iscondido bem lá em baxo. Tem um veio que cuida. Tem um veio que mata as pessoa que vai perto prá robá. Ele assobe, ele adesco nas corrente, quando a noute tá clara de luá. Preto veio tá vendo quando agarró mecê pulo pescoço Preto veio tá vendo quando ele mató o moço viajante. Preto veio tá vendo quando ele assubiu pulas corrente prá móde via hoje a procura de mecê. Mecê fugiu no cavalo ele vortô. Hay um tesoro grande iscondido no fundo daquele poço e esse veio tá sempre cuidando dele. Bará das casa tá dizendo que ocê pôde matá o veio, meu fio. Quando a noute tivé bem clara que nem dia, alumiada pela luz da lua cheia, mecê bóta na beraba do poço um preto cheio de tumate e no meio dos tumate a fruta do mata cavalo.

saqui

- ele tivé cumido a cálcera fruta o colpo dele vai caí pra dentro do poço. Mecê pôde desê e perseguá o tisoro que vai incontrá. É só o que o bará tem pra dizê pra o preto veio. (cambainhas) Ogun bará a-chanan, oxalá chapanan orixá. De cum, de cum de cá de derô, cundê anai olá buquet, de que laci anai olá de recundê. (bataque forte que vai se apagando aos poucos até desaparecer) (grilos e sapos e ruído de cavalo que se afasta)

(CORTINA MUSICAL)

(Cinco badaladas espaçadas)

- Idóca - Alda! Alda! Acorde-se, Alda. Você não ouve eu lhe chamar menina? Alda!
- Alda - (num bocejo) Quem é?
- Idóca - Sou eu menina. Vamos, acorde-se, eu preciso falar com você.
- Alda - A senhora dona Idóca? Mas o que é que há?
- Idóca - Onde é que você andou, fals. Como é que você apareceu aqui no seu quarto de um momento para outro?
- Alda - Como é que eu apareci no meu quarto, pergunta a senhora? Mas se eu não sai daqui!
- Idóca - Você não saiu daqui? Não é possível. Nós^a procuramos pela casa toda.
- Alda - Pois lhe garanto que desde que me vim deitar não arredei pé do meu quarto. Mas conte-me por favor o que aconteceu porque estou curiosíssima.
- Idóca - Você tem certeza que não se afastou daqui durante toda a noite?
- Alda - Certeza absoluta. Juro-lhe até se a senhora quizer.
- Idóca - Pois então ouça. Depois que você se deitou eu estava lá em baixo com Celia e Marcílio quando ouvi o ruído das correntes do poço. Subi para poder observar melhor os movimentos da janela do meu quarto e quando estava no meu poste fui narcotizada. Felizmente, porém, o narcótico utilizado foi em dose pequena, eu sou muito forte para essas coisas, -meia hora depois consegui despertar. Estava encerrada no meu quarto não sei por quem. Fiz um berreiro enorme, acordei todo o mundo e quando fomos procurar por você você não estava no seu quarto nem em parte nenhuma.
- Alda - Mas não pôde ser, dona Idóca, eu não sai daqui, afianço-lhe.
- Idóca - Você pôde muito bem ter saído sem que se tivesse apercebido. Poderia ter sido hipnotizada. Narcotizada como eu fui.....
- Alda - E, só se foi isso, então.
- Idóca - E ha outra pessoa tambem que desapareceu. Foi Onofre.
- Alda - Onofre desapareceu? O que é que a senhora está me dizendo, dona Idóca? Mas e o ruído das correntes do poço a senhora disse-me que ouviu, não foi verdade?
- Idóca - Distintamente. E não fui só eu que o ouvi não. Celia e Marcílio ouviram tambem.
- Ida - (aflita) E não aconteceu nada para eles?
- Idóca - Por enquanto não. Recolheram-se ha pouco mais de uma hora, aflitissimos com o seu desaparecimento.
- Alda - E mamão? E papai?
- Idóca - Estão agora dormindo. Sua mãe está desesperada. Foi preciso tomar uma dose grande de calmante para poder dormir.

Alda - Seria bom avisá-los então, de que estou aqui.

Idóca - Se estão dormindo não convem despertá-los. Quando acordarem terão a alegria da sua volta.

Alda - Mas eu não voltei, dona Idóca! Como poderia voltar a um lugar de onde não saí?

Idóca - Você cre que não saiu mas a verdade é que a tiraram daqui ou hipnotizada ou narcotizada. O que fare policial não falha nunca, menina.

Alda - É Onofre, o que terá acontecido a ele? O seu desaparecimento não se ligará ao ruído das correntes da poço?

Idóca - Talvez, não digo que não, mas a verdade é que até este momento ele não apareceu nem vivo nem morto. E seu pai bateu o campo tudo acompanhado dos peões a sua procura.

Alda - Que coisa extraordinária! Impressionante, mesmo. (Ruído de cavalo ao longe que se vai aproximando mas não muito).

Idóca - Espere. Não fale agora. Estou ouvindo um ruído de cavalo. (pausa) (latidos de cão ao longe) Felizmente a noite está bem clara e posso divisar mais longe. (pausa) Desceu do cavalo. (pausa) Aproximando galpão puxando o cavalo pelas redeas. Está abrindo o galpão, recolhendo o cavalo. É gente de casa! (espalhafatosa) É o Onofre, conheci agora perfeitamente. Menina: ouça o que lhe digo. Tenho agora a chave de toda esta massaroca na minha mão. Vou procurá-lo agora mesmo. (passos afastando)

Celia - (de longe) Onde vai dona Idóca? Ouvia o ruído do cavalo lá na estrada?

Idóca - (longe) Sim ouvi. Foi Onofre que cugeou. Fou ter com ele.

Celia - Quem sabe ele não poderá dar notícias de Alda?

Alda - Estou aqui, Celia. (passos rápidos que se aproximam)

Celia - Alda, minha irmã! Onde estavas pelo amor de Deus?

Alda - Não saí deste quarto, Celia.

Celia - Não pôde ser. Eu estive aqui á tua procura a cama estava desfeita e tu não estavas nem aqui no quarto nem em parte alguma da casa.

Alda - Dona Idóca me afirmou também isto e eu acredito, entretanto não tenho a menor ideia de ter me afastado daqui um só momento. Lembro-me que dei-te cedo por estar com muita dor de cabeça e só despartei há pouco quando dona Idóca me sacudia. Ela acha que eu talvez tenha sido hipnotizada.

Celia - Ela disse isto? Sim... talvez ela tenha razão. Essa forte dor de cabeça que desde cedo principiaste a sentir e que te impediu de descer para estar conosco á noite já poderia ser muito bem um sintoma. Sabes que essa mulhersinha já não está me parecendo tão burra como acreditei ao princípio? É possível, sim, é bem possível. Uma vez que não nos estejas ocultando alguma coisa.

Alda - Que ideia a tua, Celia. Ocultar o quê? O que poderia eu ocultar de ti?

Celia - Sim, não vejo razão para que tenhas segredos comigo. A verdade, entretanto é que o misterio do castanheiro cada vez se complica mais e eu não vejo maneira de deslindá-lo.

Alda - Dona Idóca disse-me que seu Onofre também desapareceu, é verdade?

Celia - É verdade, sim. Voltou agora e já deve estar sendo interrogado. Tu que res que eu te repita uma coisa, Alda? Dona Idóca desconfiou do Onofre e eu e Marcílio nos rimos da ideia dela. Pois olha: a mulhersinha não é de tão burra quanto parece. As suas desconfianças não se parecem é de tão burra quanto parece. As suas desconfianças não se parecem é de tão burra quanto parece. As suas desconfianças não se parecem é de tão burra quanto parece. As suas desconfianças não se parecem é de tão burra quanto parece.

Alda - E eu vou acordar papai e mamãe para dizer-lhes que estou aqui, uma vez que dormiram tão aflitos pelo meu desaparecimento. (passos que afastam)

(CORTINA MUNICIPAL)

Jerônimo - Mandou-me chamar dona Idóca?

Idóca - Sim, meu amigo, temo^s muito que conversar. Como sabe interroguei Onofre e ele caiu em inúmeras contradições.

Jerônimo - Mas dona Idóca não devemos esquecer que antes do Onofre vir para esta casa comnoso já varias pessoas haviam aparecido mortas junto ao poço.

Idóca - Mas a verdade é que de uma ou de outra forma ele tem qualquer participação nestes acontecimentos. Celia afirma que o mandou mexer nas correntes do poço para assustar-me e fazer com que os deixa-se a sós. Ele a principio negou este fato, depois como visse que eu já estava inteirada dele confessou.

Jerônimo - Talvez tivesse feito isto com a intenção de não envolver o nome de minha filha numa brincadeira de tão mau gosto.

Idóca - Perfeitamente, admitamos que assim seja mas ha outro ponto que não está claro. A principio ele afirmou ter saído ~~de~~ a cavalo para encontrar-se com a namorada a tres ou quatro kilometros daqui, como insistisse em saber a namorada quem era e onde morava essa namorada acabou dizendo que saira a procura de Alda. Quando demos pela falta de Alda já Onofre não se encontrava em casa. Para que ele tivesse dado falta dela antes de nós era necessario que tivesse entrado em casa e é de extranhar que não encontrando Alda não nos avisasse de coisa alguma.

Jerônimo - Sim, realmente, este ponto está muito confuso.

Idóca - Admitamos agora que sua filha tenha sido hipnotizada e arrancada do seu quarto para qualquer lugar. Não poderá ter sido Onofre quem a hipnotizou?

Jerônimo - Sim, talvez... Mas com ~~o~~ interesse teria ele hipnotizado minha filha?

Idóca - Ora, seu Jerônimo, francamente. O sr. é muito ingenuo! Esquece-se que sua filha é moça e bonita.

Jerônimo - Dona Idóca por favor, a senhora não pretenda insinuar....

Idóca - Eu não pretendo insinuar coisa nenhuma. Pretendo apenas prevenir.

Jerônimo - Eu vou me entender com Onofre.

Idóca - Não o encontrará mais aí.

Jerônimo - O que? Fugiu? Não pense ele que se poderá escapar assim no mais.

Idóca - Calma, meu amigo, calma. Não fugiu coisa nenhuma. Comuniquei-me hoje muito cedo com a policia, solicitei a vinda imediata de dois agentes e já se foi retirar levando Onofre. Você e Alda irão comigo amanhã e no primeiro trem para a cidade afim de completarmos as investigações.

Jerônimo - Minha filha terá que ir também? Porque não vamos nós apenas?

Idóca - Porque é necessaria a sua presença lá. Você bem viu que ela desapareceu do seu quarto por quasi toda uma noite. Precisa ser interrogada pela policia. Creio que ninguém mais do que você terá interesse nisto.

Jerônimo - Está bom, iremos todos então. Assim já ficaremos lá e não penso nunca mais em voltar a esta maldita casa que só me tem trazido aborrecimentos.

- Celia - Se vocês quizeram podem ir. Eu não irei enquanto Marcellio não chegar.
- Alda - Onde foi ele? ~~onde~~
- Celia - Assistir uma marcação na fazenda Monte Alegre. Não poderá demorar mais que uma meia hora. Pretendiam sair de já ás dez horas são onze e tanto.
- ALDA**
Luis - Onze e tanto? Quasi meia noite?
- Celia - Então ele não deve tardar.
- Luis **ALDA** - E se ele demorar?
- Celia - Eu ficarei esperando.
- Luis **ALDA** - Mas eu não pretendo ficar a noite toda aqui.
- Celia - Eu não estou lhe pedindo que fique.
- ~~Luis~~ **ALDA** - Mas eu ~~sempre~~ ~~sempre~~ ~~sempre~~ ~~sempre~~ não vou deixa-la aqui sosinha.
- Celia - Dona Idóca ^{ficará comigo} ~~ficará~~, póde ir dormir sem susto.
- Luis **ALDA** - Eu vou esperar mais um pouco, então. Mas não fiquemos assim em silencio, sem falar, sem conversar. Você agarrada no seu livro, dona Idóca nas revistas policiaes, ~~elas~~ ~~elas~~ ~~elas~~ ~~elas~~ Isso assim está muito pau.
- Celia - Bem, para você não estar se queitando eu vou tocar um pouco, você quer ouvir?
- ~~Luis~~ **ALDA** - ^{ouvir o piano} Simp sempre pe melhor do que ouvir o tic tac do relógio. (ouve-se um solo de piano. Quando este vai em meio começam a soar as doze badaladas na meia noite. Uma gato mia duas ou tres vezes, fóra).
- Idóca - Pare, Celia, pare um pouco.
- Celia - O que foi? (o gato mia mais duas vezes). Onde é que a senhora vai dona Idóca?
- Luis **ALDA** - Cuidado, dona Idóca não se exponha.
- Idóca - Vou espantar esta gato. Detesto miados de gato. Irrita-me os nervos.
- Alda - Continue, Celia. Eu estava gostando tanto de ouvir a musica. (continua o solo de piano quando este se faz ouvir mais alguns momentos, ouve-se se as correntes do poço). Celia. (a musica para bruscamente)
- Celia - O que foi?
- Alda - Não ouviste? (Ruido das correntessnovamente).
- Celia - (quasá sem voz) As correntes do poço!....
- Idóca ^{ta} - (longe gritando desesperada) Solte-me! Deixe-me! Socorro! Socorro! Socorro! A minha garganta! A minha garganta! Solte-me Assassino! Socorro! Socorro! (perdendo a voz) Socorro. socorro!...
(CARACTERÍSTICA FORTE)
- SPEAKER** - Este foi o quarto capitulo do "O segredo do Castanheiro" a nova criação de Roberto Lis que o conjunto de Radio teatro da PRF9 interpretou. Foi a seguinte a distribuição desta noite:

Arminia.....Marilú.
Célia.....Liny de Andrade.
Catarina.....Lilia Maria.
Jerônimo.....Alberto de Macedo.
Claudio.....Carlos Noré.
Alda.....Carmem de Alencar.
Onofre.....**OTO BRUM**
S. u Pandeira.....**IVO MOLINA**
Dona Idóca.....Branca Margarita.
~~Luis~~.....~~Silvius Dea~~

Alameda
23-4-943

V CAPITULO

(CARACTERISTICA MUSICAL)

SPEAKER: - No ultimo capitulo deste romance Dona Idóca fizera prender Onofre, capataz da Fazenda do Castanheiro, por desconfiar que tivesse sido ele o autor do desaparecimento de Alda e por julgar que, de qualquer forma, essa circunstancia tivesse relação com os crimes ali praticados. Á noite, quando todos dormiam, e apenas Alda e Celia se encontravam em baixo acompanhadas da detetive, fazendo horas para recolher-se, um gatto começou a miar fóra. Dona Idóca saiu para espanta-lo e momentos depois as meninas ouviram, estarrecidas, o ruído das correntes do poço e os gritos lancinantes da detetive pedindo socorro! Vejamos o que então se passou.

(CARACTERISTICA)

- Arminda - Mas afinal foi tanta gritaria, tanto corre-corre que até agora eu não fiquei sabendo ao certo o que se passou.
- Celia - Nem a senhora nem nós. Quando ouvimos o ruído das correntes ficamos na expectativa de qualquer acontecimento. Eu tive impetos de sair ao encontro de dona Idóca mas lembrei-me de que Alda poderia sair tambem e acontecer-lhe qualquer coisa. Preferi ficar.
- Alda - Foi quando ouvimos os gritos de dona Idóca pedindo socorro. Eu queria não sei se para fugir ou para socorre-la - mas senti como se tivesse as pernas amarradas e não conseguia dar um passo. Limitava-me a olhar apavorada para Celia que parecia estar sentindo a mesma coisa do que eu. Foi quando ouvi os passos precipitados de papai descendo a escada e só então me senti novamente dona dos meus musculos. Treveno que ele quizesse sair em auxilio de dona Idóca e que o monstro pudesse investir contra ele mata-lo tambem, corri para a porta fechei-a por dentro e tirei a chave da fechadura para que papai não saísse.
- Celia - No momento em que papai mexava os ferrolhos da porta para conseguir abri-la ouvimos um tropel de cavalos. Era Marcilio que chegava da marcação com os dois peões que tinham ido acompanhá-lo.
- Alda - Foi o que a salvou porque o malvado ao ouvir o ruído dos cavalos foi obrigado a solta-la antes de haver completado a sua obra. (passos)
- Arminda - Como está ela, Catarina?
- Catarina - Custó um mucado a drumi, tava munto assustada, mas eu dei um chasi-nho de fóia de laranjera cum uís pinguinho de agua de Milissia e ela um mucado depois tava drumindo.
- Arminda - Eu creio que deante do que aconteceu ela terá suspenido a viagem de amanhã.
- Catarina - Não suspendeu não, dona Almindá. Isso é mulé teimosa como o demonho. Oia que tá com o pescoço todo malcado mas disse que é de i memo ans-sim. Arrecumêndô pra eu chamá ela ás seis hora da manhã e pra acoldá tambem dona Arda e o seu Jeronio.
- Arminda - Ela insiste em ir assim mesmo? Bem, neste caso, minha filha, você vá se deitar duma vez. São quasi duas horas da manhã.
- Alda - Eu vou esperar um pouquinho mais, mamãe. Quero saber o resultado da invertigações do papai e de Marcilio.
- Arminda - Ora, esperar o resultado. O resultado é sempre o mesmo. O misterio insoldavel. O misterio que cada vez nos apavora mais e enquanto não terminar com a minha morte ou com a morte de uma de vocês seu pai não se resolverá a deixar esta casa.

- Celia - Eu compreendo que papai queira ficar até resolver o mistério, mamãe
- Arminda - Pois eu não compreendo que para a satisfação de uma curiosidade seu pai jogue com a sua e com as nossas vidas.
- Celia - Ele disse que nós poderíamos voltar para a cidade, se quizessemos.
- Arminda - Poderíamos voltar! Poderíamos voltar ficando ele aqui. É porque ele sabe perfeitamente que nós não teríamos coragem de fazer uma coisa destas. (passos) O que é isto rapaz? Onde é que você vai com todo este equipamento?
- Luiz - É que eu tive a impressão de ter ouvido uns gritos e vim saber o que havia.
- Celia - Os gritos já cessaram há muito tempo, Luiz.
- Luiz - Há muito tempo, diz você? Não pôde ser. Assim que ouvi bradarem por socorro levantei-me, vesti-me e tratei de ver o armamento.
- Arminda - Mas o caso é que você levou muito tempo a fazer isto, meu filho, porque os gritos já cessaram há muito mais de uma hora.
- Alda - Sim, eles foram à meia noite e são quasi duas horas da madrugada. Faltam dez minutos.
- Luiz - Como é possível que eu levasse tanto tempo? É verdade que custei muito a encontrar o revólver e a achar as minhas botas mas não pensei que fôsse tanto tempo assim.
- Celia - Eu acho que você quando estava se vestindo pegou de novo no sono, Luiz. Só podia ser isto.
- Luiz - É....quem sabe...com toda a certeza foi isto. Eu tenho o sono muito pesado.
- Arminda - Agora você volta, meu filho, vá tirar todo esse equipamento e trate de dormir.
- Luiz - Mas a senhora vai ficar aqui sozinha com as meninas?
- Arminda - Não há mais perigo. Nós vivemos sósinhas até agora.
- Luiz - Bem, em todo o caso se tiverem medo de qualquer coisa mandem me chamar.
- Celia - Está bem, Luiz, nós mandaremos bater na sua porta.
- Luiz - Até amanhã então. (elas respondem) Não se esqueçam. Qualquer coisa é só chamar. (passos que se afastam)
- Arminda - Está bem.
- Catarina - Esse seu Luiz é uma novidade. Quando se percebe dele tá dormindo. Quando ninguém percebe ela aparece.
- Celia - Medroso como só ele. (Ruído de cavalos que se aproximam).
- Arminda - Aí vêm Jeronimo e Marcellio.
- Alda - Vamos a ver o que nos contam.
- Catarina - Hoje a lua tá muito clara eles deve tê podido varejá por aí tudo.
- Arminda - Com lua ou sem lua eles devem ter vältado sem adiantar um só passo no misterio que nos atormenta a todos. (passos que se aproximam)
- Jeronimo - Fizemos uma busca numa extensão de quinhentos ou seiscentos metros em volta de toda a casa. Tudo calmo.
- Luiz - A lua está verdadeiramente impressionante. Nunca vi uma luz tão

- Arminda - E no entretanto a noite negra do misterio continua a envolver-nos com suas trevas.
- Celia - Catarina afirma que já viu o monstro descer uma vez para o fundo do poço.
- Marcillio - E onde se poderia esconder ele? No fundo das aguas? Você bem viu que projetamos a luz das lanternas lá para dentro e que nada se encontrou.
- Jeronimo - Além disto a policia já fez descer por uma corda dois dos seus homens que examinaram bem as paredes do poço e nada encontraram.
- Celia - Dona Idóca logo que conseguiu falar disse-nos que o homem que lhe apertou a garganta estava todo molhado. Se nós mandássemos esgotar o poço, papai?
- Jeronimo - Não póde ser, minha filha. Dona Idóca ficou num susto tal e num tal estado de nervos que não se póde levar em conta o que ela disse. Você crê que seria facil exgotar um poço destes?
- Marcillio - E se o atulhassemos em vez de o exgotar?
- Jeronimo - Discutiremos isto outro dia. Vamos tratar de dormir que é tarde e amanhã cedo temos que estar na cidade.

(CORTINA MUSICAL)

(RUIDO DE UM TREM EM MOVIMENTO A PRINCIPIO FORTE E DEPOIS SERVINDO DE FUNDO A TODA A CENA).

- Jeronimo - Ainda temos bem uma hora de viagem até á cidade.
- Idóca - Chegaremos exatadamente na hora marcada pelo delegado para a nossa audiencia.
- Alda - E quanto tempo seremos obrigados a ficar lá?
- Idóca - Depende de você e Onofre. Serão ambos interrogados, se responderem logo tudo, como devem, em pouco mais de meia hora poderemos estar despachados. Se permanecerem com subterfugios e esconderijos poderemos ficar o dia todo ou varios dias, quem sabe.
- Jeronimo - Porque fala a senhora desta forma, dona Idóca? Crê que minha filha não nos tenha dito a verdade?
- Idóca - Perdoe a minha franqueza, seu Jeronimo mas deixe que lhe diga uma coisa: nestas questões a gente deve desconfiar de todos.
- Alda - Eu lhe disse exatadamente o que tinha para dizer. O que queria a senhora mais que eu lhe dissesse?
- Jeronimo - A senhora em cada uma das suas palavras lança mais inquietação no meu espirito, dona Idóca.
- Idóca - Tenha calma, seu Jeronimo, tenha calma que hoje tudo ficará solucionado.
- Jeronimo - Deus assim o permita, dona Idóca. Ha momentos em que me arrependo da minha teimosia de permanecer naquela casa e da minha temeridade em desafiar a assombração da Fazenda do Castanheiro.
- Idóca - Ora assombração, seu Jeronimo! Francamente! O sr. um homem inteligente repetindo tamanha tolice. Assombração coisa nenhuma. Assombração é a capa em que se occultam os verdadeiros criminosos para que o produto dos seus crimes possa estar mais a coberto das malhas da justiça. Não existem assombrações. Existe é a crença ignorante de uma multidão que não consegue, pelo seu modo, penetrar além da superficie das coisas e dos fatos. O sr. ha de ver que dentro de oito dias, como já disse, todo o misterio que envolve a fazenda do castanheiro estará de vez esclarecido.

- Jeronimo - A senhora tambem dizia que com a prisão de Onofre nada mais aconteceria e no entretanto foi a senhora exatamente a vitima da noite de ontem em que ele não se encontrava lá.
- Alda - E o seu pescoço ainda está todo marcado.
- Idóca - Crê o sr. e creia tu tambem menina que ele trabalhe sózinho? Deve ter um ou mais cúmplices e exatamente porque o que dei prender fui eu o alvo escolhido para o novo ataque.
- Jeronimo - Enfim, seja lá como for, eu já começo a sentir o cansaço que essas emoções continuas me fazem sentir. Já não tenho mais idade para estas cousas. Eu quero é descanso.

Idóca *XXX daqui* - Pois o sr. o terá muito em breve. Eu já tenho o fio da meada nas minhas mãos. Agora o que menos custa é desmanchar o novelo. Creia em mim, meu amigo. Creia em mim porque o meu fare policial não falha nunca. Nunca!

(CORTINA MUSICAL)

Propaganda.

- Delegado - E a senhora não ponde ver a pessoa que a agrediu?
- Idóca - Não houve tempo. Eu saí para espantar um gato que estava miando perto de casa. Eu não suporto miados de gato. São duas coisas que eu tenho verdadeiro horror: ruído de cavalos e miados de gato. O maldito do gato foi se afastando em direção ao poço e eu o segui para que se afastasse ainda mais. Ele ia caminhando lentamente como a me desafiar. Segui sempre e passei varios metros do poço. Neste momento ouvi o ruído das correntes mas acreditando que fosse uma brincadeira das meninas nas para me assustar, não dei importancia ao fato e continuei perseguindo o gato. Quando venho de volta e passo outra vez perto do poço sou agredida pelas costas e sinto incontinenti duas mãos molhadas e frias colocarem-se á minha garganta. Num gesto rapido conseguiu pegar-lhe os pulsos e evitar que elas me sufocassem antes que eu tivesse tempo de gritar. A minha posição, entretanto era critica e eu não podia fazer mais do que isto. Já estava para perder os sentidos quando ouvi o ruído de patas de cavalo que se aproximavam. Foi quando o assassino me soltou e desapareceu enquanto eu caia no chão quasi desmaiada.
- Delegado - E quem foi que a agrediu?
- Idóca - Marcilio e dois peões que voltavam de uma marcação da Fazenda de Monte Alegre.
- Delegado - E as pessoas da casa não ouviram os seus gritos?
- Jeronimo - Acordei-me com eles e desci imediatamente. Tive dificuldade de sair logo porque encontrei a porta fechada á chave e esta não estava na fechadura.
- Delegado - E quem a fechou a senhora?
- Idóca - Não senhor. Deixei-a encostada.
- Alda - Quem a fechou fui eu. Quando dona Idóca saiu minha irmã Gella estava tocando piano e eu ouvindo-a. De repente ouvi o ruído das correntes, e tratei de fechar a porta com receio de que o monstro ou pessoa - sei lá - entrasse pela casa a dentro.
- Delegado - Este é um detalhe que a compromete, sabe?
- Alda - Não vejo em que.
- Delegado - Ao fechar a porta não se lembrou que dona Idóca ficava isolada do lado de fóra, ao léo de sua surte?
- Alda - O pavor que senti não me permitiu pensar em nada mais do que me defender.
- Jeronimo - Minha filha é muito medrosa, seu delegado.

- Delegado - É como justifica o seu desaparecimento do seu quarto durante quasi toda uma noite?
- Alda - Não sei, sr. delegado. Dizem que estive ausente mas a verdade é que não me lembro de me haver ausentado para coisa nenhuma.
- Jeronimo - Peço licença para um aparte. Alda desde pequenina que sofre de sonambulismo. Muitas vezes sentimos ruido em casa durante a noite, levantamos para ver e vamos encontra-la sentada em dos bancos do jardim dormindo. É possível que tenha tido uma dessas crises.
- Delegado - É o sr. como explica o seu desaparecimento e a sua volta de madrugada?
- Onofre - Já disse que fui á procura da moça.
- Delegado - Mas a procura da moça como se você estava dormindo lá fóra e não sabia que e la havia desaparecido?
- Onofre - Eu vi quando ela saiu de casa e começou andando pelo campo a fora. Fiquei olhando da porta do garpão. O vulto foi indo, foi indo, foi indo até que desapareceu lá pro lado da lagoa. Distoro um bucado eu vi que ela não voltava muntei a cavallo e saí de atraiz. Percurei, percurei, quando vi que não achava resorvi dá vorta. Foi aí que essa moça apareceu lá no garpão, começo a indaga uma porção de coisa e depois disse que eu tava preso. Eu pudia fugi mas não quiz fugi porque eu não tinha culpa nenhuma no caso perferi esperá.
- Delegado - E a moça saiu a pé?
- Onofre - De apé, sim sinhô.
- Delegado - E o sr. disse isto á dona Ida?
- Onofre - Premero num disse praque eu num sabia o que é que a moça tinha ido fazê num quiria cumpremetê ela mas depois ela apertô comigo e eu disse.
- Delegado - O sr. jura que está dizendo a verdade?
- Onofre - Juro, sim sinhô. Juro na cinza da faliçada minha mãe.
- Alda - (violenta) num impeto que surpreende a todos) Mentira! Como tem a coragem de fazer um juramento destes? É mentira sr. Delegado. Eu não saí a pé pelo campo nem ele saiu atraz de mim. É tudo mentira. Tudo mentira!
- Jeronimo - (afrito) Alda, minha filha, o que tens?
- Alda - É tudo mentira, sim, o que está dizendo este homem. Eu saí, é verdade, mas não saí a pé como ele afirma. Ele está jutando falso. Eu saí a cavallo tambem.
- Jeronimo - (Estarrecido) Tu minha filha? Tu saíste a cavallo durante a noite?
- Idéca - Eu não lhe dizia que devemos desconfiar de tudo e de todos?
- Alda - Sim, saí. Mas não pensen que tive qualquer participação nesses crimes horrosos, não. Saí para encontrar-me com Claudio. Ele ia partir de madrugada e eu não quiz que nos separesemos sem que eu lhe fosse levar o meu beijo de despedida. A fazenda do pai dele faz divisa com a nossa pelo lado Norte. Procurei esconder o que fiz por que sabia que o meu procedimento iria escandalizar meus pais e aborrece-los, mas a verdade é esta. O que foi fazer este homem não sei mas a verdade é que ele não saiu a minha procura. Ele está mentindo. Ele está mentindo.
- Jeronimo - Alda, minha filha, tiveste a coragem de fazer uma coisa destas?
- Alda - Sim papai, eu fiz. Sei que estás zangado comigo mas não devo continuar a iludir a tua boa fé. (Chorando) Perdoa, papainho. Perdoa, sim!

- Celia - Como está linda a noite, não é verdade, Marcílio?
- Marcílio - Lindíssima. O céu parece um imenso manto de veludo todo bordado a lantejoulas brilhantes. Nunca vi tantas estrelas assim no céu.
- Celia - Como eu gosto de olhar as estrelas! As vezes até converso com elas. Porque me olhar assim? Achas que estou louca?
- Marcílio - Não. Estou me lembrando daquele soneto de Bilac. (declamando) Ora - direis - ouvir estrelas! certo perdeste o senso e eu vos direi, no entanto, que para ouvi-las muitas vezes desperto e abro a janela pálido de espanto. E conversamos toda a noite, enquanto a via látea como um palio aberto, cintila. E ao vir o sol, saudoso e em pranto ainda as procuro pelo céu deserto. Direis agora, trasloucado amigo, que conversas com elas? Que sentido tem o que dizem quando estão contigo? E eu vos direi: amai para entendê-las, pois só quem ama pôde ter ouvido capaz de ouvir e de entender estrelas! (pausa)
- Celia - Como é lindo e verdadeiro este soneto de Bilac! (batem diz badaladas) Dêz horas já. Não esqueçamos que temos de ir à estação esperar papai e Alda.
- Marcílio - Temos ainda muito tempo. O trem vem com quatro horas de atraso não poderá chegar antes das onze ou onze e meia.
- Celia - Contudo temos um bom pedaço aqui até a Estação.
- Marcílio - A cavalo não levaremos mais de quinze minutos. (ouve-se uma canção regional com acompanhamento de gaita ou violão - longe.) Os peões estão fazendo musica.
- Celia - Parece mentira a influencia que tem as noites bonitas até mesmo nessas almas rusticas, você já reparou? É quando geralmente eles procuram fazer musica. A noite estando feia não se ouve nem gaita nem violão.
- Marcílio - Os raios do luar parece que geralmente penetram até o nosso coração.
- Celia - Como a musica é linda quando se é feliz! Vamos nos aproximar um pouco mais para ouvir melhor. Gosto tanto de os ouvir cantar!
- Marcílio - Vamos querida.
- Celia - E nao falemos agora. Quero sentir a musica embalar-me o coração. (A MUSICA VAI SE APROXIMANDO LENTAMENTE ATE FICAR BEM PROXIMA)
- Arminda - (gritando longe quando a musica termina) Celia! Celia! Onde estás minha filha?
- Celia - Estou aqui mãezinha, não te aflijas. Já vamos indo.
- Arminda - Não te descuides da chegada do trem, minha filha.
- Marcílio - É cedo ainda, titia. O trem não poderá chegar antes das onze.
- Arminda - Vocês já mandaram preparar o carro?
- Marcílio - Vou mandar agora. (gritando para longe) Seu Mundico!. Oh seu Mundico
- Uma voz - (longe) Eh lá!....
- Marcílio - (gritando para longe) Prepare o carro para ir à estação esperar titio e Alda que devem chegar agora. Mande tambem ensilhar dois cavalos para Celia e pra mim. (natural) A senhora tambem vai, titia?
- Arminda - Não, meu filho, vou ficar em casa preparando a ceia e botando a mesa. Eles devem vir com muito apetite.
- Celia - Como teriam corrido as coisas por lá! Estou ansiosa para saber.

- Marcilio - E depois querem dizer que as mulheres não são curiosas.
- Celia - Tanto quanto os homens, bobinho, Não somos mais curiosas do que vocês, não. O que temos é fama. Nada mais.
- Arminda - Minha filha, acho ~~boa~~ você botar um casaco que a noite está muito fresca. Você com essa blusinha sem mangas poderá se resfriar.
- Celia - Não vejo necessidade de casaco, em todo o caso para a senhora não dizer que eu sou teimosa vou fazer-lhe a vontade. Com licença, Marcilio.
- Assim:* (Pausa) Tita
- Marcilio - Pois não, Celia, ~~vontade~~ ~~(passos afastam-se)~~ A senhora não tem medo de ficar sosinha, titia?
- Arminda - Medo de que meu filho? Tenho medo por vocês que vão sair.
- Marcilio - Por nós não se preocupe. Tudo correrá bem.
- Arminda - Catarina ficará comigo e se houver qualquer coisa darei um grito pelo Demerval lá no galpão.
- Marcilio - Quer que peça para ele ficar aqui dentro com a senhora?
- Arminda - Não há necessidade. Assim que o trem chegar venham logo que estou aflita para ver todos em casa.
-
- Marcilio - Viremos em seguida. Não tenha receio. (passos)
- Celia - Estou pronta, Marcilio, podemos ir.
- Marcilio - Vamos sim, até já então titia.
- Arminda - Até já meu filho.
- Celia - Mãesinha, até já. (beijo)
- Arminda - Até já filhinha.. Que Deus os acompanhe. (CORTINA MUSICAL)
- Arminda - Como eles estão demorando! Queira Deus que não tenha acontecido alguma coisa.
- Catarina - Nem fale ansim, dona Arminda. A senhora tá sempre pensando coisa ruim. Num presta, a gente se ansim. As veiz é o pensamento da gente que puxa as coisa ruim pra gente.
- Arminda - Como é que eu não hei de estar sempre preocupada se volta e meia, quando menos esperamos, está nos acontecendo uma coisa desagradavel?
- Catarina - O Mundico me disse lá na cozinha que o trem tava muito atrasado, de certo ele inda não chegou. Si tivesse chegado a gente ouvia o barulho.
- Arminda - Eu sei que o trem não chegou e é isto exatamente o que me preocupa. Há tantos desastres.
- Catarina - Dus Nosso Sinhô num é de pelaiti que aconteça nada. Daqui a um mudo mais eles tá aí. *(Apito longo)*
- Arminda - Deus queira. Eu já estou tão aflita. Quasi meia noite. ~~11~~. (apito de trem longe)
- Catarina - Óia o pito do marvado.
- Arminda - Graças a Deus. Agora eles não demoram. Você pôde acender o fogo e botar o leite a ferver que dentro de quinze minutos no maximo já eles estarão aqui.
- Catarina - Ela senhora, já vô botá. (passos)

Arminda - Como custou a passar o dia de hoje! Não sei se é a aflição de saber o que se passou lá com eles na cidade, o caso é que nunca me pareceu que o relógio andasse tão devagar. Os ponteiros pareciam que estavam sempre no mesmo lugar. (pausa) Queira Deus que tudo tenha ficado bem esclarecido porque a vida desta forma é um verdadeiro inferno que não pode continuar. (Batem doze badaladas espaçadas). Meia noite já. Não sei se já é a influência dessa hora, cheia de mistérios que eu me parece estar vendo sombras por todos os cantos. (chamando assustada) Catarina! Catarina! (pausa) Meu Deus, que coisa enervante o silêncio! Se ao menos Luiz estivesse aqui comigo para conversar. (passos que se aproximam)

Catarina - A senhora me chamou, dona Arminda?

Arminda - Não...isto é...(baixo) É uma tolice ter medo! (alto) O Luiz já está deitado?

Catarina - Há muito tempo. Já deve de tá até dormindo. A senhora precisava dele pra alguma coisa?

Arminda - Não, nada. Queria conversar com ele, apenas. Mas deixa, vai. Vai cuidar do leite que poderá subir e derramar. (passos que se afastam) De que me poderia adiantar a companhia de Luiz senão para me deixar mais nervosa ainda? Nunca vi um rapaz tão medroso na minha vida! E depois é uma tolice minha estar com medo. Medo de que? A meia noite é uma hora como outra qualquer, afinal. As lendas é que lhe criaram em torno esse véu de mistério. As coisas que em qualquer outra hora nos passam despercebidas nesta hora adquirem uma feição toda fantástica. (grito de uma ave, fóra! Aii! que horror! Meu Deus! Tenho pavor do grito dessa ave. Fiquei toda arripiada! E eles estão demorando. Já eram para estar aqui. (Ruído das correntes do poço) Virgem Nossa Senhora! (baixo) O ruído das correntes do poço! Eu bem estava sentindo um aperto no meu coração. O que estará para suceder, meu Deus? (pausa) Uma sombra! (afrita num estado de nervos que vai crescendo á medida que vai falando) Quem é? Quem está aí? Quem está aí por detrás da cortina? O que deseja, vamos fale. Quem é o senhor? Porque me olha desse jeito? Saia, ordene-lhe que saia. Não! Não faça isto! (gritando desesperada) Socorro! Socorro!... Acudam, meu Deus, Socorro! (passos precipitados que se aproximam)

Catarina - (afrita) O que foi dona Arminda? O que aconteceu? (Ruído de um tiro Ai, ai, ai. (Ruído de um corpo que cai).)

Arminda - Catarina! Catarina!...Ai!...Deixe-me!...Solte-me! Ai! (como quem está sendo esquelada) Ai!...ai...a-a-ai. (Respiração ofegante por alguns momentos. Cessa a respiração. Pausa)

(CORTINA MUSICAL)

(RUIDO DE TREM QUE VAI SE AFASTANDO).

Celia - E então, meu pai, o sr. parece um pouco abatido.

Jeronimo - Cansaço, minha filha, esta viagem fatiga muito.

Marcílio - E você Alda como se foi?

Alda - Bem, obrigada.

Celia - Você também não parece muito disposta.

Alda - Estou cansada também.

Jeronimo - E sua mãe como está?

Celia - Felizmente bem. Ficou preparando a ceia para a ceia, foi por isto que não veio á estação.

Marcílio - Vamos então?

- Celia - Temos que esperar um pouco, dona Idóca está ali conversando com aquele senhor, Quem é ele?
- Jeronimo - É o delegado do sexto distrito. Naturalmente está lhe falando sobre a infalibilidade do seu faro policial.
- Celia - Que horas vocês foram chegar. Meia noite.
- Marcilio - Meia noite e cinco, já.
- Jeronimo - (falando para uma certa distancia) Dona Idóca, a senhora vai demorar?
- Idóca - (idem) Não, seu Jeronimo, é um minutinho só.
- Celia - esta dona Idóca é uma bola louca. Mas o que é que você tem álda?
- Alda - Um pouco de dor de cabeça. (começa a ouvir-se a marcha funebre em surdina).
- Celia - (apavorada) Marcilio!
- Marcilio - (assustado) O que foi Celia?
- Celia - Você está ouvindo, Marcilio?
- Marcilio - Ouvindo o que, Celia, o que é que você está ouvindo?
- Celia - A musica, Marcilio, aquela musica horrivel. Papai, Alda, vamos, vamos depressa que está acontecendo qualquer coisa lá em casa. Venha, Marcilio vamos, vamos todos depressa, antes que seja muito tarde!
- (CORTINA MUSICAL)

(OUVE-SE TROPEL DE CAVALOS PRIMEIRO AO LONGE E DEPOIS SE APROXIMANDO ATE ESTACAR)

- Alda - (gritando de longe) Mamãe! Mamãe, onde é que estás mãesinha?
- Celia - Por aqui, Alda esta porta está fechada por dentro. (gritando) Mamãe, mamãe!
- Alda - Ninguém responde, meu Deus! Onde estará ela? (afrita e desesperada) Celia! Celia!...Mãesinha! Mãesinha querida! O que te fizeram responde!
- Celia - Marcilio! Que horror, Marcilio! As duas, meu Deus! As duas!...(soluços)
- Marcilio - Que horrivel tragedia, meu Deus !...(choro das duas) O que é isto? Um bilhete. (lendo) Este será o fim de todos que tentarem descobrir o segredo do castanheiro. (soluços desesperados das duas)
- Alda - Pobre mamãe!...Pobre mamãe!....(soluços)

(caracteristica forte)

SPEAKER : - Ouça na proxima sexta feira ás mesmas horas de hoje a continuação do segredo do Castanheiro, a nova e empolgante criação do Roberto Lis. O episodio de hoje teve a seguinte distribuição:

Alda..... Marilú.

Celia.....Liney de Andrade.

Alda.....Carmen de Alencar.

Catarina.....Lilia Maria.

Luiz.....Claudio Real.

Jeronimo.....Alberto de Macedo.

Marcilio..... João Bergman, (volta)

Dona Idóca.....Branco Margarita.
Delegado.....Carlos Moré.
Onofre.....Oto Brum.
Sincronização.....Wily Rodrigues.
Contra Regra.....Artur Bastos.

VI Capítulo.

(Característica forte servindo depois de fundo ás palavras do Speaker.)

SPEAKER: - No ultimo capitulo deste romance, Celia e Marcilio foram á noite á estação esperar Jeronimo e D. Idóca que voltavam da cidade, onde tinham ido sujeitar-se a um interrogatório na policia. Dona Arminda e Catarina haviam ficado em casa preparando a ceia para os viajantes. O trem veio com grande atrazo e poucos minutos depois de chegar Celia ouviu, de repente, a musica característica que ouvia sempre antes de se realizar qualquer crime nas cercanias do poço fatídico. Aflitíssima montou a cavallo e com Alda e Marcilio bateu-se em disparada para casa enquanto seu pai e dona Idóca faziam todo o empenho para alcança-los fustigando os cavalos de seu carro. Ao chegarem á casa verificaram, estarecidas, que sua mãe e a velha empregada jaziam estendidas no meio do chão esta ultima com um tiro que lhe atravessara o pulmão, e dona Arminda com o pescoço cheio de manchas roxas das mãos que a haviam sufocado. Vemos encontrar-los agora na mesma noite, algumas horas depois, quando os primeiros clarões da madrugada começam a apontar no céu.

(Característica forte enfraquecendo depois até desaparecer).
(Ruido de chuva. Soam cinco badaladas espaladas. Soluços de Alda).

- Marcilio - Você ainda não cessou de chorar um só instante, Alda. É preciso ter um pouco mais de coragem, que diabo! Porque não imita o exemplo de Celia? Ela está lá no quarto, junto de sua mãe, ajudando o medico.
- Alda - Você não compreende a minha situação, Marcilio. Considero-me culpada de tudo que aconteceu.
- Marcilio - Você, Alda, porque?
- Alda - Porque se eu não tivesse saído para encontrarme com Claudio não teria sido obrigada a ir fazer declarações na policia. Papai não teria tido que ir tambem - porque afinal ele foi apenas para me acompanhar e se ele estivesse aqui nada disto teria acontecido.
- Marcilio - É tolice sua pensar desta forma, Alda. As coisas acontecem simplesmente quando tem que acontecer, por força do destino e não porque tenhamos feito isto ou aquilo para provoca-las.
- Luiz - Foi exatamente o que eu acabei de dizer a ela. Se vamos pensar assim eu tambem poderia achar que tudo aconteceu por minha culpa porque se eu tivesse ficado acompanhando titia em vez de ir dormir nada disto teria acontecido.
- Alda - Isto agora é que não, Luiz, você perdoe a franqueza. Mas tanto fazia você estar dormindo como acordado daria no mesmo porque quando você ouvisse um ruido suspeito dispararia logo para o seu quarto e se fecharia por dentro.
- Luiz - Você crê que eu tivesse coragem de tamanha covardia, Alda? Não me ofenda.
- Alda - É o seu costume, Luiz, desculpe.
- Marcilio - Você não consegue vencer o medo que odômina, Luiz.
- Luiz - Medo não, Marcilio. Não confunda. O que eu não consigo vencer é o sono. (passos que se aproximam)
- Alda - E então, papae?
- Jeronimo - Graças ao céu os balões de oxigenio parece que vão lhe restituindo as forças aos poucos. O medico já está mais animado e eu tambem.

- Alda - Deus permita que assim seja! E Catarina?
- Jeronimo - Catarina, coitada pagou com a vida a minha teimosia de permanecer nesta casa maldita. O tiro atravessou-lhe um pulmão e a hemorragia matou-a, quasi que no mesmo instante. Era exatamente sobre ela que vinha para falar com voce, Marcilio.
- Marcilio - O que deseja, titio?
- Jeronimo - A policia já completou as diligencias e poderes providenciar para os seus funerais. Queria que voce fosse á vila mais proxima para tratar deles.
- Marcilio - Perfeitamente, titio, irei em seguida. (passos que se afastam)
- Jeronimo - Peça ao Mundico que prepare o cavalo para você. Vá ao alazão e ponha a minha cela mexicana que é mais comoda e o caminho é longo.
- Alda - Papai, porque o senhor não vai descansar um pouquinho? O sr. está muito desfigurado, muito abatido.
- Jeronimo - Não, minha filha, eu não irei de deitar sem que o medico declare que tua mãe está salva. O que me adianta descansar o corpo com o espirito em sobresalto?
- Alda - Vá você deitar-se, Luiz, de qualquer forma você não está fazendo nada
- Luiz - Eu deitar-me, Alda? Que ideia! Se nao estou fazendo nada é porque não ha nada para fazer mas de um momento para outro póde ser preciso alguma coisa e eu estou aqui para isto. (passos que se aproximam)
- Jeronimo - E então, doutor?
- Doutor - Graças a Deus que já está respirando mais livremente. Agora é uma questão de repouso. Muito repouso. Repouso absoluto.
- Alda - Ela está salva, então?
- Doutor - Felizmente sim.
- Alda - Obrigada, meu Deus, Muito obrigada! Minha mãe está salva! Eu estou tão contente, tão contente, (chorando) que até sinto vontade de chorar!
- (CORTINA MUSICAL)
- Idóca - Mandei prender Demerval por uma razão muito simples. Ele não soube explicar onde estava nem o que estava fazendo na hora em que dona Arminda gritou por socorro.
- Jeronimo - Talvez estivesse dormindo.
- Idóca - Não estava não senhor, porque quando chegamos e vi o que se havia passado, corri incontinenti para o galpão onde eles dormem. Não havia um só homem deitado. Muito bem, voltei para a sala e não fiz referencia nenhuma á minha estadia no galpão. No dia seguinte de manhã tratei de reuni-los todos e perguntar de um a um onde se encontravam no momento do crime e o que estavam fazendo. Mundico fôra á estação levar o carro para nos esperar. O seu Antonio estava no armazem do Chico portuguez jogando cartas e só chegou em casa depois do sucedido.
- Jeronimo - E a senhora tem certeza de que ele estava lá?
- Idóca - Tenho porque estive lá depois e puxa uma conversa, puxa outra, vim a saber que ele saiu de lá quasi ás tres horas da manhã. E demais a mais Catarina foi morta com um tiro de revolver e seu Antonio tem verdadeiro horror a arma de fogo. Ele só usa faca.
- Jeronimo - A senhora não se lembrou de mandar tirar os sinais digitais do cabo do revolver uma vez que foi achado dentro da propria sala onde se

- deu o crime?
- Idóca - Claro que não me teria esquecido disto se ninguém houvesse pegado no revólver. Mas lembre-se que chegamos quasi cinco minutos depois deles e já Marcílio, Alda e Suzana haviam estado com o revólver nas mãos. Tanto seu Antonio como Mundico acham que este revólver pertencia ao Onofre. Ambos tem ideia de o terem visto com ele uma ocasião. O inspetor levou-o para mostrar a Onofre afim de ver se ele o reconhece.
- Jeronimo - Muito bem, mas afinal qual foi a razão por que mandou prender Demerval?
- Idóca - Porque mentiu-me a principio que estava dormindo e que só se acordou muito mais tarde quando até o medico já havia chegado. É mentira porque, como eu disse a você, de chegada eu fui ao galpão e não havia um só deles deitado. E a cama dele estava desfeita, sinal de que já estivera deitado e levantára para qualquer coisa. Deante da contradição não tive duvidas em manda-lo meter nas grades porque é ele o cúmplice de Onofre.
- Jeronimo - Eu não sei, dona Idóca, a senhora é detetive e eu não sou mas tenho a impressão de que a senhora enveredou por uma pista completamente falsa.
- Idóca - Impressão sua, meu caro, pura impressão. Eu tenho um faro policial agudissima. Ele não falha nunca. O sr. verá como dentro de poucos dias estaremos de posse de todo esse mistério.
- Jeronimo - Bem, espero que assim seja. E é a confiança com que a senhora me afirma isto que me faz ficar ainda nesta casa mesmo depois de tudo quanto succedeu.
- Idóca - Já lhe disse que e lhe repito que dentro de muito pouco tempo teremos desmascarado os assassinos e acabado de vez com essa superstição tola e idiota de assombração na fazenda do castanheiro.
- Jeronimo - Com o que eu não pude atinar ainda foi com a razão do assassino ter atirado contra Catarina e não ter usado a arma contra minha mulher.
- Idóca - Eu já consegui saber porque. Estive hontem conversando muito por alto com dona Arminda e ela mais ou menos reproduziu a cena para mim.
- Jeronimo - Dona Idóca a senhora fez isto? Esqueceu-se das recomendações do medico? Arminda não pôde ainda fazer qualquer esforço.
- Idóca - Eu não lhe perguntei, meu amigo. Ela falou no caso espontaneamente. Disse-me que viu um vulto aproximar-se da janela, passar para dentro e esconder-se atraz da cortina. Ela então num raço de coragem gritou para que ele saísse dali e ele apontou-lhe o revólver.
- Jeronimo - E ela não viu a cara desse homem?
- Idóca - Disse que estava com um lenço preto sobre o rosto que só lhe deixava descobertos os olhos. Quando ela viu que ele apontava o revólver gritou. O homem começou a investir lentamente para ela quando Catarina surgiu na porta e vendo a cena avançou sobre o assassino. Ele atirou uma vez, atingiu Catarina mas ela mesmo ferida de morte, ainda investiu para ele e arrancou-lhe o revólver. Como dona Arminda neste momento se dirigisse para a janela e começasse a gritar por socorro, ele correu para ela e começou a apertar-lhe o pescoço até deixa-la estendida no chão, desfalecida. Julgando que ambas estivessem mortas o bandido ainda deixou aquele bilhete com uma ameaça que não chegará a cumprir porque agora creio que os verdadeiros culpados estão nas mãos da policia.
- Jeronimo - Deus permita, dona Idóca, Deus permita. Chega de crimes e de aborrecimentos. Basta de misterios e de assombrações!
- Idóca - Assombrado vai ficar o senhor quando a policia tiver conseguido arrancar a confissão de Onofre e Demerval e o sr. verificar que tudo foi

- realizado como eu disse que havia sido. É bobagem, meu amigo, quem é bom já nasce feito. O meu fardo policial neceu comigo. É ali na batata. Escreveu não leu pau cumeu.

(CORTINA MUSICAL)

(CANTO DE CANARIOS) .

- Celia - Mãe, a senhora devia permanecer ainda mais alguns dias de repouso até se refazer completamente.
- Arminda - Bobagem, minha filha, não há necessidade. Sinto-me perfeitamente bem e demais quinze dias de repouso são mais do que suficientes para a gente descansar e até se aborrecer de ficar tanto tempo sem fazer nada.
- Celia - A manhã está belíssima, não é verdade? (Ruído de trem longe).
- Arminda - Está realmente. Uma manhã como há muito tempo eu não via.
- Celia - Estou cubiçando-a para fazer um passeio a cavalo pelo campo. O que é que a senhora acha?
- Arminda - Vai, minha filha, se tens vontade. Procura, entretanto, uma companhia. Não gosto que vocês saiam por aí sosinhas.
- daqui*
Celia - Lá vem Alda, vou ver se ela quer ir comigo. (chamando para longe) Alda! Oh Alda! Vem cá. Você também Luiz, chegue aqui.
- Arminda - Porque não convidas Marcílio para ir com vocês?
- Celia - Marcílio está estudando e não quero desvia-lo. Disse-me ontem á noite que ia estudar toda a manhã. (passos que se aproximam)
- Alda - O que é que você quer Celia?
- Luiz - O que deseja de mim, minha prima?
- Celia - Chamei-os para convidá-los a fazerem um passeio a cavalo. A manhã está esplendida para correremos pelo campo, não acham?
- Alda - Magnífica ideia, vamos Luiz?
- Luiz - Porque não? Sou companheiro. Só não quero ir naquela egua manca que vocês me deram na ultima vez que vocês disparavam todos na frente e eu era obrigado a ficar sempre para traz porque ela não corria nem á chicote nem a gancho.
- Alda - Você vai no Alazão do papai.
- Luiz - Ah não, este não. É muito brabo e eu não estou disposto a jogar as minhas costelas no chão.
- Celia - Arranja-se outro qualquer. Cavalo é que não falta. Enquanto nós vamos vestir as nossas montarias, Luiz, você chega lá no galpão e diz ao seu Antonio para ensilhar os cavalos.
- Arminda - Na volta do passeio passem no armazem e comprem dois pacotes de velas.
- Luiz - Bem, então eu vou providenciar nos cavalos. Não demorem muito. (passos que se afastam)
- Alda - Vamos, Celia, vamos vestir as montarias. (passos que se afastam)
- Arminda - (falando para longe) Não voltem muito tarde, lembrem-se da hora do almoço. Seu pai não gosta de almoçar sem que estejam todos na mesa.
- Celia - (longe) Viremos cedo, mãesinha, não se preocupe. (passos que se aproximam)
- Jeronimo - (falando e se aproximando) Entre para cá, minha velha está aqui e a se-

nhaxaxx - senhora pôde se entender com ela. (passos perto) Olhe aqui, minha velha, esta moça veio pelo anuncio que puzemos no jornal.

Empregada - Bom dia, minha senhora.

Arminda - Boa dia, menina. Você quer trabalhar?

Empreg. - É verdade. Li o anuncio no jornal e então vim me apresentar.

Arminda - Traz alguma recomendação?

Empreg. - Varias. Aqui tenho cartas das tres ultimas casas em que trabalhei. E de todas elas por minha livre e espontanea vontade.

Arminda - É solteira ou casada?

Empreg. - Solteira, sim senhora.

Arminda - Sabe o ordenado?

Empreg. - Sei sim senhora. É o que estava no anuncio, não é verdade?

Arminda - Exatamente. (pausa) A casa é grande e o serviço não é pouco, por esse mesmo motivo é que pagamos um ordenado maior.

Empreg. - O serviço não me assusta, não senhora. Estou acostumada.

Arminda - Muito bem. Nós estamos aqui por pouco tempo até terminarmos o prazo do nosso veraneio depois iremos para a cidade. Se o seu serviço nos agradar poderá ficar lá conosco.

Empreg. - Todas as casas em que tenho estado as minhas patroas gostam muito do meu serviço. Tenho certeza que a senhora também ficará satisfeita com ele.

Arminda - Agora vou mostrar-lhe onde fica o seu quarto e indicar-lhe o que tem que fazer inicialmente. (como que se lembrando) Ah, uma pergunta: Você é medrosa?

Empreg. - Medrosa propriamente eu não chego a ser, agora valente, mesmo eu não chegaxxxxxx sou.

Arminda - Você acredita em assombrações?

Empreg. - Eu nunca vi mas dizem que ha, não é?

Arminda - Eu lhe faço estas perguntas pelo seguinte: não quero que se queixe de que veio enganada para a minha casa. Esta casa tem fama de ser assombrada e de vez em quando se passam aqui coisas extraordinarias. Se é assombração ou se é gente ainda não nos foi dado desvendar mas a verdade é que alguma coisa fóra do comum se passa aqui.

Empreg. - Minha Nossa! senhora! For por esse motivo que saiu a sua ultima empregada?

Arminda - Sim, foi.

Empreg. - Está bom, eu vou lhe confessar que a senhora me fez ficar assustada mas já que fiz uma viagem tão grande não vou agora dar volta. Eu experimentarei. Se me acontecer porem qualquer coisa eu dou o pira no mesmo dia. Eu não creio que existam lobishomens nem boi táta mas alma do outro mundo - eu nunca vi - mas que ha, ha.

(CORTINA MUSICAL)

Alda - O que quer você que faça o dono ou dona desta prenda?

Luiz - Eu agora vou me vingar. Não tiveram pena de mim eu não terei pena de ninguém.

Marcello - Francamente, Luiz, você é muito pouco cortez. Cabe-lhe a prenda de jogar a testa de dona Idéa e você ainda se queixa?

- Idóca - Deixa ele. Se fosse uma moça ele ainda ficaria com pena do beijo ter sido na testa, mas como eu sou uma velha...
- Jerônimo - Protesto, dona Idóca, a senhora não é velha.
- Idóca - O sr. apesar dos seus cabelos brancos, ainda é do tempo em que os homens eram galanteadores. Sou velha, sim, meu amigo. Sei disse perfeitamente, mas mesmo assim como sou não troco a minha coragem com a de muito moço bonito que eu conheço.
- Celia - (baixo) Essa foi em cheio.
(baixo)
- Luiz - Velha idiota!
- Alda - Mas vamos, Luiz, dê a sentença numa vez. O que é que você quer que faça o dono ou dona desta prenda?
- Luiz - Se for mulher terá que tocar qualquer coisa para nós ouvirmos e se for homem terá que dar dez voltas nesta sala numa perna só.
- Jerônimo - O que é isto menino? Lembre-se que eu ainda não paguei a minha prenda e não tenho mais idade para andar correndo numa perna só.
- Marcílio - Arranja-se um habeas corpus para o senhor, titio, não se assuste.
- Alda - Uma pulseira.
- Celia - É minha. Tenho que tocar qualquer coisa então?
- Marcílio - Claro que tem que tocar, ora que pergunta.
- Celia - E o que preferem vocês que eu toque?
- Alda - Qualquer coisa. A música você mesma escolhe, não é Luiz?
- Luiz - Sim, pôde ser. Contanto que toque. (ouve-se um solo de piano de preferência música romântica, sendo muito aplaudida ao terminar).
- Alda - Agora é você quem dá a sentença, Celia.
- Celia - Chegou então a vez da minha vingança.
- Marcílio - Veja lá, heim? Olhe que eu ainda não paguei a minha prenda.
- Celia - Pois é exatamente isto que me traz maior sabor á vingança.
- Marcílio - Másinha.
- Alda - O que é que você quer que faça o dono ou dona desta prenda?
- Celia - Se for mulher terá que ir suspirar no canto.
- Idóca - Ai que horror, meu Deus, e eu que ainda não paguei a minha prenda!
- Celia - E se for homem terá que dizer uma poesia bem bonita com um fundo de música qualquer.
- Jerônimo - Porque o fundo de música?
- Celia - Porque a poesia fica muito mais bonita num fundo musical.
- Alda - Uma moedinha de 50 centavos!
- Marcílio - Eu tinha certeza que a poesia ia tocar para mim. Eu até acho que houve combinação entre vocês duas.
- Alda - Oh, Marcílio, deixe de ser injusto, pois eu tirei de dentro do chapéu botei a mão nas costas e depois foi que Celia deu a sentença, como é que podia ser combinação?

- Empreg. - Ah o senhor é da policia? tenha a bondade de entrar então que eu vou chama-lo em seguida. Dê-me o seu chapéu, por favor. Mas, sente-se, não fique de pé. Não faça cerimonia, esteja inteiramente á vontade. Eu vou chama-lo em seguida. Com licença, com licença. (passos rapidos)
- Inspec. - Essa rapariga parece que não é bem certa. Ficou toda alterada quando eu disse que era da policia. Quiz fazer tanta gentileza que se tornou até aborrecida. Eu não gosto de gente que se desmancha muito para a policia. Não me inspira grande confiança. É sinal que tem o rabinho preso por alguma coisa. (passos que se aproximam)
- Idóca - Bom dia.
- Inspec. - Bom dia. A senhora é a esposa do seu Jeronimo?
- Idóca - Não senhor, está enganado. Eu sou apenas a detetive destacada pela policia para auxilia-la nas investigações do segredo do castanheiro.
- Inspec. - Ah, a senhora é da policia tambem? Então somos colegas. Inspetor Terquato um seu creado.
- Idóca - Muito obrigada. Ida Pedra Madeira para o servir. Mas sente-se, por favor.
- Inspec. - Muito obrigado.
- Idóca - O que é que o traz até aqui? Alguma novidade?
- Inspec. - Efetivamente, entretanto para eu não ser obrigado a repetir duas vezes a mesma coisa vou esperar que desça o seu Jeronimo e assim conto para os dois de uma só vez.
- Idóca - In eu já estou ansiosa para saber o que foi.
- Inspec. - Daqui a um pouquinho mais saberá. Ouça: depois do ultimo crime que aqui se deu e das prisões que a senhora efetuou, tem notado alguma coisa de extraordinario com referencia ao celebre poço desta casa?
- Idóca - Até ha uns dias atraz nada. Mas hontem e ante-hontem eu avistei da janela do meu quarto, de madrugada, um prato de folha vasio na beira do poço. Perguntei á empregada se havia sido ela quem o colocou lá e ela me disse que não. Os peões tambem negam que tenham sido eles. Ha por conseguinte qualquer coisa de misterioso nesse prato.
- Inspec. - É, realmente, uma vez que ninguem o poem lá alguma coisa de extraordinario deve ser. (passos)
- Idóca - Aí vem seu Jeronimo. Apresento-lhe aqui o inspetor Terquato da policia.
- Jeronimo - Muito prazer. Esteja á vontade, não se levante.
- Inspec. - Muito obrigado.
- Jeronimo - Estou ás suas ordens.
- Inspec. - Eu venho comunicar ao senhor que o seu peão que estava preso, o Gato Fre, foi transferido ha tres dias para o Hospital da policia por estar com um resfriado muito forte e ameaçado de uma pneumonia. Foi muito bem, esta manhã a guarda do Hospital verificou que ele havia fugido á noite.
- Idóca - Fugiu?!...
- Jeronimo - O que é que o sr. está me dizendo?
- Inspec. - É verdade, fugiu. O delegado então quiz que o sr. estivesse avisado e manda comunicar que já tomou todas as providencias para a captura do fugitivo, em todo o caso achou de bom alvitre que a familia esti-

- vesse de sobre aviso para evitar qualquer surpresa.

Jeronimo - Está claro, fez muito bem.

Idóca - Bem meu amigo, esta noite não me deito. Ficarei a noite inteira dando guarda da janela do meu quarto. Eu já estava disposta a fazer isto por causa do prato que lhe falei assim é melhor, já fico pelos dois motivos.

Inspec. - Se o sr. acha necessario que fique mais alguma aqui póde dispor de mim sem qualquer cerimonia.

Jeronimo - Seria melhor, a senhora não acha, dona Idóca?

Idóca - Sim porque com ninguem mais eu posso contar aqui se não com Marcilio. Sempre seriam mais dois braços para me auxiliar.

Jeronimo - Muito obrigado, dona Idóca. Com que então a senhora só pode contar aqui com Marcilio? E eu, dona Idóca, serei assim tão imprestavel?

Idóca - Imprestavel propriamente eu não digo que seja, seu Jeronimo mas o momento não comporta galanteios. O sr. já tem muito reumatismo nas suas pernas.

(CORTINA MUSICAL)

(ouve-se o tic-tac do relógio e de vez em quando uma trovoada ao longe. Batem espaçadamente as doze badaladas da meia noite. Ouve-se o grito da coruja fóra.)

Inspetor - (baixo) Viu alguma coisa dona Ida?

Idóca - (baixo) Por enquanto não. Está tudo quieto. (trovoada longe).

Inspec. - É uma pena a noite estar tão escura, não se póde ver quasi nada.

Idóca - Toda a vez que fuzila eu passo uma revista em todo o terreiro. Até agora nada de anormal. (pausa em que só se ouve o tic-tac do relógio)

Inspec. - (nova trovoada longe). Inxpx Parece que vem aí um grande temporal!

Idóca - Psiu!... Silencio. Não fale agora.

Inspec. - O que foi?

Idóca - Parece que um vulto se dirige para o poço. (novo grito da coruja)

Inspec. - Onde é que está? Não vejo nada!

Idóca - Aqui nesta direção. Siga a direção do meu braço. (trovoada) É uma mulher seu Torquato, o senhor viu?

Inspec. - Não pude ver, dona Ida.

Idóca - No momento que fuzilou eu distingui perfeitamente uma mulher de costas colocando alguma coisa sobre o poço. Veja, veja, lá vem ela de volta. Façamos uma coisa: eu fico aqui em cima observando e darei sinais com a minha lanterninha, você passe pelo quarto de Marcilio acorde-o e co-loquem-se os dois lá fóra, escondidos, de maneira a avistar a minha janela. Quando a lanterna piscar uma vez é dizendo: atenção, inimigo á vista. Quando piscar duas vezes podem avançar na direção do poço que eu irei tambem imediatamente para ajuda-los.

Inspec. - Perfeitamente. Vou chamar os moços, então.

Idóca - Os moços não. só Marcilio. O outro é tão medroso que só nos atrapalha. (trovoada) (passos que se afastam. começa a chover). Pronto começou a chuva para dificultar a ação da gente. Eu estou aqui pensando quem teria ido á beira do poço. Alda? Celia? A nova empregada? A claridade do fuzil foi tão rápida que não me deu tempo para reconhecer. Eu poderia ter corrido ao quarto de cada uma delas para verificar

- mas não convem precipitar os acontecimentos. Com calma e perseverança tudo no mundo se alcança. (Ruído das correntes do poço). As correntes! Será que o Inspector e Marcílio já estão escondidos aí fóra? (novo grito da ave). Está tão e tão escura a noite que por mais que eu me esforce não distingo nada! (subito) Alguem se dirige para o poço. Será Marcílio? Será o Inspector? (ouve-se dois grunhidos ao longe).

Marcílio - (longe) Depressa, seu Inspector, peguei, peguei. (mais grunhidos)

Inspector - (longe) Está seguro, dona Idóca! Este não fôge mais. (ruido de tiro)
(característica musical forte de depois fraca).

SPEAKER : - Quem seria a mulher que dona Idóca avistou junto ao poço? Quem seria o homem que Marcílio e o Inspector prenderam? De onde teria partido o tiro que se ouviu? Quem o teria disparado? Teria ele atingido alguém? Ouçam na proxima sexta feira a continuação deste programa, ás mesmas horas de hoje.
O episódio desta noite teve a seguinte distribuição:

Marcílio.....João Bergmann.

Alda.....Carmen de Alencar.

Luiz.....Claudio Real.

Celia.....Liney de Andrade.

Jerônimo.....Alberto de Macedo.

Doutor.....Emilio Belo.

Dona Idóca.....Branca Margarita.

Arminda.....Marilú.

Mepregada.....Lilia Maria.

Inspector.....Carlos Moré.

Este foi mais um capitulo de "O segredo do castanheiro" o novo e vitorioso programa de Roberto Lis.

(Característica musical forte)

- Um programa de Roberto Lis.

VII Capitulo.

SPEAKER : ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM... (Característica)

ROBERTO : O SEGREDO DO CASTANHEIRO!... (Novamente a característica)

SPEAKER : Os nossos ouvintes devem estar lembrados de que no ultimo capitulo desta novela D. Idóca, o Inspector Torquato e Marcilio, por causa da fuga de Onofre da prisão onde se encontrava, resolveram passar a noite de alcatéa para verificar qualquer movimento extranho que por acaso se pudesse verificar na fazenda do Castanheiro. Depois de terem disposto as coisas da maneira que lhes parecia mais conveniente para a captura do assassino, dona Idóca ouviu o ruído das correntes do poço e momentos após, os gritos de Marcilio e do Inspector que A-nunciavam ter conseguido segurar o vulto que surgira de dentro do poço. Um tiro se fez ouvir de dentro da noite, alarmando todos os moradores e hospedes da Fazenda do Castanheiro, a quem vamos encontrar acordados neste momento e ansiosos para saber a razão daquele tiro e dos gritos que vinham do lado de fóra.

(Característica forte enfraquecendo até desaparecer)

SPEAKER : No capitulo desta noite teremos a seguinte distribuição:

Jeronimo.....	Pierre de Lima
Arminda.....	Gissela Castro
Alda.....	Lilia Maria
Celia.....	Maria Zita
O Inspetor.....	Claudio Roberto
Idóca.....	Branca Margarita.
Marcilio.....	Roberto Lis.
Celeste.....	Gissela Castro Vera Mariza
Luiz.....	Claudio Real
O delegado.....	Carlos Moré.
O homem.....	Emilio Bello.

(Característica musical)

- Jeronimo - (nervoso e autoritario) Não me sai ninguém, já disse.
- Celia - Deixe-me passar, papai. Dona Idóca e Marcilio estão lá fóra. Podem precisar do nosso auxilio.
- Arminda - Não vá, minha filha, é perigoso.
- Jeronimo - Eu já disse que ninguem me sai dqui de dentro. É inutil insistir.
- Celia - Isto é uma coisa horrivel, papai. Deixa-los lá fóra sósinhos! Pelo menos vá lá então o senhor.
- Arminda - Não senhora. O seu pai não sai daqui. (passos se aproximam)
- Celeste - Ai meu Deus que coisa horrivel! É a tal assombração que a senhora me contou, patroa, é? Ih eu tenho um medo horrivel destas coisas. Veja como eu estou tremendo, dona Alda, veja. E olhe as minhas mãos como estão frias. Uma verdadeira pedra de gelo. O que foi pa troasinha, o que foi? O que foi patrão? Eu ouvi um tiro o senhor não ouviu? O que foi?
- Jeronimo - Cale-se rapariga. Cale-se e fique quieta aí. Eu não sei o que se passou. Espere que agora saberemos.
- Alda - Papai, espie ao menos pela janela. Ha dois minutos que não se ouve a voz de ninguem lá fóra. Sabe lá o que terá acontecido.
- Jeronimo - (gritando) Dona Idóca!

Em anexo de Estúdio - Marcilio Belo - Sonofobia de -

- Idóca - (gritando longe) Um momento, seu Jeronimo. Estamos amarrando o criminoso.
- Jeronimo - Tragam-no para cá. Aqui ha luz bastante poderemos ver bem a cara dele.
- Celia - (gritando) Marcilio! Você está bem, Marcilio? Não lhe aconteceu nada?
- Jeronimo - Menina não grite deste modo. (zangado) Você assim me atordôa os ouvidos. Você não ouviu dona Idóca dizer que estão amarrando o criminoso? Espere um pouco, tenha paciencia.
- Alda - Ora, papai, paciencia num momento destes. Sabe lá o que poderá estar acontecendo a eles lá fóra.
- Armindá - Deixe de estar fantasiando coisas, Alda. O que é que pôde estar acontecendo se dona Idóca já disse q que estão fazendo?
- Jeronimo - Pronto, eles vem aí.
- Celeste - Ai meu Deus que medo! Elas trazem o lobishomen, trazem?
- Jeronimo - Que lobishomen nem lobishomen. Eles trazem o criminoso é o que é.
- Idóca - (longe) Abram a porta. (Ruido de abrir a porta)
- Inspetor - Não esperneie, homem, não esperneie que você nada adianta. Está completamente amarrado. (Roncos surdos)
- Alda - (apavorada) Que horror meu Deus!
- Armindá - Misericórdia!
- Celeste - Ai patrãozinho que medo! Deixe me agarrar no senhor.
- Jeronimo - (severo) Fiqu~~e~~ quieta, rapariga! (roncos surdos)
- Idóca - Aqui, vamos coloca-lo em cima do tapete.
- Marcilio - Ele está todo molhado, vai estragar o tapetê.
- Jeronimo - Botem-no aqui no chão. (roncos surdos)
- Celia - Que cara horrivel! Parece um bicho.
- Inspetor - Deve ser muito velho. Veja como tem completamente brancos os cabelos.
- Celeste - Minha mãe do céu, como é preto! Quem é que ia enxergar essa cara no escuro? (roncos surdos)
- Celia - Tens alguma coisa, Marcilio? Estás tão palido?
- Marcilio - Não, nada. É a emoção dos momentos que acabo de viver.
- Inspetor - Vou interroga-lo.
- Jeronimo - Silencio agora. Cessem os comentarios que o senhor Inspetor vai interrogar este homem.
- Alda - Essa coisa, porque isso não tem geito de homem.
- Jeronimo - Silencio, já disse.
- Inspetor - Quem é o senhor? (pausa) Quem é o senhor, vamos responde.
(roncos surdos)
- Idóca - Fale, não se faça de bobo que será muito pior para o senhor.

- Inspetor - Quem é o senhor, não está ouvindo? (roncos surdos)
- Alda - (pausa) Quem sabe ele é mudo, papai?
- Idóca - Não pôde falar? Vamos, faça um esforço e diga-nos quem é. (risadas cavas)
- Celeste - Ele achou graça.
- Arminda - Não fale menina, fique quieta.
- Idóca - Não quer nos dizer o seu nome ou não sabe falar? (risadas cavas)
- Celia - (baixo) Que horror, meu Deus, eu estou toda arrepiada!
- Celeste - Eu estou em dizer que isto é lobishomen, dona Celia. (ouve-se um psiu de silêncio)
- Inspetor - (impaciente) Escute, aqui, meu amigo: se você não quiser falar por bem vai falar por mal. Não abuse da nossa paciência. Vamos, quem é o senhor e o que fazia dentro do poço? (risadas cavas mais prolongadas)
- Arminda - Este homem está louco. Tenham cuidado. (gemidos)
- Alda - Ele está sentindo alguma coisa. Reparem como se contrái a sua fisionomia. (gemidos mais fortes que aos poucos vão enfraquecendo)
- Inspetor - Ele parece que vai morrer. É conveniente chamarmos um medico imediatamente.
- Jeronimo - Vá dizer a um dos peões que prepare o carro depressa para ir á vila agora mesmo.
- Celeste - Eu tenho medo de ir sósinha lá, patrãozinho. Só se a dona Alda ou a dona Celia quiserem ir comigo.
- Jeronimo - Que bobagem de medo. Vá fazer duma vez o que estou lhe mandando. (gemidos já bem fracos, passos se afastam)
- Idóca - Eu tenho a impressão de que o medico já não vai chegar mais em tempo.
- Jeronimo - De qualquer forma devemos mandar chama-lo.
- Celia - O que é que você tem, Marcilio? Você está se sentindo mal?
- Marcilio - Não, nada. O meu braço.
- Arminda - O que é que você tem no braço, meu filho?
- Marcilio - Dói...muito...o tiro...
- Arminda - (gritando nervosa) Segure-o Jeronimo. Ele vai cair.
- Celia - (gritando) Marcilio. (quasi chorando) Mamãe! Sangue, mamãe! Marcilio está ferido.
- Idóca - Foi o tiro que ouvi daqui de dentro. Alguem atirou contra Marcilio e o Inspetor.
- Jeronimo - Corra lá no galpão, Alda, diga ao Mundico que vá á vila e traga um medico imediatamente. Ha dois homens que necessitam de recursos medicos.
- Alda - Sim, papai.
- Inspetor - Dois não. Um só. O preto velho acaba de expirar.

- Jeronimo - E então, já se sente melhor hoje?
- Marcilio - Felizmente, titio. Esta noite já não doeu tanto e consegui dormir alguma coisa.
- Armindinda - Pobre do meu filho. Tres noites inteiras em claro. Veja só que brincadeira.
- Celia - E afinal de contas nada conseguimos elucidar até agora com a prisão do tal preto.
- Idóca - Não se precipite, menina. Aguardemos o resultado das pesquisas medicas. A policia ontem já deveria ter recebido o resultado do exame. O Inspetor Torquato prometeu escrever-me assim que soubesse qualquer coisa.
- Luiz - E a todas estas o que mais me impressiona é não ter eu acordado com toda a balburdia que me contaram. Que sono mais pezado o meu.
- Jeronimo - Que medo mais invencivel, digo eu.
- Luiz - Olhe, titio, o sr. está enganado comigo. Eu não sou dos mais valentes, confesso, mas medroso como o senhor me quer fazer tambem não sou. Se não desci na noite de todos esses acontecimentos foi porque nada ouvi.
- Jeronimo - Eu acredito.
- Alda - Nós acreditamos, Luiz.
- Luiz - Eu juro a vocês pelo que quizerem.
- Idóca - Não é preciso jurar. Todos lhe acreditam. (Ruido de trem longe)
- Celia - Está chegando o trem. Dqqui a pouco mais a correspondencia estará aqui.
- Armindinda - Seria bom dizer ao Mundico que fosse até á Estação. (Ruido de cavalo que se afasta)
- Alda - Não é preciso, ele já vai para lá.
- Armindinda - Felizmente agora temos tido umas noites calmas. Esta foi a terceira que passou sem qualquer novidade.
- Luiz - Creio que agora tudo ha de serenar. Se o homem foi preso acabaram-se os misterios.
- Idóca - Isto é o que parece, meu amigo. Ha ainda um rabinho que eu não consegui pegar. Alguem daqui de dentro ou de lá de fóra mesmo atirou em Marcilio.
- Luiz - Poderia ter sido o proprio Inspetor quando travou luta com o negro. O revolver poderia ter disparado até mesmo sem que ele se apercesse.
- Idóca - Não diga tolices, menino. O Inspetor não fez uso do revolver. O tambor estava completo, não faltava uma unica capsula.
- Celia - Quem poderia ter sido então?
- Idóca - Não sei, mas juro que hei de descobrir. Deve ter sido o mesmo que matou Catarina e esguelou dona Armindinda.
- Alda - E quem fez isto não poderia ter sido o proprio negro?
- Armindinda - Ah não foi. Não pude ver a cara do homem que me agrediu porque estava tapada mas posso afirmar que não foi o negro que prenderam. Era um homem moço, forte. Tinha umas mãos enormes e de dedos muito longos.
- Idóca - A mim é que esse negro quasi matou. Agora tenho a certeza que as

- mãos molhadas que me apertaram a garganta eram as dele. Lembrome perfeitamente que elas eram magras e calosas como as dele.
(Ruído de trem longe que se afasta)
- Alda - Admiro-me como ele se tenha deixado pegar.
- Idóca - Eu sei. Ha trez ou quatro noites que alguém lhe levava um prato de comida e o deixava na beira do poço. Ele vinha come-la e depois descia. De madrugada alguém recolhia novamente o prato. Possivelmente ele estava entretido comendo quando Marcilio e o Inspetor Torquato o surpreenderam. Não foi assim?
- Marcilio - Exatamente. Ouvimos o ruído das correntes e nos ocultamos de um e de outro lado do poço atrás das arvores mais proximas. O vulto surgiu, sentou-se na borda e começou a comer. Passados uns momentos dona Idóca começou a dar-nos sinais luminosos com a sua lanterna de bolso. Ele viu a luz registar da janela do quarto e ficou parado com o olhar fixo naquela direção. Sem que tivéssemos combinado coisa nenhuma achamos ambos que era a ocasião mais indicada para nos aproximar-nos e viémos vindo devagarinho. O Inspetor havia-se adeantado um pouco de mim. Quando já se encontrava a dois passos do negro ele se apercebeu e teve um movimento de saltar para dentro do poço mas compreendendo que era tarde demais resolveu-se a enfrentar seu Torquato. Assim que eles se empenharam em luta eu consegui botar a mão no homemsinho e ajudar o Inspetor a subjuga-lo. Foi neste instante que ouvi o estampido do tiro e senti que havia sido ferido no braço. No primeiro momento pensei até que fosse dona Idóca que tentando mata-lo tivesse errado a pontaria.
- Idóca - Eu ia fazer uma bobagem dessas menino? Então num grupo de homens que está empenhado numa luta eu ia ter a leviandade de atirar, arriscando-me a ferir ou matar um dos que estavam me auxiliando? É demais eu tinha todo o empenho em pegar o homem vivo, é claro. Ele vivo poderia ser muito mais útil do que morto. (Ruído de cavalo que se aproxima)
- Alda - ~~Aí vem~~ Mundico de volta da Estação. Vamos a ver se nos traz alguma novidade.
- Luiz - Quer que vá encontra-lo, titia?
- Arminda - Não é preciso, Luiz. A Celeste tem ordem de trazer a correspondencia em seguida.
- Marcilio - A senhora é então de opinião que ainda existe um criminoso aqui, dona Idóca?
- Idóca - Tenho a certeza absoluta. Alem disto Onofre fugiu da prisão e ha de nos aparecer por aqui sem duvida nenhuma. Qualquer dia verão como o vamos surpreender por estas paragens.
- Celia - ~~Estudem~~, e não teria sido Onofre que agrediu mamãe?
- Idóca - Não podia ser. Ele estava ainda preso quando aconteceu aquilo. Depois disto é que ele fugiu da prisão. (passos)
- Celeste - A correspondencia chegou.
- Jeronimo - O que é que veio aí?
- Celeste - Dois jornais e uma carta.
- Alda - A carta é para a senhora, dona Idóca.
- Jeronimo - Alcançe-me os jornais aqui. (Ruído de rasgar envelope)
- Arminda - Deixe que eu alcanço. Póde ir lá para dentro.
- Celeste - Simsenhora. (passos)

- Idóca - Olhem: é uma carta do Inspetor Torquato. Diz que os médicos chegaram a conclusão de que o preto morreu envenenado, sua idade foi calculada de oitenta e cinco a noventa anos.
- Jeronimo - Envenenado diz a senhora?
- Idóca - É verdade. Se ele foi envenenado o veneno só pôde ter sido posto no prato de comida que lhe levavam á beira do poço.
- Marcilio - Teria sido então a pessoa que me atirou?
- Idóca - Não sei, talvez. Tudo é possível.
- Arminda - Eu parece que estou começando a compreender finalmente esta barafunda. Quem matou esse velho, envenenando-o foi o mesmo homem que matou Catarina com um tiro que me tentou esganar e que finalmente atirou em Marcilio.
- Jeronimo - É isto mesmo, minha velha. Não pôde ter sido outra pessoa. O que nos diz dona Idóca?
- Idóca - Nada meu amigos nada. Por óra nada lhe posso dizer. Demais pouco nos adianta saber que tenha sido a mesma pessoa quem praticou esses crimes. É essencial é que saibamos quem é essa pessoa.
- Luiz - (entusiasmado) Muito bem, dona Idóca, muito bem! Agora a senhora falou pouco mas disse tudo! (CORTINA MUSICAL)
-
- Celia - É tarde já, meu querido. Você devia ir deitar-se. O sono alimenta e você está muito fraco.
- Marcilio - Bem sabe que ando com insônia e que prefiro estar aqui so teu lado do que na cama a virar-me de um lado para o outro.
- Celia - O medico disse que você devia ter bastante repouso para se restabelecer o mais depressa possível.
- Marcilio - É você quer melhor repouso do que estar aqui comodamente instalado nesta poltrona, tendo a sua mãozinha entre as minhas e sem outro ruído a perturbar-me o silencio desta noi e de sonho senão a sua voz macia e cariciosa?
- Celia - Você tem uns argumentos tão convincentes, Marcilio que não me resta outra alternativa senão concordar com a sua vontade.
- Marcilio - Concorde mais uma vez então. Vá tocar qualquer coisa para eu ouvir.
- Celia - O que deseja você que eu toque?
- Marcilio - O que lhe parecer mais apropriado para uma noite de fim de verão quando o céu é todo estrelas ea sorrirem para nós.
- Celia - Bem, ouça então. (ouve-se um solo de piano, musica romantica)
(pausa) E então, gostou? Você parece que entristeceu. Ficou pensativo, calado.
- Marcilio - Estou gosando ainda o suave encantamento dos momentos maravilhosos que você me proporcionou.
- Celia - Gosta então muito de me ouvir tocar?
- Marcilio - Imensamente.
- Celia - ~~Espera~~ E não quer deitar-se agora? É quasi meia noite.
- Marcilio - Esperemos um pouco mais.
- Celia - (assustando-se) Ai que susto, dona Idóca! Porque vem assim

- nas pontas dos pés sem fazer ruido nenhum?
- Idóca - Ouvi vozes e pensei que algo de anormal estivesse se passado. Foi por isso que desci sem fazer ruido. Mas o que faz você ainda acordada a esta hora da noite. Vá deitar-se. Bem sabe que o medico lhe recomendou repouso.
- Marcilio - Já vou, dona Idóca.
- Celia - Vai meu querido, vai dormir.
- Marcilio - Boa noite, dona Idóca. (ela responde) Boa noite, Celia.
- Celia - Adeus, Marcilio. Que você tenha uma noite muito boa.
- Marcilio - Muito obrigado. O mesmo desejo a você. (passos)
- Celia - Vou deitar-me tambem. Até amanhã, dona Idóca.
- Idóca - Escute, não vá já. Eu preciso que você me ajude numa investigação, que eu quero fazer. (batem doze badaladas da meia noite) Não quiz falar detante de Marcilio para que ele não teimasse em querer ficar acordado. Está fraco não convem exitar-se.
- Celia - Mas o que é afinal, diga. (começam a falar baixo)
- Idóca - Em primeiro lugar vamos apagar esta luz. (Ruido) Agora vamos nos colocar nestas duas poltronas em frente a esta janela. Eu ficarei alerta duas horas e você dormirá. Ao fim desse tempo lhe chamarei e você então me substituirá na vigilancia. Qualquer coisa estranha que se passar lá fóra a que estiver acordada chamará a outra. Ha tres noites que procuro fazer isto mas sósinha não é possivel. Lá vem um momento em que o sono me vence e quando desperto já é de madrugada.
- Celia - Durma então a senhora que eu ficarei vigilante até ás duas horas.
- Idóca - Não, durma você. Primeiro ficarei eu. (pausa longa. uma avepia) Alguem vem descendo a estada pé por pé. Observe. De vez em quando sente-se uma taboa ranger. (Ouve-se de quando em vez um rangido) Quem é?
- Alda - Ai que susto, dona Idóca, Sou eu.
- Idóca - O que é que você veio fazer aqui em baixo a esta hora?
- Alda - Eu...é que eu...Meu Deus, com o susto eu até esqueci o que vinha fazer aqui...
- Idóca - Porque está procurando esconder qualquer coisa? Vamos, fale.
- Alda - Ora, dona Idóca, não fale assim. Porque havia eu de esconder qualquer coisa da senhora? É que eu levei um susto fiquei perturbada. Já agora me recordo o que vim fazer. (Ruido das correntes do poço)
- Celia - As correntes do poço, dona Idóca!...
- Idóca - Silencio! Não falem agora. (pausa) Veja, veja Celia! Alguem está procurando descer pelas correntes ao interior do poço.
- Celia - É verdade. Está sentado com as pernas ~~dentro~~ para dentro do poço e procurando firmar-se nas correntes para descer.
- Alda - Se tivéssemos um revolver agora.
- Idóca - Nada resolveria. É melhor deixa-lo entrar e cuidar depois a sua saída para vermos o que foi fazer lá. Sairemos todos e formaremos um circulo ao redor do poço. (ouve-se um tiro longe, depois mais mais dois. Gemidos altos e longe tambem) O que foi isto?
- Celia - Éele que está gemendo, dona Idóca.

- Alda - Acertaram-lhe um dos tiros com certeza. (pausa) Sim, ele está ferido. Está procurando descer da borda do poço.
- Idóca - Quem lhe teria dado esse tiro?
- Luiz - (vindo gritando de longe com grande alarido) Titia! Titio!... Depressa! Corram todos! Matei um homem! Depressa venham. Matei um homem!...Matei um homem!....
- Idóca - Eu logo vi que um trabalho tão mal feito só podia ser de um homem destes. Hoje que era necessário que ele continuasse dormindo ele se acordou para entornar todo o nosso caldo!

(CORTINA MUSICAL)

- Arminda - Meu filho, porque insiste você nessa ideia de descer ao poço? Você ainda está muito fraco.
- Marcílio - Estou perfeitamente bem e assim quando a policia chegar terei adiantado alguma coisa.
- Celia - Eu irei contigo, Marcílio.
- Marcílio - Não poderemos descer os dois.
- Celia - Ficarei espiando aqui de cima e você irá gritando para mim o que for encontrando de anormal.
- Marcílio - Vamos então. Já pedi ao Mundico e ao seu Antonio que viessem tomar conta da corrente. Eu preciso duas pessoas de bastante força para sustarem o peso do meu corpo.
- Arminda - Vá se termina essa sua pesquisa antes do meio dia para não atrasar o almoço. São quasi onze e meia.
- Marcílio - Está bem, titia. Ao meio dia estaremos aqui. (passos)
- Arminda - E tenha cuidado, menino. Esses meninos metem cada coisa nessas cabeças só para dar preocupação á gente. (passos se aproximam) E então meu velho?
- Jeronimo - Dona Idóca permanece lá crivando o homem de perguntas mas ele continua obstinado em não dar uma só palavra. Até agora não conseguimos arrenhar nada.
- Arminda - Que coisa horrorosa! Tu já conhecias aquela cara?
- Jeronimo - Nunca a tinha visto antes.
- Arminda - O medico já lhe fez o curativo?
- Jeronimo - Já. O ferimento é sem importancia. É que pegou-lhe exatamente a perna ele não pode fugir. (passos)
- Arminda - Ainda foi a sorte. E Luiz não foi lá ver o homem?
- Luiz - O que é que o Luiz, titia?
- Arminda - Estou perguntando se você não foi lá ver o homem que você baleou.
- Luiz - Não, titia, eu tenho pena de ver pessoas feridas. E principalmente feridas por mim.
- Jeronimo - Mas como foi isto ó seu valentão? Como foi que você se resolveu a deixar de dormir uma noite e tomar parte ativa nos acontecimentos?
- Luiz - Simplesmente para salvar a honra do meu nome. Eu não queria ficar com a fama de medroso. Resolvi não tapar a cabeça como costumava fazer. Tendo a cabeça destapada consegui ouvir o ruido das

- correntes, ouvindo o ruído levantei-me e cheguei á janela. Chegando a janela vi um homem ~~sentado~~ descer pela corrente. Não tive dúvida. Passei a mão no revolver fiz a pontaria e pum!
- Jeronimo - E depois do pum ficou num tal estado de nervos que foi obrigado a tomar uma chicara de chá de laranja com gotas de Melissa. Você é um heróe, meu sobrinho. Você é um verdadeiro herói.
- Luiz - Póde fazer ~~atroça~~ que quizer, titio, mas a verdade é que graças a mim o homem está preso!
- Jeronimo - Quem ficou indignada com você foi a dona Idóca. Diz que você estragou completamente os planes dela.
- Luiz - Ora, titio, o sr. vai atraz da dona Idóca? A dona Idóca é.....
- Idóca - (inesperadamente) O que é que tem a dona DIdóca?
- Luiz - (remendando) é a creatura mais inteligente que eu tenho visto!

(CORTINA MUSICAL)

- Delegado - Muito bem. Já ouvi o depoimento de todos aqui. Peço-lhe agora que faça vir á minha presença o homem que foi preso junto ao poço.
- Idóca - Um momento, doutor. Ha mais alguem nesta casa que tambem deveria ser interrogada, a meu ver.
- Delegado - Perfeitamente. Faça-a vir a minha presença então.
- Idóca - Alda, faça o favor de dizer á Celeste que venha cá.
- Alda - Pois não, dona Idóca, vou chama-la. (passos que se afastam)
- Jeronimo - Porque vê a senhora necessidade dessa creatura ser interrogada, dona Idóca-?
- Idóca - Simplesmente porque todos os outros o foram e afinal ele reside tambem sob o mesmo teto.
- Delegado - É empregada antiga na casa?
- Arminda - Não doutor. É empregada de muito pouco tempo até.
- Jeronimo - Trata-se de uma creança tola e medrosa que muito pouco nos pederá adeantar.
- Delegado - Contudo será bom ouvi-la tambem. (passos)
- Arminda - Celeste, o dr. delegado vai fazer-lhe algumas perguntas e você trate de contar a ele tudo que viu ou que sabe.
- Celeste - Mas eu não sei nada, dona Arminda, o que poderei contar? Eu estava dormindo quando tudo isto se passou. Só no dia seguinte pela manhã é que fui saber do ocorrido.
- Delegado - Não ouviu barulho nenhum? Nem mesmo a detonação do tiro?
- Celeste - Não ouvi nada absolutamente, seu delegado. Se eu tivesse ouvido não havia necessidade de negar, não é verdade? Mas não ouvi. Juro ao sr. que não ouvi nada absolutamente. Eu estive arrumando a cosinha até ás nove horas da noite. Depois estive um pouco sentada lá fóra ouvindo a gaita que os peães estavam tocando lá no galpão. Antes das dez e meia fui para o meu quarto e me deitei.

- Delegado - Muito bem, póde voltar para o que estava fazendo.
- Celeste - Sim senhor, com licença. (passos se afastam)
- Delegado - Antes de mandarmos vir o homem á nossa presença quero dirigir-lhe uma pergunta, meu amigo.
- Marcilio - Pois não, estou ás suas ordens, doutor.
- Delegado - O sr. diz que baixou pelas correntes do poço até o nível da agua e que não encontrou nas suas paredes cavidade alguma onde uma pessoa se pudesse esconder?
- Marcilio - É verdade. Nada, absolutamente. As paredes são completamente lisas. Como o velho que apreendemos antes, estivesse todo molhado eu supuz talvez que a cavidade pudesse estar abaixo do nível da agua. Procurei então com uma vara em toda a volta do poço e nada encontrei igualmente.
- Celia - Marcilio já lembrou a papai de mandar exgotar o poço.
- Alda - Seria mais fácil atulha-lo, não lhe parece sr. Delegado?
- Delegado - Talvez. Mas o que me parece mais acertado por óra é não fazer nem uma coisa nem outra.
- Idóca - O sr. Delegado é exatamente da minha opinião.
- Delegado - Bem, façam vir á minha presença o homem que prenderam.
- Jeronimo - Luiz, vá com Marcilio busca-lo.
- Idóca - Não lhe desatem os braços. Não convem.
- Marcilio - Muito bem. Com licença. (passos)
- Idóca - Duvido muito que o senhor Delegado possa arrancar-lhe uma só palavra. Eu já fiz todas as tentativas.
- ~~Delegado~~
Jeronimo - Até hontem á tarde ele estava fazendo a greve da fome. Não aceitava nada para comer mas Na hora de jantar aceitou um assado de xergue e feijão com arroz.
- Delegado - E tem tido assistencia medica para o seu ferimento?
- Arminda - Sim senhor. Assistencia diaria, doutor.
- Delegado - Perfeitamente. (passos se aproximam)
- Jeronimo - Aí vem elea.
- Delegado - Sentem-no aí nessa cadeira.
- Marcilio - Segure a cadeira, Alda, faça o favor. (pausa) Pronto.
- Delegado - (pausa) Muito bem. (pausa) O sr. sabe qual é o motivo da sua presença aqui nesta reunião, não é verdade? (pausa longa) Não quer falar? Porque? (pausa) Ouça, meu amigo: se pensa que o seu silencio poderá livra-lo da cadeia está muito enganado. O sr. foi surpreendido procurando entrar no poço do terreiro desta casa. Esta casa não é sua, não lhe pertence, logo o senhor deverá dar explicação das razões que o impeliram a proceder deste modo. (pausa) Vamos, fale. (pausa) Acredite no que estou lhe dizendo. O sr. terá muito mais vantagem em falar do que permanecer calado. Quais foram as razões que o levaram a proceder desta forma?
- Idóca - Ele não fala, é inútil.

Delegado - Pois muito bem, não quer falar por bem, não é verdade? Hei de obriga-lo a falar de outra forma. A senhora abra ali a minha mala e tire um aparelho de ferro que eu trouxe nela.

Homem - Não! Não!.....

Delegado - Promete que falará então?

Homem - Sim. Eu vou falar. (Ouve-se um ruído de um tiro. As mulheres gritam. Ouve-se dois ou três gemidos que são quasi roncões.)

(Característica musical forte baixando para falar o Speaker)

Speaker . Porque razão teria sido este homem baleado no momento em que se resolvera falar? Quem lhe terá dado o tiro que escutamos? Ouçam na próxima sexta feira ás mesmas horas de hoje mais um capítulo desta emocionante novela. Este foi o sétimo capítulo de " O segredo do Castanheiro" o novo programa de Roberto Lis que o interpretou com o seu conjunto de Rádio Teatro.

Apresentação!

Speaker:

ROBERTO LIS e seus artistas apresentam...

Roberto: O sgrede do castanheiro!...

Speaker: Escutaremos hoje o eitava capítulo desta novela da autoria de Roberto Lis, com a seguinte distribuição:

D. Idéca..... Branca Margarita
Jerônimo Pierre de Lima
Arminda..... Gissela Castro
Celia..... Maria Zita
Marcílio..... Roberto Lis
Alda..... Lília Maria
Luiz..... Claudio Real
Celeste..... Vera Mariza
Onofre..... Carlos Moré

Encarregado do Estúdio... E. Belo
Sonofonia de.....

VIII. CAPÍTULO

(Característica Musical)

Roberto Lís
19-5-7943

SPEAKER: - Os nossos ouvintes devem estar lembrados que no último capítulo desta novela, Luiz, da janela do seu quarto, acertou um tiro num homem desconhecido, que acercando-se do poço tentava descer a ele pelas correntes. O desconhecido, ferido numa perna, não pôde fugir às pessoas da casa, sendo por elas aprisionado. O delegado de polícia, chamado novamente da cidade para proceder à respectiva diligência, efetuou logo o interrogatório do prisioneiro que a princípio se obstinava em não pronunciar uma só palavra. Finalmente - ou por compreender a inutilidade do seu silêncio ou vencido pela labia do delegado - o homem decidiu-se a falar mas não chegou a ~~admitir~~ admitir nada sobre o misterioso castanheiro porque no momento exato em que ia entrar no assunto um tiro misterioso prostou-o no chão sem vida. Vamos novamente estabelecer contacto com as personagens desta novela exatamente ao dia seguinte em que estes fatos decorreram

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE E DEPOIS ENFRAQUECENDO ATÉ DESAPARECER)

- Adiantar*
- Idóca - E de onde pensa o senhor que possa ter partido aquele tiro, seu Jeronimo?
- JERONIMO - Só pode ter sido da rua. A Janela estava aberta quando o delegado estava procedendo ao interrogatório, era a coisa mais simples deste mundo um cúmplice qualquer ter se aproximado sornateiramente da janela e atirado no homem quando viu que ele ia botar tudo a perder.
- Idóca - Pois eu estou em afirmar que o tal tiro partiu foi daqui de dentro de casa mesmo.
- Arminda - Cruzes, dona Idóca, não diga uma coisa destas. Quem é que ia fazer uma coisa assim? Pelo que eu vejo a senhora desconfia de alguma das pessoas da casa?
- Idóca - E porque não? Numa ocasião destas, dona Arminda, deve-se desconfiar de todos.
- Arminda - Desculpe a minha franqueza, d. Idóca, mas isto é uma grande tolice da sua parte.
- Jeronimo - Se o interesse de todos aqui era de que o homem falasse porque razão exatamente um dos interessados iria impedir que ele o fizesse?
- Idóca - Por uma razão que só a ele ou a ele interessasse.
- Arminda - A senhora está suspeitando assim ao acaso para ver se também por acaso acerta com o verdadeiro culpado. Assim como naquele caso da senhora que lhe vendia meias.
- I
Idóca - Ouça, dona Arminda; escute seu Jeronimo: Eu quando digo as coisas não costumo dizê-las acreamente. Elas tem sempre uma base, um ponto de partida.
- JERONIMO - Quando essa base é uma suspeita não pôde ser uma base perfeitamente sólida.
- Idóca - Quando as suspeitas nascem de uma desconfiança, admito o seu ponto de vista, mas quando elas nascem de uma intuição, como acontece comigo, dificilmente elas são infundadas.

Arminda - Intuição é o que a senhora costuma chamar de faro, não é verdade?

Idóca - Exatamente. O nome que o determina não tem importância...

Arminda - Pois então a senhora permita que lhe diga que o seu faro anda muito es-
tragado. Imagina só, meu velho, afirmar que o tiro partiu daqui de den-
tro de casa! Quem, neste caso, poderia ter disparado esse tiro, eu?

Idóca - Com exceção dos presentes, que eram Celia, Marcílio, a senhora, seu ma-
rido e eu, qualquer um dos ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ outros poderiam
ter disparado esse tiro.

Jeronimo- A senhora quer dizer que suspeita de minha filha e do meu sobrinho?

Idóca - Eu não disse isto. Afirmei apenas que o tiro poderia ter sido dispara-
do por qualquer um dos que não estavam ali presentes no momento.

Arminda - Mas os que não estavam presentes no momento eram exatamente a Alda e
o Luiz.

Idóca - Mundico, a empregada, seu Antonio, nenhum destes estava presente na-
quele instante. Qualquer um deles poderia ter sido.

Jeronimo- Afinal, de qual deles a senhora suspeita?

Idóca - De todos. Enquanto não localizar a minha suspeita ela paira sobre todos
eles.

Arminda - Suspeitar de Alda e Luiz é um absurdo sem limites, d. Idóca.

Jeronimo- A senhora está errada, d. Idóca, completamente errada no seu ponto de
vista. Esse tiro partiu, sem dúvida nenhuma, dali de fora e por aque-
la janela que na ocasião estava aberta.

Arminda - (queimada) Decididamente, d. Idóca, a senhora é uma errada, sabe? Des-
culpe a franqueza, mas esta é que é a verdade. E quer um conselho meu?
Dedique-se a outra profissão porque esta foi muito mal escolhida.

Idóca - A senhora acha? Pois muito bem, então vou dar-lhe uma prova do que lhe
afirmo. Porque pensa a senhora que fiquei sózinha aqui ontem à noite,
quando todos foram dormir? Para investigar. Para procurar alguma pista
que me levasse ao caminho da verdade.

Jeronimo- E achou-a?

Idóca - De certo que sim. Do contrário não estaria aqui fazendo as afirmati-
vas que faço. A senhora acha que eu estou errada, não é verdade, d. Ar-
minda?

Arminda - Acho.

Idóca - E o senhor também é da mesma opinião, não é verdade, seu Jeronimo?

Jeronimo- Também.

Idóca - Pois muito bem. Façam o favor de olhar aqui. Vejam este burgo feito
por bala aqui neste reposteiro. Foi daqui que o tiro partiu.

Arminda e Jeronimo- (juntos) Oh!...

(CORTINA MUSICAL)

Celia - Você demorou tanto, Marcílio. Eu estava aflita para falar com você.

Marcílio- Eu estava ocupado, ajudando o seu Antonio a curar uma bicheira de um
novilho. Desculpe a demora. O que é que você quer?

Celia - Você não imagina como eu estou nervosa e preocupada, Marcílio.

Marcílio- Porque, Celia, fala.

- Celia - É sobre Alda que te quero falar.
- Marcílio- Sobre Alda? O que é que se passa com ela? (Passos que se aproximam)
- Celia - Cuidado, ela vem aí. Tratemos de disfarçar. [alto) Ficou pronto o curativo)
- Marcílio- Ficou. Temos ainda um cavalo para curar mas este ficou para logo de tarde.
- Alda - Bom dia.
- Marcílio- Bom dia, Alda. Agora é que se levantou?
- Alda - Não. Estou acordada desde muito cedo. Já saí, já dei uma volta a cavalo pelo campo e agora vou lêr um pouco.
- Celia - Você saiu sósinha, Alda?
- Alda - Saí. Que mal tem?
- Celia - É que mamãe não gosta, você sabe disso...
- Alda - Mamãe tem medo que nos possa acontecer alguma coisa mas de dia não ha nenhum perigo, porque os mistérios aqui geralmente acontecem e à noite.
- Marcílio- Você agora já não está tão medrosa como a principio, não e' verdade?
- Alda - Habituei-me, Marcílio. A gente havitua com tudo. Até mesmo com a morte.
- Celia - Você ontem não estava na sala no momento em que o homem desconhecido foi baleado, não é verdade?
- Alda - Não, eu tinha pedido ao delegado licença para retirar-me um momento e quando eu já vinha de vota no corredor ouvi o estampido. Apressei o passo e ao entrar aqui já vi o homem caído ali perto daquela cadeira. No principio até pensei que fôsse o delegado mesmo que lhe tivesse dado o tiro.
- Marcílio- Que idéia a sua, Alda. O delegado lá poderia fazer uma coisa destas?
- Alda - Eu sei perfeitamente que não mas é que num momento assim de confusão até mesmo as nossas ideias se confundem.
- Celia - Mamãe me disse que d. Idóca afirma que o tiro partiu de dentro de casa mesmo.
- Alda - D. Idóca é uma velha idiota. Quem é que pode dar crédito às coisas que ela diz? Só mesmo uma creatura tão pobre de mentalidade como ela ou pior ainda. Está mais do que visto que o tiro veio de fora. Naturalmente esse homem que foi preso tinha algum cúmplice que nós não sabemos quem é. Esse cúmplice soube ou descobriu que ele fôra aprisionado. Andou provavelmente por aí, oculto, rondando a casa; viu chegar o delegado da cidade, aproximou-se da janela para ouvir o interrogatorio ou para libertar o seu companheiro, se lhe apresentasse oportunidade. Vendo depois que ele se resolveu a falar e que ia deitar todos os planos nagua tratou de liquida-lo.
- Celia - Mas afinal ele nada fez senão tentar entrar no poço. Pergunto eu agora porque razão? Que pretendia ele fazer lá?
- Alda - Naturalmente esconder-se para algum fim que nós ignoramos.
- Marcílio- Sim, porque não me parece que ele pudesse ter o que roubar lá. Agua e-le conseguiria em qualquer outro lugar sem arriscar o pelo.
- Celia - Não me parece muito errado o ponto de vista de Alda, embora não consiga atinar com as razões que levaram o desconhecido a procurar ocultar-se no poço, agora com o que eu não posso concordar é com d. Idóca, que afirma como já disse, que o tiro partiu daque de dentro de casa mesmo.

- Alda - D. Idóca tem uma telha de menos, não se pôde levar em conta o que ela diz, Celia.
- Celeia - Para eue o tiro partisse daqui só o poderia ter dado quem tivesse revolver. Você não usa arma, não é Marcílio?
- Marcílio- Absolutamente. A minha arma são as minhas pernas. Quando eu não posso enfrentar o perigo, corro.
- Celia - Eu tão pouco uso qualquer arma. Você usa, Alda?
- Alda - Credo! Deus me livre. Usar arma para que? Mesmo que tivesse necessidade eu não teria coragem de atirar em niguem. A arma de nada me serviria.
- Celia - Creio até que você nunca pôs a mão num revolver, não é verdade?
- Alda - ~~XXXXXXXXXX~~ - Não gosto nem de ver quanto mais de pôr a mão.
- Celia - Luiz é que usa revolver.
- Alda - Revolver só? Revover, faca, laço, canivete, manópola e sei láquanta coisa mais.
- Marcílio- E com toda essa paramenta quando chega a hora h ele corre que ninguem o enxerga.
- Alda - Já vê você que o tiro para ter partido daqui de casa só poderia ter sido dado por Luiz e Luiz provou que o seu revolver não havia sido deto nada, mais que uma fêz, que foi quando ele feriu o homem entrando no poço; e a bala que lhe causou a morte é de calibre diferente da que lhe feriu a primeira vez.
- Marcílio- É, isto está realmente um novelo difícil de desembaraçar. Uma verdadeira massaroca.
- Alda - Sabe o que é melhor? É deixar as coisas correrem para ver-se no que param. Um dia, quando a gente menos esperar, as coisas se descobrem com a maior facilidade. E agora eu vou subir que estou louca para continuar com a minha facilidade. E agora eu vou subir que estou louca para continuar a minha leitura. Deixei este livro ontem num ponto tão interessante!
- Marcílio- O que é que você está lendo?
- Alda - "O resto é silêncio". Bem, tchausinho pra vocês. (Passos que se afastam)
- Marcílio- Até logo. (Pausa) O que é que você tem, Celia?
- Celia - Maricílio, que coisa horrível! Eu estou desesperada, Marcílio, desesperada!
- Marcílio- Mas afinal o que foi? O que aconteceu? Fala.
- Celia - Alda está mentindo, Marcílio!
- Marcílio- Mentindo!?
- Celia - Está mentindo, sim. Tenho certeza absoluta! É isto exatamente que me desespera. Obriga-me a pensar coisas horríveis, coisas que não queria pensar!
- Marcílio- Mas como é que você pôde ter certeza de que ela está mentindo?
- Celia - Você não acabou de a ouvir dizer que não usa armas?
- Marcílio - Sim.
- Celia - Que nunca botou a mão num revolver?
- Marcílio- Sim.
- Celia - Que não teria coragem de disparar uma arma contra quem quer que fosse?

Marcílio- Sim.

Celia - Pois então veja. Este revólver com uma capsula detonada e exatamente do mesmo calibre do que matou o homem desconhecido, estava escondido no quarto dela.

Marcílio- Não é possível, Celia.

Celia - Infelizmente é verdade, Marcílio. E d. Idóca tem razão em afirmar que o tiro partiu daqui de dentro de casa. Veja aqui neste reposteiro. (pausa).

Marcílio- Que coisa horrível, Celia!... Será mesmo verdade?

Celia - Como eu quizera que fosse mentira, Marcílio! Como eu quizera que todas as minhas suposições fossem erradas, Marcílio!... (chorando) Mas infelizmente a verdade dos fatos está entrando pelos nossos olhos. O que faremos agora, Marcílio! (desesperada) Por favor, diz: o que poderemos fazer?

Marcílio- Acalma-te, Celia. Havemos de encontrar uma solução.

(CORTINA MUSICAL)

Marcílio- A musica não atrapalha a sua leitura?

Alda - Absolutamente, pôde continuar a tocar.

Marcílio- O que é que você prefere ouvir: Luciene Boyer ou Elvira Rios?

Alda - Qualquer uma das duas. Gosto de ambas.

Marcílio- Vou botar este disco, então.

~~Alda~~ *Alda* - Celia onde é que está?

Marcílio- Foi deitar-se. Estava muito indisposta, com muita dor de cabeça. (Ouve-se um bolero ou canção, cantado por Elvira Rios) Não achas notavel essa creatura?

Alda - Formidavel, sim. Eu até interrompi a leitura para ouvir melhor.

Marcílio- Se você não se aborecesse comigo, Alda, eu lhe pediria para que parasse um pouco mais a sua leitura e me dispensasse dez minutos de atenção. necessito muito falar-lhe.

Alda - Fale, então, O que é que ha?

Marcílio- O assunto é muito delicado mas eu não posso deixar de lhe falar com toda a franqueza porque prevejo que você irá se embaraçar, mais dia menos dia, e quero auxilia-la a sair desse embaraço, poupando assim um grande desgosto a tio Jeronimo e tia Arminda.

Alda - Marcílio, eu confesso a você que não estou entendendo uma palavra do que você está me dizendo.

Marcílio- Alda, o momento é grave e não comporta dissimulações. Responda com sinceridade as perguntas que lhe vou fazer: porque você saiu da sala no momento exato em que o homem desconhecido ia ser interrogado pelo delegado de policia?

Alda - Você é muito indigente, Marcílio, mas uma vez que estou percebendo que você está desconfiado comigo vou lhe dizer que rebentou-se o tirante da minha saia e eu fui ao meu quarto para arruma-lo

Marcílio- Você me garante que não possui arma nenhuma, Alda?

Alda - Juro a você pelo que você quizer.

Marcílio- 2E este revólver aqui? De quem é?

Alda - Não sei. Onde encontrou você este revolver?

Marcílio- No seu quarto.

Alda - Não é verdade.

Marcílio- No seu quarto, estou lhe dizendo.

Alda - Não pode ser. Não meu quarto é mentira. E demais, o que foi você fazer no meu quarto?

Marcílio- Eu não fui lá, Alda. Celi foi que encontrou este revolver escondido entre as suas coisas. Não quero afirmar a você uma coisa que não tenho certeza mas parece-me que ela disse que o encontrou em baixo do seu colchão.

Alda - É mentira! Mentira dela!

Marcílio- Que necessidade tinha a sua irmã de inventar uma coisa que lhe compromettesse, Alda? Reflexione.

Alda - Não sei. Assim como ela desconfia de mim eu também tenho o direito de desconfiar dela. Este revolver não é meu. Ele não me pertence e eu não acredito que ele estivesse escondido no meu quarto e muito menos em baixo do meu colchão. É mentira, está ouvindo? (forte) É mentira! (mais forte) Três vezes mentira!...

Marcílio- Não se exalte, Alda, não ha necessidade disto. Eu quero exatamente auxiliá-la.

Alda - Não é preciso. Agradeço o seu auxilio. Não preciso o auxilio de niguem. Diga à Celia que eu saberei me defender sósinha!

(CORTINA MUSICAL)

Luiz - Onde é que tu vais, belezinha?

Celeste - Seu Luiz, seu Luiz, deixe dessas confianças comigo. Eu não gosto de muitas intimidadés, não.

Luiz - Entãõ não queres que eu te chame de belezinha? Mas se tu és o que é que eu vou fazer? Queres que te chame de feia? Não posso. Eu não sou injusto.

Celeste - Quero que o senhor me trate com mais respeito. O senhor pensa que eu gostei outro dia quando estava servindo a mesa que o senhor me deu aquele beliscão na perna? Não gostei, não. Não dei o estrilo porque não quíz fazer escandalo. Aguentei firme mas a vontade que me deu foi de atirar-lhe a sopeira na cabeça.

Luiz - Porque? Te doou muito o beliscão? Deixa ver. Onde foi?

Celeste - Não amole, seu Luiz, se pare quieto. Daqui a pouco a d. Arminda chega por aí, vê o senhor me agarrando e me puxando o que é que ela vai pensar?

Luiz - Não vai pensar porque ela não vai ver. Eu antes de fazer qualquer manobra com o meu carro de assalto olho os flancos e a retaguarda. De survançar no teu terreno tu por receio dos outros não precisas recuar porque os arredores já foram inspecionados.

Celeste - É, o senhor é muito sabidinho, mas comigo não, violão. Comigo a escrita é outra que o tempo dos trouxas já passou. Eu não sou massa nem nada para o senhor tá aí me amassando, me amassando, me amassando. Comigo, meu negro, a escrita é às claras. Cartorio e Igreja. Sabe o que é que quer dizer isto?

Luiz - Eu nunca fui dado a advinhações e tenho horror a palavras cruzadas.

Celeste -

- Celeste - Pois olhe que elas aí estão bem claras, não tem nada de cruzadas. Quer dizer que na cantada do casamento eu não vou. Eu vou é no casamento.
- Luiz - Que bobagem, meu Deus! Uma pequena inteligente com você com umas ideias tão atrasadas!
- Celeste - Atrasada, não é? Pois é, e o senhor é adiantado mas quer avançar demais. Mas cuidado, menino, cuidado que o terreno às vezes pôde estar minado.
- Luiz - Escuta aqui, o que é que tu tens ido fazer de noite por aí pelo campo?
- Celeste - Como é que o senhor sabe que eu ando por aí de noite?
- Luiz - Como é que eu sei? De uma forma muito simples. Já fui umas duas ou três vezes te convidar para sair comigo - pra irmos até lá a lagôa pra ver o luar - é muito bonita a lua assim refletindo na água....
- Celeste - Eu sei.
- Luiz - Pois é, e essas duas ou três vezes que fui lá te buscar não te achei. O quarto estava vazio. Onde é que você andava?
- Celeste - Tinha ido ver a lua.
- Luiz - Sósinha? Você não tem medo de andar de noite sósinha por aí?
- Celeste - Mas eu não fui sósinha. Fui com outro que andou mais depressa que o senhor.
- Luiz - Marcílio?
- Celeste - Não sei. Não tenho nada que lhe dizer quem era o outro. O senhor não é padre nem nada para eu estar aqui me confessando.
- Luiz - Escuta aqui, e nesses teus passeios noturnos tu nunca viste nada de interessante que nos pudesse auxiliar a desvendar o segredo do castanheiro, não?
- Celeste - Vi, mas não quero falar. Si eu quizesse abrir a minha boca!
- Luiz - Mas tu deves contar o que vês. Lembra-te que todos temos vantagem em ajudar a descobrir o verdadeiro culpado, porque enquanto ele não foi descoberto, as suspeitas tanto pairam sobre mim como sobre ti, sobre todos, enfim.
- Celeste - É verdade! O senhor tem toda a razão! Eu nem tinha pensado nisto. Mas a questão é que eu tenho tanta pena de enrascar a pobresinha! Ela é tão boasinha pra mim!
- Luiz - Ela quem?
- Celeste - A d. Alda.
- Luiz - Mas o que é que tu viste que pudesse compromete-la? Conta.
- Celeste - Eu vou contar pra o senhor, mas o senhor jura que não conta pra mais ninguém?
- Luiz - Juro.
- Celeste - Pois então ouça: Tres dias seguidos a d. Alda, depois que todos estavam dormindo, levou um prato de folha com alguma coisa dentro - comida, provavelmente - e botou na borda do poço. De madrugada ia lá recolher o prato. Pôde ser que isto não tenha importancia, que fôsse uma simpatia para casar. Moça solteira quasi sempre faz essas coisa, mas a verdade é que tendo havido tudo que houve junto àquele poço, dá pra gente desconfiar, o senhor não acha, seu Luiz?

Luiz - É, tens razão. Dá pra desconfiar, sim. Mas escuta aqui: tu não constaste isto pra ninguém?

Celeste - Pra ninguém, seu Luiz, só pro senhor.

Luiz - Pois então te fecha que nós vamos descobrir esta marmelada. Agora sim, agora quem vai ser o Sherlock aqui sou eu!

(CORTINA MUSICAL)

(Batem onze badaladas espaçadas)

Arminda - Que horror, meu Deus, onze horas já! A gente conversando e fazendo tricô não sente as horas passar.

Idóca - Seu Jeronimo já está dormindo?

Arminda - Há muito tempo, deve estar já no segundo ou terceiro sono.

Idóca - Criaturas felizes, as que podem deitar e dormir. O meu falecido marido Pantaleão Pereira da Pedra é que era assim. Deitava e dentro de cinco minutos já estava roncando. Já o Sebastião Madeira era ao contrário. Chegava a passar quasi a noite toda sem dormir. Tinha uma insônia que dava pena. Eu ficava acordada também para acompanhá-lo e o resultado foi que me habituei a dormir pela madrugada.

Arminda - Mas esse habito enfraquece muito. O sono que mais nos alimenta é aquele que dormimos antes da meia noite. Pelo menos é o que dizem. E com isto vou lhe pedir licença, d. Idóca, e recolher-me ao meu ninho.

Idóca - Vá sim, vá dormir que a senhora não está habituada a deitar-se assim tão tarde.

Arminda - Até amanhã então, d. Idóca. Deus lhe dê uma boa noite.

Idóca - Muito obrigada, igualmente (Passos que se afastam). Eu não sei o que deu no pessoal miúdo aqui de casa que hoje todos se deitaram cedo. Isto está me cheirando a qualquer coisa. O que é não sei mas que qualquer coisa de extraordinário está por acontecer nesta casa, está. Isto é o meu faro policial que se revela. Mas seja lá o que for que estiver para acontecer eles não me pegarão de surpresa. (Passos) Vou apagar esta luz e ficar aqui quietinha, no escuro, à espera dos acontecimentos. (ruido de chave) (ouve-se muito de longe uma musica de gaita ou violão) O pessoal miúdo está se divertindo lá no galpão. (Ha uma pausa em que só se ouve a musica longe). (baixo) Espera! Ali vem um vulto descendo muito vagarosamente as escadas. Naturalmente esforça-se por não fazer barulho. Vejamos onde vai. (Pausa) Aproxima-se da porta. (alto) Pare! Mãos ao ar.

Marcílio - O que é isto, d. Idóca, sou eu.

Idóca - Eu quem?

Marcílio - O Marcílio.

Idóca - Onde é que você ia?

Marcílio - Ia lá fora verificar se havia alguém. A senhora não ouviu o barulho das correntes do poço?

Idóca - Não ouvi barulho nenhum.

Marcílio - Pois eu estava deitado e ouvi. Resolvi então descer para vir certificar-me do que era.

Idóca - Pois é, mas você vai voltar e vai deitar-se porque hoje ninguém me sai desta casa pra rua. E é inutil insistir porque eu não deixo. Ficarei aqui de guarda a noite inteira. Aviso-lhe pra o senhor não perder tempo numa nova tentativa.

Marcílio - Mas d. Idóca, eu preciso ver que barulho foi que eu ouvi.

- Idóca - Você não ouviu barulho nenhum porque as correntes não se mexeram que eu estava aqui mais perto do que você, estava alerta e não ouvi coisa nenhuma. Volte para o seu quarto que eu me encarregarei de descobrir a origem de qualquer rumor.
- Marcílio - Está bem, d. Idóca. Não insisto. Eu volto. Boa noite. (pausa longa)
- Idóca - Quando eu digo que a gente não pôde confiar em ninguém e que deve desconfiar de todo o mundo! Eles pensam que eu sou idiota mas os idiotas são eles em não acreditar no que eu digo. Olhem: lá vem ele de volta. E vem pé por pé. Mas o que pensará ele de mim afinal? Se eu neste momento lhe fiz dar volta, porque insiste ele novamente em sair? (pausa maior) (Alto) Onde vai você? Eu já não lhe disse que ninguém me sai hoje daqui?
- Luiz - Que horror, d. Idóca! Que susto a senhora me deu!
- Idóca - Ah, é você, Luiz? Onde é que você vai?
- Luiz - Onde é que eu vou?... Eu vou... vou... a senhora não ouviu um barulho aí fora não?... Pois eu ouvi. Foi por isto que desci... para verificar.
- Idóca - Pois é, mas você vai dar volta e vai deitar-se novamente porque hoje eu já disse que ninguém me sai desta casa para fora. Vamos, vamos, volte e vá deitar-se.
- Luiz - Cuidado, d. Idóca! Vire esse revólver pra lá. Isto às vezes dispara.
- Idóca - Vamos, vamos.
- Luiz - Já vou, sim senhor, já vou. Até amanhã então d. Idóca! (pausa longa)
- Idóca - Bem eu estava presentindo que alguma coisa de extraordinário estava para acontecer hoje. Primeiro foi o outro a tentar sair. Agora este. Felizmente eu estou alerta e não me deixo engazopar assim no mais. Eles me enganam mas costumam. Senhor! Mais um outro a tentar sair? Quem será este agora? (pausa longa) Onde é que vai?
- Alda - Ai que susto, d. Idóca!
- Idóca - Vamos embora outra vez lá pra cima, caminhe!!
- Alda - A senhora não ouviu o barulho lá fora, não ouviu?
- Idóca - Não ouvi não. Vamos, vamos pra cima. Hoje ninguém me sai de casa. Hoje estão cortados os naipes de vocês todos.
- Alda - Está bem, d. Idóca, eu subo. Não fale muito alto que pôde acordar o Papai. Até amanhã, d. Idóca.
- Idóca - Até amanhã. (pausa longa) Quando eu digo que hoje ia ter coisa aqui em casa! E depois a d. Arminda e o seu Jerônimo ainda quiseram ficar aborrecidos comigo porque eu suspeitei dessa trinca! (grito de ave, fora) Ih, mau sinal!... (pausa longa. Ouve-se muito ao longe o tro-te um cavalo que se aproxima) XXX Ai vem alguém. (Ouve-se mais dois gritos de ave) Deixa-me ficar a este canto da janela que daqui eu posso observar tudo sem correr o risco de que alguém me veja de fora. (trovoada longe) Um temporal se aproxima. O céu está escuro lá pra baixo! (pausa longa) Nova trovoada longe) (RUIDO DAS CORRENTES DO POÇO) As correntes do poço! Mas não ha ninguém em volta dele. Ninguém ali por que to que as move assim? Não, mas não pode ser. Não está certo alguém que vai sair de dentro do poço e está esperá-lo lá perto. A minha lanterna... o meu revólver... Idóca! Mãos á obra. (ruído das correntes vai aumentando) mais até ficar bem em cima do microfone).
- Onofre - (baixo e cansado) Upa diabo! É um mucado que faz um mucado de força pra subi.

Ideca - (calma) Mãoqho alto. Vamos, mão s ao alto, já lhe disse, sinão atire. Não fique aí esse saco. Murxixix (gritando) Marcílio! Corra aqui, Marcílio, eu preciso de você.

Marcílio - (de longe e aproximando-se) Já ^{vou} ~~murxixix~~ aqui, dona Ideca. Assisti tudo de longe e já vinha em seu auxílio.

Ideca - Teme conta desse saco e vamos levá-lo lá para dentro.

Marcílio - Oh diabo! Como peza isto aqui. O que será?

Ideca - É o que iremos ver agora. Vamos, você. Penha-se a caminho na minha frente. Não senhor. Sempre com as mãos levantadas.

Onofre - Tá bem, dona, eu vô.

Jeronimo - (distante) Marcílio, dona Ideca, o que foi q e houve aí?

Ideca - Já vamos lá, seu Jeronimo. Tenha calma. Espere.

Célia - (a alguma distancia) Marcílio, o que aconteceu, Marcílio. Ouve q na Ideca gritar por você.

Marcílio - Calma, Celia, não é nada.

Célia - O que é isto nesse saco?

Marcílio - Não sei. Agora é que vamos ver.

Arminda - Oh meu Deus, quanta coisa tem acontecido nesta casa! Mas o que? É o Onofre que trazem prezo?

Marcílio - O onofre, sim.

Ideca - Ele mesmo. Ia saindo de dentro do peço conduzindo aquele saco ali... Ué! Onde está o saco, Marcílio? Onde você o pez?

Marcílio - Aqui, q na Ideca, neste momento. Você não viu Celia eu depositar o saco aqui neste canto?

Celia - Vi, sim. O senhor não o tirou daqui papai?

Jeronimo - Eu não. Nem lhe betei a mão.

Celia - A senhora, mamãe, não viu?

Arminda - Eu minha filha? Eu não vi coisa nenhuma.

Celia - Então, Marcílio, o saco desapareceu.

Marcílio - Ouvei dona Ideca? Mais um misterio a esclarecer: o saco desapareceu.

(Característica musical forte, baixando depois aos poucos para falar o speaker)

SPEAKER: - Porque motivo terá desaparecido o saco que Onofre trazia de dentro do peço? O que conterá ele? Quem o terá roubado? Ouça na próxima sexta feira, às mesmas horas de hoje, ~~murxixix~~ o penúltimo capítulo de "Segredo de Castanheira" e a continuação de todos estes acontecimentos.

Este é um programa escrito por Roberto Lis que o interpreta com os seus artistas de rádio teatre ao mic ofone da PRO 2 - Rádio Gaucha de Parte Alegre.

(Característica musical forte, baixando depois até desaparecer)

DISTRIBUIÇÃO DO 9º Capítulo:

SPEAKER: - Roberto Lis e seus artistas apresentam...

ROBERTO: - O SEGREDO DO CASTANHEIRO!...

SPEAKER: - No presente capítulo, que é o penúltimo desta novela, teremos a seguinte distribuição:

Jeronimo.....	Pierre de Lima
Armanda.....	Gissela Castro
Marcílio.....	Roberto Lis
Celia.....	Maria Zita
Luiz.....	Claudio Real
Celeste.....	Vera Mariza
Idéca.....	Branca Margarita
Onofre.....	Charles Moré
Alda.....	Lilia Maria
Encarregado do Estúdio...	Emilio Belo
Sonofonia de.....	

(CARACTERISTICA MUSICAL)

21-5-43
2ªª

SPEAKER: - No ultimo capitulo deste romance, Celia encontrou um revolver com uma cápsula detonada escondido no quarto de Alda. Desesperada e lutando contra uma suspeita que ela não queria aceitar, vai contar a Marcellio a sua descoberta. Marcellio procura Alda de quem tenta arrancar uma confissão mas Alda nega que o revolver lhe pertença, alegando que se retirou da sala um pouco antes de matarem o homem que estava sendo interrogado, por ter se rebentado o tirante de sua saia. Luiz, conversando com a nova empregada, pergunta-lhe o que fazia ela á noite pelo campo e se nos seus passeios noturnos nunca havia visto nada que o auxiliasse a desvendar o segredo do castanheiro. A empregada, depois de certa relutancia e sob promessa de segredo absoluto, conta então a Luiz que durante tres dias seguidos Alda havia ido ao poço depositar na sua borda um prato de comida que depois, pela madrugada, ia novamente recolher. Á noite, depois de todos se recolherem, dona Idóca, desconfiando da particularidade de terem ido todos dormir mais cedo do que de costume, resolveu ficar na sala de estar, no escuro, em vigilância. Momentos depois viu um vulto descendo cuidadosamente as escadas. Era Marcellio que alegava ter ouvido um rumor lá fóra e desejar investiga-lo. Dona Idóca o fez voltar assim como Luiz e finalmente Alda que desciam com a mesma cautela e a mesma desculpa. Momentos depois de ter feito voltar Alda, que foi a ultima que desceu, dona Idóca ouviu o ruído das correntes do poço. Chegando á janela observou que não havia ninguem em volta do poço e não obstante as correntes se mexiam. Procurando aproximar-se, a detetive chega ao poço no momento preciso em que Onofre saltava de dentro dele para fóra. Apontando-lhe o revolver deu-lhe ordem de prisão, obrigando-o a saltar um saco que ele trazia em uma das mãos e que parecia pesar muito. Marcellio, que correra em auxilio de dona Idóca, tomou conta do referido saco, levando-o para dentro de casa. Quando estavam todos reunidos e preparavam-se para interrogar Onofre, o saco desapareceu misteriosamente. Foi aqui que ficamos. Vejamos agora o que depois aconteceu.

(CARACTERISTICA MUSICAL FORTE E ENFRAQUECENDO DEPOIS ATE DESAPARECER)

- Jeronimo - Eu não atino com as razões porque dona Idóca se recusa a comunicar á policia a prisão de Onofre e conserva o homem ha tres dias encerrado naquele quarto.
- Arminda - Essa senhora tem um parafuso de menos, eu estou cansada de dizer. Si eu fosse você, meu velho, avisava a policia o que aconteceu e pouco me importava que ela se incomodasse.
- Jeronimo - É o que eu estou com vontade de fazer.
- Marcellio - Eu acho, titio, que o senhor não devia fazer isto começando a acreditar nesta velhota. Ela que não quer comunicar á policia é porque deve ter os seus motivos.
- Celia - Eu tambem estou com você, Marcellio. Acho que deviamos esperar.
- Arminda - Esperar o que? Que ele fuja outra vez?
- Marcellio - Ele está bem fechado, não ha perigo de fugir.
- Jeronimo - Se da cadeia ele fugiu que as portas e janelas eram de grade, com muito mais razão daqui que elas são de madeira.
- Celia - Garanto ao senhor que daqui será muito mais difficil.
- Arminda - Não sei porque.
- Celia - Pela vigilancia de dona Idóca. Ela não dá uma folga. Chega a dormir sentada pra não se envolver nem um pouco profundo.

- Marcílio - Eu acho até que ela nem dorme. A qualquer hora da noite que a gente desça encontra a dona Xádea escondida nos dos cantos da casa.
- Jeronimo - Eu não sei não. Sen eu dissesse a vocês o presentimento que eu tenho vocês seriam capazes até de se escandalizar.
- Celia - Diga, vamos ver.
- Jeronimo - Não vale a pena. É melhor eu me calar.
- Marcílio - Onde é que anda a Alda, titia, que hoje todo o dia não lhe botei os olhos em cima?
- Arminda - Está um bocado indisposto tem estado sempre deitada.
- Jeronimo - É preciso levar essa menina ao médico, minha velha. Ultimamente ela tem tido muito seguido essas indisposições.
- Arminda - Já falei nisto. Ela não quer, acha que é bobagem.
- Jeronimo - Não é bobagem nenhuma. Agora, quando voltarmos para a cidade, a primeira coisa que faremos será isto.
- Arminda - Mas voltarmos para a cidade quando? Você teima em não querer sair da qui.
- Jeronimo - Teimo em não sair por ora mas não ficaremos aqui a vida toda.
- Arminda - E quando será então?
- Jeronimo - Quando será? No dia em que ficar desvendado o mistério da fazenda do Castanheiro. (Ruído das correntes do poço). Ué, o que é isto?
- Celia - As correntes do poço!
- Jeronimo - Assim em pleno dia?! Olhe que já é muita audácia. (passos que se afastam) (falando a uma certa distancia do microfone) O que é isto menino? Que bobagem é essa? (passos que se aproximam)
- Arminda - Quem é?
- Jeronimo - Quem ha de ser? O Luiz fazendo gracinhas.
- Celia - Puxa que levei um susto!...Cheguei a ficar com as mãos frias, veja.
- Marcílio - Que bobagem é essa? Você agora deu para ficar medrosa?
- Arminda - Essas brincadeiras não tem graça nenhuma. Sempre dão meu resultado. (passos que se aproximam)
- Luiz - (rindo) Então, levaram um sustinho, não?
- Jeronimo - Que bobagem foi essa, menino?
- Luiz - Nada. Passei pelo poço olhei pras correntes e tive vontade de mexer com vocês.
- Arminda - Pois fez muito mal. Você bem sabe que não se brinca com fogo.
- Jeronimo - Criança que brinca com fogo bem sabe o que acontece.
- Luiz - Sei sim, acabe^o susimando. (CONTINA MUSICAL)
- Celeste - Podemos falar aqui, seu Luiz?
- Luiz - Sim, mas cuidado. Se chegar alguém já sabes como é.
- Celeste - Despieto, não tenha duvida. Eu já estou ficando treinada em diabolizar.

- Luiz - Em disfarçar, queres tu dizer?
- Celeste - Pois é, em disfarçar. Pois não foi o que eu disse?
- Luiz - Não. Tu dizeste disfarçar. E disfarçar é errado. Não é disfarçar que se diz, é disfarçar. Se tu quizeres tu casar comigo tens que aprender a falar direito.
- Celeste - Escuta aqui seu Luiz, é verdade que o senhor quer casar mesmo comigo?
- Luiz - É verdade, sim.
- Celeste - Hum! Mentira. O senhor está me tapeando.
- Luiz - Tapeando porque? Eu já não disse a você que gosto de você?
- Celeste - Ah isso não tem importancia. Isso muito tem dito -me e eu até hoje estou solteira.
- Luiz - Mas deixa que um dia tu te casas. Não te preocupa.
- Celeste - Com o senhor?
- Luiz - Se não for comigo ha de ser com outro, mas que tu te casas, te casas.
- Celeste - Ah mas eu queria com o senhor.
- Luiz - Está bem, eu caso contigo. Mas vamos ao que interessa antes que venha alguém por aí e nos entorne o caldo. Fizeste o que te pedi?
- Celeste - Não deu seu Luiz.
- Luiz - Como não deu? Ela não ouviu o ruído das correntes?
- Celeste - Ouviu mas nem se abalou de onde estava. Estava deitada e deitada ficou.
- Luiz - Quem sabe ela não ouviu? Tu devias ter chamado a atenção dela.
- Celeste - Eu chamei, seu Luiz, eu disse pra ela assim: dona Alda, olhao barulho das correntes. Ela meio que elvantou assim na cama e disse: Não ha de ser nada, a esta hora do dia ninguem ia se atrever a fazer coisa nenhuma. Deitou de novo e ficou. Eu ainda fingi que estava assustada pra ver se ela se interessava e saia do quarto mas qual. Nem deu bola.
- Luiz - Então nada feito.
- Celeste - Pois é, nada feito.
- Luiz - Tu assim não me serves pra parceira. Desse geito eu não me caso contigo.
- Celeste - Mas o que é que o senhor queria que eu fizesse mais seu Luiz? Eu fiz tudo direitinho como o senhor mandou.
- Luiz - Mas uma vez que viste que o plano fracassou deverias ter inventado qualquer coisa para qm ela saísse do quarto e tu pudesses agir.
- Celeste - Pois é, mas eu não sabia o que é que ia fazer. O senhor vê, eu não tenho prática dessas coisas. Nunca me meti nisto.
- Luiz - Pois é, pois então está desmanchado o nosso casamento.
- Celeste - (voz de choro) Oh seu Luizinho, não faça assim que eu choro. Quem sabe eu vou lá e digo pra ela que o senhor quer falar com ela?
- Luiz - Não serve. O que é que eu vou dizer pra ela quando ela chegar aqui?
- Celeste - Quando ela chegar o senhor diz que é primeiro de Abril.
- Luiz - Mas primeiro de Abril no dia 9 de Março? Não, minha filha. Decididamente você não tá pra isto. Cai fóra, cai fóra, desguia antes que ve-

ha al quem. (Celeste afasta-se chorando) Qual! Esta é muito patupida. Com ela eu não posso contar. Vai me botar a corrida toda a perder. Eu tenho que trabalhar é sózinho.

(CORTINA MUSICAL)

(Roncos profundos)

- Idóca - acorde, seu preguiçoso, acorde que temos muito que conversar.
- Onofre - O que é que mecê qué cumigo, dona?
- Idóca - Pensou sobre a proposta que lhe fiz ontem?
- Onofre - Pensei, sim, sia dona. Ela num é de tudo má. Póde sê que a gente arregle o negocio.
- Idóca - Pois muito bem, fico satisfeita em saber que haja uma possibilidade de nos entendermos. Aqui tem outra chave desta porta. As nove e meia, mais ou menos, eu tratarei de afastar a sentinela que lhe cuida, dizendo que o ficarei substituindo. Você sai com aautela para não ser visto por ninguém e vai direito a figueira da baxada. Lá encontrará um cavalo ensilhado que ~~xxxxxxxx~~ estará amarrado do lado de fóra do aramado. Monte nele e toque-se para a Lagôa.
- Onofre - E a sia dona me espera lá?
- Idóca - Se eu já não estiver lá sente-se e espere que eu não tardarei em chegar.
- Onofre - Muito bem tá acumbinado.
- Idóca - Mas veja lá, heim? Não tente fugir porque será pior para você. Eu tornarei a lhe encontrar e dessa vez não terei a menor complacencia com você.
- Onofre - Num tenha medo, sia dona. Onofre é ladrão nas é ladrão de palavra. Não esque ele diz que faiz faiz mesmo.
- Idóca - Vamos a ver. Dessa nossa entrevista de hoje depende a sua salvação. Não esqueça isto.
- Onofre - Num tem pirigo.
- Idóca - Então já sabe. Fique com a chave e ás nove e meia bôte-se em caminho.
- Onofre - May uma coisa, sia dona: eu num tenho relajo pra sabê quando é nove e meia.
- Idóca - Ah é verdade!... Eu tambem não tenho relógio aqui para deixar com você... Como é que vamos fazer? (pausa) Bem, não tem importancia. Quando você ouvir uma musica tocando na vitrola você póde tratar de sair que o caminho está preparado. Ás nove horas eu virei aqui e despistarei o sentinela, ás nove e vinte botarei o disco na vitrola. Quando o disco terminar tratarei de despister da sala e tocar-me para o ponto combinado. Feito então?
- Onofre - Feito, sia dona.
- Idóca - Muito bem. Até logo então.

(CORTINA MUSICAL)

- Luiz - Melhorou prima?
- Alda - Oh Luiz. Boa noite. Melhorei um pouco, sim.
- Luiz - O que é que você tem está resfriada?
- Alda - Não sei, tenho a cabeça muito tonta desde ontem á noite.
- Luiz - Você talvez se tenha resfriado com as suas saídas á noite. As noites agora já estão meio frias.
- Alda - As minhas saídas é noite. Disse você? Mas que saídas, Luiz se eu tenho

COTO

- estado sempre em casa de noite?
- Luiz - Sempre / sempre?
- Alda - Oé Luiz o que é isto? A proposito de que essa sua pergunta? Não estou lhe compreendendo.
- Luiz - Minha prima, não tenha receio de me contar toda a verdade. Eu saberei compreendê-la.
- Alda - Mas que toda a verdade é essa a que você se refere? Fale claro. Afianço-lhe que não estou compreendendo uma só palavra sua. O que é que você está pretendendo insinuar?
- Luiz - Alda: eu sei de tudo.
- Alda - De tudo o que? Explique-se.
- Luiz - Vamos, diga logo. O que é que você vai fazer á noite na borda do poço?
- Alda - Eu?!...
- Luiz - Você, sim.
- Alda - Eu na borda do poço? Você está louco ou andou bebendo, Luiz?
- Luiz - É inutil negar, Alda. você foi vista varias noites aproximar-se do poço um pouco antes da meia noite, deixar na borda um prato de comida e depois ir recolher-lo pela madrugada.
- Alda - Não, Luiz, Você não está regulando muito bem hoje. Chegue aqui perto de mim, deixe cheirar a sua boca.
- Luiz - Você insiste em me ocultar a verdade, não é assim?
- Alda - Mas que verdade, rapaz? Não ha coisa nenhuma a ocultar. Eu nunca fui á beira do poço levar pratos de comida. Se você viu alguém fazer isto foi outra pessoa e você confundiu-a comigo. Juro-lhe que estou dizendo a verdade.
- Luiz - Tenho certeza absoluta de que era você. Quiz ser seu aliado você não me quiz aceitar, pois muito bem lutarei então contra você. (passos que se afastam)
- Alda - Qual! Decididamente o Luiz dará prá tudo menos pra Sherlock. Eu a levar pratos de comida á beira do poço. (ri) Tem graça! Só mesmo rindo! (Ri muito com vontade e as gargalhadas vão se afastando do microfone)

(CORTINA MUSICAL)
 (Soam nove badaladas espaçadas)

- Jeronimo - A noite está quente. Porque você não abre um pouco aquela janela, minha velha?
- Armanda - Posso abrir, Jeronimo. (passos que se afastam. Ruído de abrir uma janela).
- Celia - Papai vamos jogar uma partida de damas?
- Jeronimo - Não estou muito disposto, minha filha. Convida o seu primo e vá jogar com ele. (passos que se aproximam)
- Celia - Você quer jogar, Marcílio?
- Marcílio - Se você quizer podemos jogar. Dou-lhe duas pedras de partido.
- Celia - Ora, Marcílio, deixe de ser pretencioso. Você não pôde me dar partido. Você perde quasi sempre sem me dar pedra nenhuma.
- Marcílio - Eu perco quasi sempre? Ora deixe disto, Perco coisa nenhuma. Você



- vai ver como lhe dou as duas pedras de vantagem e ainda lhe ganho a partida.
- Celia - Pois eu recuso as duas pedras e aposto como você perderá.
- Marcílio - Pois vamos a ver. (passos que se afastam)
- Arminda - Acendam a luz aí do abat-jour senão vai ficar muito escuro.
- Jeronimo - E Alda onde foi que se meteu que não a vi mais depois do jantar?
- Arminda - Foi deitar-se. Continua muito indisposta.
- Jeronimo - E Luiz, foi deitar-se também?
- Arminda - Creio que sim. Sumiu-se depois do jantar. Aliás eu não sei se você tem notado que esse menino anda diferente.
- Jeronimo - Como diferente?
- Arminda - Não sei. Fala pouco, já não tem aquela alegria que tinha antes e vive a olhar sobresaltado para todos os cantos e para todos as creaturas.
- Jeronimo - É o velho medo. Luiz é muito medroso, minha velha. (passos que se aproximam)
- Arminda - Aí vem dona Idóca. Estava no seu quarto?
- Idóca - Não. Fui dar uma voltinha lá por fóra. A noite está tão bonita!
- Jeronimo - O tempo aqueceu bastante de hontem para cá.
- Idóca - É verdade. O tempo é inconstante como os homens, seu Jeronimo.
- Jeronimo - Como os homens? E porque não como as mulheres? As mulheres, a meu ver, são muito mais inconstantes do que nós.
- Idóca - Nada disto. O homem muda de ^{sentimentos} sentimentos com a mesma rapidez que muda o vento. A mulher não. A mulher quando se mete uma coisa na cabeça vai com ela até o fim.
- Jeronimo - Isto é teimosia, não é constancia.
- Idóca - Teimosia ou constancia a verdade é que a ideia permanece. E no homem ela nunca chega a fixar-se.
- Arminda - Bem, acabem com essa discussão porque vocês decididamente não poderão chegar a um acordo.
- Jeronimo - Ora essa porque não?
- Arminda - Porque um é homem e outra é mulher. Cada um puxa a braza para a sua sardinha, é lógico.
- Idóca - Pois bem, então para acabar com a discussão e não ficarmos aí como dois de paus, a olhar uma para cara do outro vou escolher um disco para botar na vitrola. A noite hoje estão tão linda que nos convida a ouvir um pouco de musica.
- Arminda - O que é que a senhora vai tocar, dona Idóca?
- Idóca - Vou escolher aqui. (lendo) A dança das horas. Não, isto não. Quero uma coisa um pouco mais leve. Rapsodia Hungara - também é pesado. Ah, aqui encontrei uma coisa que me agrada muito.
- Arminda - O que é, dona Idóca?
- Idóca - Agora a senhora vai ouvir. Gosto muito disto. Outro dia as meninas tocaram duas vezes seguidas pois eu não satisfeita botei mais duas vezes. (ouve-se Bess-me mucho). Preste atenção como é bonito. (A musica é ouvida em silencio e da metade para o fim ouve-se Jeronimo

- (Jerônimo Ronea, dormindo profundamente. Quando a música termina)
Então, não é mesmo uma beleza?
- Arminda - É muito bonita, sim. O meu velho é que não ouviu nem a metade. Coisa engraçada. É ficar calado a ouvir música e ele dorme em seguida.
- Idóca - Quem também era assim era o meu falecido Pantaleão Pereira da Pedra. Era assim tal qual. (passos que se aproximam)
- Celia - Eu não disse que você perdia sem me dar vantagem, nenhuma?
- Arminda - Perdeu meu sobrinho?
- Celia - Ora se perdeu. Ele perde sempre.
- Idóca - Claro, tem que ser assim mesmo. Um verdadeiro cavalheiro tem que perder sempre para a dama. Pelo menos no meu tempo era assim. Hoje as coisas estão muito mudadas. (Ruído de cavalo ao longe que se distancia cada vez mais). Bem, eu vou me deitar. Não sei se é o calor que está me dando sono, coisa que eu muito raramente sinto. Boa noite, Dona Arminda (ela responde) Boa noite, meninos. (Celia e Marcellio respondem) (passos)
- Arminda - Nós também vamos nos recolher. Vocês ainda ficam por aqui?
- Celia - Um pouquinho mais, não é Marcellio? A noite estão tão linda!
- Marcellio - Podemos ficar, sim.
- Arminda - Então até amanhã, minha filha. (Ela responde. Beijo) Até amanhã, meu filho.
- Marcellio - Até amanhã, titia. Passe bem a noite.
- Arminda - Obrigada. (acrodando Jerônimo) Meu velho! Oh meu velho, acorde.
- Celia - Vamos, papai, acorde que o senhor tem que ir dormir. (ri)
- Jerônimo - (num bocejo) Oh diabo, como foi isto? Como é que eu fui pegar no sono aqui na cadeira?
- Arminda - A dona Idóca botou um disco na vitrola e....
- Jerônimo - Ah bem. Vamos então. Boa noite, meninos. (ambos respondem. Passos)
- Celia *de novo* - E nós o que vamos fazer, contar estrelas?
- Marcellio - Ficaríamos a noite toda e não teríamos contado nem a metade das que hoje se avistam no céu.
- Celia - Nunca vi um céu assim tão estrelado. Uma verdadeira apoteóse de estrelas.
- Marcellio - Sabes que eu seria capaz de ficar uma noite inteira a olha-las? As vezes tenho a impressão de que elas têm alma.
- Celia - E quem nos dirá que não? Se nós pudessemos desvendar o mistério impenetrável desse céu imenso, quanta coisa linda nos seria revelada!
- Marcellio - Vamos apagar a luz e você verá como no escuro, tudo nos oferecerá um aspecto mais deslumbrante ainda. (ruído de chave elétrica)
- Celia - A rainha noite com o seu manto de veludo preto bordado de pedras preciosas.
- Marcellio - É a branca princesa lua, cúmplice muda de todos os idílios amorosos. (ouve-se um solo de violão á distancia)
- Celia - (Após a pausa em que se ouve a musica) Ouve, Marcellio, que beleza!
- Marcellio - São os peões no galpão. É a influencia da noite.
- Celia - Parece mentira que até nas almas rusticas ela se faz sentir.

- Marcílio - Ouçamos em silêncio, Celia. Embalemo-nos no ritmo de uma música longinqua e sonhemos sob o influxo da noite sugestiva e bela! (há uma pausa em que só se ouve a musica ao longe). (Baixo e alarmado) Celia!
- Celia - (Baixo) O que foi Marcílio?
- Marcílio - Repara, ali vem um vulto descendo a escada.
- Celia - Quem será?
- Marcílio - Não sei, vamos ficar em silêncio para observar. (nova pausa em que só se ouve o violão á distancia). Desceu a escada. (pausa) Dirige-se para a porta. Vai sair.
- Celia - Marcílio! É Alda! Vai!
- Marcílio - Sim, eu já tinha percebido que era ela.
- Celia - Onde irá? O que irá fazer?
- Marcílio - É o que vamos ver agora. Não te precipites.
- Celia - Dirige-se para o poço. Vamos impedi-la, Marcílio. Póde acontecer-lhe alguma coisa.
- Marcílio - Não, deixa, Nós a cuidaremos daqui. Se houver qualquer coisa correremos em seu auxilio.
- Celia - (pausa) Está parada junto ao poço. Que horror, Marcílio, eu não posso mais de inquietação e de suspeita.
- Marcílio - Tem calma, Celia. Esperemos. (pausa. Ruído das correntes)
- Celia - Marcílio, as correntes!...Vamos lá depressa antes que lhe aconteça alguma desgraça.
- Marcílio - Calma, Celia, não te precipites. É ela mesma que está mexendo nas correntes. Vamos esperar, vamos ver para que. (cessa o ruído das correntes) Aí vem ela de volta. Vejamos o que vai fazer.
- Celia - Parece que vai entrar novamente.
- Marcílio - Sim, dirige-se aqui para a porta. Cala-te agora. Não fales nada. (pausa) (chamando com autela) Alda.
- Alda - (sem se alterar) Heim?
- Marcílio - Acenda a luz, Celia. (ruído de chave) O que é que você foi fazer lá no poço?
- Alda - Como? Ué... Ah é você, Marcílio?
- Marcílio - Sou eu sim. O que é que você estava fazendo lá no poço?
- Alda - O que é que eu estava fazendo? Eu não estava fazendo nada.
- Marcílio - Mas o que é que você foi fazer lá fóra? Porque mexeu nas correntes do poço?
- Alda - Mexi nas correntes do poço? Eu não mexi em coisa nenhuma, Marcílio.
- Marcílio - O que é que você tem, Alda?
- Alda - Não sei, Marcílio, eu estou tonta. Parece que a minha cabeça anda a foda.
- Marcílio - Vá se deitar então. Amanhã conversaremos. (passos que se afastam)
- Celia - ((depois de uma pausa) O que é que você pensa de tudo isto, Marcílio?
- Marcílio - Não sei. Francamente, eu estou completamente desorientado. O que é que você acha de tudo isto?

ACTO

Celia - Marcello, não me pergunte nada. (voz de choro) Eu não quero lhe dizer o que estou pensando.

Marcello - Fale, Celia, que tolíçe? Você então não tem confiança em mim?

Celia - Mas é uma coisa horrível? Marcello. (chorando) Eu tenho horror só de pensar! Alá está mentindo, Marcello! Ela está mentindo, tanto a certeza (soluços)

(CORTINA MUSICAL)

(Ruído de grilos e sapos na beira da lagoa. Ruído de cavalo que vem de longe, se aproximando cada vez mais mas não chega a ficar muito perto do microfone. Dois assobios a uma certa distancia do microfone e outro em resposta bem junto ao microfone.)

Idóca - (após uma pausa em voz de misterio) Onofre?

Onofre - Tô aqui, sia dona. Póde chegá.

Idóca - Cheguei um pouco atrazada mas não pude sair mais cedo. Vamos sentar aqui nesta pedra que temos muito que conversar.

Onofre - Póde f falando o que tem pra falá.

Idóca - Eu quero que você me diga direitinho o que ha dentro daquela poço e vamos então combinar um jeito de nos apossarmos de tudo e fugirmos para bem longe daqui.

Onofre - Porque que a sia dona acha que deve de tê alguma coisa lá dentro?

Idóca - Você então pensa que eu sou boba? Eu já descobri onde está o saço que você trazia na ocasião em que foi preso. Ele está lá num cantiano do forro da casa e já vi todas as pratas que ele contem. Salvas, castiçais e outros objetos de bastante valor. Você não terá retirado tudo, deve haver ainda muita coisa lá. Se você confessar a verdade e se der sociedade no negocio poderemos retirar tudo e ficaremos os dois com uma grande fortuna. Se negar perderá o pouco que tirou e o muita que ainda deve existir lá escondido.

Onofre - E si eu le matasse agora?

Idóca - Não adeantaria grande coisa porque eu deixei em mão de uma pessoa da minha inteira confiança uma carta dizendo que vinha a esta entrevista e que se não voltasse era porque você me havia matado. Nessa carta revelo todas as descobertas que já fiz e a policia não lhe deixaria mais tocar em coisa alguma. Você pensa que eu sou alguma tola? Pensa que não prevejo tudo?

Onofre - É, sia dona, meeé é espelta um mucado.

Idóca - Eles fazem troça de mim mas no fim quem vai rir deles sou eu. Levaremos tudo para longe daqui, venderemos e iremos viver uma vida tranquila onde ninguém nos conheça. Eles confiam em mim e você com o meu auxilio poderá retirar tudo sem correr risco algum.

Onofre - Pois entonce, aceite a sua perposta.

Idóca - Onde estão essas coisas, diga-me. No fundo do poço?

Onofre - Num senhora. Hay uma entrada numa das parede do poço que a agua tapa e num dexa vê. É preciso dá um mergulho entrá no buraco e i assubindo uma escada de pedra. Fazendo o brabalo ligero e indo certo no lugar não precisa prendê ofolgo máis que ~~uma~~ minuto. Dispos que subi cinco degrau já tá com a cabeça fóra dagua no curredô que leva pro esconderijo.

Idóca - E tem muita coisa lá?

Onofre - Tem cousa que é cause muito sério.

Idóca - Escute aqui, é como foi que você descobriu a existencia desse tesouro?

0070

- Onofre - Fui num batuquero e ele me contô tudo dereitinho e disse tudo que eu tinha que fazê. (grito de uma ave, perto). Óruiz! Misericórdia! Vôte escamungada, vôte. Como sai daqui, sia dona. Num gosto do grito desse bicho. Esse bicho é agorento como o diabo.
- Idóca - Espere um bocado, vamos combinar então quando é que vamos começar o t trabalho.
- Onofre - Fôde sê aminhã de noute si meeê quizé.
- Idóca - Muito bem. Para evitar o barulho do ruído das correntes você descerá por uma corda. Eu mesma levarei essa corda á beira do poço depois que todos estejam dormindo. O que você retirar poderá ser escondido no sótão onde está o saco. Combinado então?
- Onofre - Gumbinado, sim sinhora.
- Idóca - E bico calado, heim? Olhe lá. Todos confiam muito em mim lá em casa. Se você der com a lingua nos dentes todo o nosso trabalho estará perdido.
- Onofre - Num tem pirigo. Num fala pra ninguém.
- Idóca - Bem, agora você volte para a sua prisão e até termos retirado tudo você continuará lá. Depois estudaremos um jeito de remover o tesouro e nos encontrar-mos num lugar distante. (pausa em que só se ouve o ruído dos grilos e os sapos e momentos depois o ruído de um cavalo que se afasta) A detetive maluca! A velhota bobalhona! A destelhada, como eles me chamam! Idiota como els dizem!....(gargalhadas fortes durante alguns momentos e depois aos poucos vão se afastando do microfone)

(Cortina musical forte e depois servindo de fundo as palavras do:

SPEAKER : - Acabaram de ouvir o nono capítulo de " O segredo do Castanheiro" o notavam romance policial da autoria de Roberto Lis e que hoje teve a seguinte distribuição:

Jerônimo.....	Alberto de Macedo.
Arninda.....	Marilú.
Alda.....	Carmen de Alencar.
Celia.....	Libey de Andrade.
Marcílio.....	João Berguesm
Luiz.....	Claudio Real.
Celaste.....	Lillie Maria.
Dona Idóca.....	Eranca Margarita.
Onofre.....	Carlos Moré.

Oçam na proxima sexta feira, ás mesmas horas de hoje, o decimo e ultimo capítulo de "O segredo do Castanheiro", o novo e vitorioso programa de Roberto Lis.

(cortina musical para o final)

Irrradiado pela Difusora em 21/5/43.

2ª Via
28-5-43

3.º CAPITULO

(CARACTERÍSTICA MUSICAL)

SPEAKER : - Os nossos ouvintes devem estar lembrados que no ultimo capitulo de te romance Celia e Marcello surpreenderam Alda, á noite, dirigindo-se para o poço da Fazenda do Castanheiro e mexendo, por momentos, nas correntes. Interrogada por sua irmã e seu primo, Alda fingiu ou não soube realmente dar uma explicação aceitavel daquele se procedimento, o que fez com que mais ainda se avolumasse as suspeitas que ambos alimentavam sobre ela. Nessa mesma noite, enquanto isto acontecia, dona Idóca - que dera escapula a Onofre afim de encontrar-se com ele ao fundo do campo da fazenda - combinava com ele, dar-lhe fuga e proteção desde que o mesmo a admitisse como socia do tesouro que ele havia descoberto num subterraneo existente junto ao poço, com entrada por uma das paredes do mesmo. Acertadas as condições, enquanto Onofre voltava provisoriamente para a sua prisão já então simulada, dona Idóca ficava a rir ás gargalhadas daquelles que a haviam chamado por varias vezes de tola e idiota. Foi aqui que ficamos. Vejamos, agora, os acontecimentos que depois disto se desenrolaram.

(Novamente a caracteristica forte enfraquecendo depois desaparece

Jeronimo - Afinal de contas, dona Idóca, a senhora afirmou que haviamos de encontrar o sacco que Onofre trazia de dentro do poço e até hoje ele não foi encontrado.

Idóca - Tenha calma, Seu Jeronimo. Sem calma nada se faz. Vamos dar tempo ao tempo.

Arminda - Fracamente, dona Idóca, eu não sei quanto tempo mais será necessario esperarmos para desvendar todos esses misterios. Olhe que essa brincadeira já vai para tres mezes.

Idóca - Afianço-lhe que agora estamos muito perto do fim. Verão como dentro de 15 dias tudo estará solucionado.

Celia - Permite, dona Idóca, que lhe diga uma coisa com toda a franqueza?

Idóca - Fale, menina, porque não?

Celia - Eu, inicialmente, não tinha a menor fé na sua *divulgar* *policial*. Depois comecei a acreditar na senhora e hoje...



Marcello - Celia....

Idóca - Deixe-a falar, não faz mal. Hoje...(pausa) Não acredita em mim novamente, não é verdade?

Celia - É isto mesmo.

Idóca - Não faz mal. Dentro de poucos dias todos estarão surpresendidos com o que vai acontecer. Digo mais: vão cair nas nuvens!

Jeronimo - Vamos a ver. Eu anseio por ver toda essa massaroca deslindada.

Arminda - ~~Exatamente~~ E eu então? Tenho rezado tanto, tanto! É quando me lembro que a nossa teimosia custou a vida á pobre Catarina, sinto um remorso imenso de ter concordado com você em vir para cá.

Jeronimo - Minha velha, as coisas acontecem quando tem que acontecer. Ninguém morre sem ter chegado a sua hora. Não ha razão de você sentir remorsos.

Arminda - Essa sua maneira de pensar é realmente muito comoda mas a questão é que o meu temperamento não consegue se adaptar com ela.

- Marcellio - Eu estou de acordo com titio em que ninguém morre sem ter chegado a sua hora, assim também como penso que todos somos bons e honestos até que se nos apresente uma ocasião de o deixar de ser.
- Idóca - Francamente! Que teoria tola essa sua, menino. Então todos seríamos maus e desonestos, porque essas ocasiões se apresentam a todos. É justamente a bondade e a honestidade das criaturas que a impede de aproveitar essas ocasiões.
- Marcellio - A bondade e a honestidade são relativas, dona Idóca. Quando o lucro paga o pecado são raros, raríssimos, os que não se deixam cegar pelo resultado.
- Jeronimo - O que equivale a dizer, então, que são raros, raríssimos os bons e honestos verdadeiramente.
- Marcellio - Eu penso assim, titio. E infelizmente são os que me cercam que me levaram a pensar deste modo.
- Arminda - O que é que você pretende insinuar, menino?
- Celia - Nada, mamãe, não faça caso. Bobagens do Marcellio. Deixa-se de dizer tolices e vamos dar uma volta por aí. Anda venha.
- Marcellio - Porque faz tanto empenho em tirar-me daqui?
- Celia - (baixo) Porque você está falando de mais.
- Marcellio - (baixo) Eles precisam estar preparados para o golpe que vão sofrer.
- Jeronimo - O que é que vocês estão aí de cochichos?
- Celia - Estou convencendo Marcellio de sair a passear comigo.
- Arminda - E para isto era preciso falar-lhe no ouvido?
- Celia - É que eu prometi a ele uma coisa que não queria prometer na frente de vocês.
- Arminda - (severa) O que é isso menina?
- Jeronimo - Está vendo só, dona Idóca?
- Idóca - As moças de hoje são assim, seu Jeronimo. Ah-o meu tempo! Imagine o senhor que quando eu era noiva...
- Marcellio - (decidido) Vamos, Celia, vamos. Agora eu vou. (vão saindo)
- Celia - (rindo e afastando-se) Preferiste vir do que ouvir, não?
- Idóca - Pois como eu ia lhe dizendo, no tempo em que eu era noiva...
- Jeronimo - Com licença, dona Idóca, eu preciso chegar ao galpão para dar umas ordens. (passos que se afastam).
- Arminda - Eu também preciso dar umas providências para o jantar. Com licença. (sal)
- Idóca - (continuando) o meu primeiro noivo, o Pentaleão Pereira da Pedra (transição) Ué! Mas afinal para quem é que eu estou falando? Foras todos embora.
- (CORTINA MUSICAL)
- Luiz - Posso então confiar segamente em você?
- Alda - Porque não? Pode confiar, sim.
- Luiz - E você jura que me disse toda a verdade?
- Alda - Juro pelo que você quizer. Mas afinal, porque desconfiou de mim, Luiz

- Luiz - Porque a Celeste me afirmou que viu você ir á borda do poço levar pratos de tomates.
- Alda - Ela afirmou isto?
- Luiz - Afirmou. E estou certo de que não o fez por intriga porque até disse gostar muito de você e me faz jurar que não contaria a ninguém o que ela me disse.
- Alda - Naturalmente então, eu o fiz dormindo, sem saber. Ontem, por exemplo, isso aconteceu. Celia e Marcílio estavam lá em baixo quando eu sai, fui ao poço, mexi nas correntes e quando eu já vinha de volta foi que Marcílio me chamou e me disse o que eu havia feito. Você não imagina como eles ficaram desconfiados comigo. E no entretanto, para uma pessoa sonâmbula como eu, isso é a coisa mais natural. Impressionada com os crimes, com o ruído das correntes e essa coisa toda, estava sonhando com isto levantei-me e fui lá sem saber o que estava fazendo.
- Luiz - Bem, então estamos combinados. Hoje á noite ficaremos ambos alerta.
- Alda - Sim, ficaremos. E havemos de desmascarar aqueles que pretendem nos envolver nas malhas desta trama toda.
- (CORTINA MUSICAL)
- (Batem onze badaladas espaçadas)
- Marcílio - Você está com sono, Celia, estou vendo nos seus olhos.
- Celia - É, sim, não sei o que é isto hoje. Eu que costume me deitar tão tarde. São onze horas só.
- Idóca - Este relógio está atrasado quarenta minutos. Faltam vinte para a meia noite.
- Celia - Mesmo assim, eu nunca costume dormir antes da uma hora. O que é que v você vai fazer, Marcílio?
- Marcílio - Acertar o relógio. Tenho horror de relógios atrasados. Vinte pra meia noite não foi o que a senhora disse, dona Idóca?
- Idóca - Dezoito agora.
- Marcílio - (pausa) Está. Vamos, Celia, vamos subir. Você está com sono deve aproveitar e dormir. É tão pouco o que se dorme desta casa!
- Celia - Vamos. A senhora fica, dona Idóca?
- Idóca - Sim, eu não sinto sono.
- Celia - Então boa noite. (ela responde)
- Marcílio - Boa noite, dona Idóca, durma bem.
- Idóca - Obrigado, menino, você também. (passos que se afastam) Bem...vi-me livre deles mais depressa do que esperava. A questão é que faltam ainda dezesseis minutos para a hora combinada. O que farei para passar o tempo? Ler? (pausa) Não consigo prestar atenção aquilo que leio. (pausa) Ah já sei. Vou ouvir um pouco de musica. Talvez a musica faça passar o tempo menos perceptivelmente. (pausa. ouve-se um disco de musica fina). (batidas leves) Ué, alguém está batendo.
- Onofre - (Tom de misterio, a uma certa distancia) Sã dona, posso chegá?
- Idóca - (mesmo tom) Você, Onofre?
- Onofre - Posso chegá?
- Idóca - Cuidado, não faça barulho. Porque não esperou lá fóra? Faltam ainda cinco minutos.
- Onofre - É que eu me alembrei de uma coisa. Preciso uma lanterna, sã dona.

- Idóca - Eu já tinha me lembrado disto e já providenciei. As cordas já estão junto ao poço.
- Onofre - Já vi. Já tive até isprementando elas.
- Idóca - Bem, então está tudo em ordem. O que tirarmos hoje será escondido no forro junto com o que lá já está. Depois de retirarmos tudo trataremos de estudar a melhor maneira de remover essas coisas daqui. Temos que fazer tudo o mais rapidamente possível. (batem doze badaladas esvaídas).
- Onofre - Meia noite! (um grito de ave fóra e a seguir o ruído das correntes do poço)

Idóca - As correntes do poço, Onofre!....

Onofre - Quem será, ~~Idóca~~ dona?

Idóca - Espere, deixe-me olhar. (passos que se agastam. Ruído de um tiro próximo e um grito angustioso de dona Idóca)

(CORTINA MUSICAL)

Luiz - Foi você, eu vi.

Celeste - Mentira, não fui eu.

Luiz - Foi você, tenho certeza. Eu lhe vi atirar.

Celeste - Mentira, não fui eu. Já disse que não fui eu. Não acredite, patrão, ele está mentindo. Foi ele. Veja, eu meu revólver tenho, como é que poderia dar o tiro?

Luiz - Você escondeu o revólver, isto era o que menos estava fazendo.

Celeste - Escondeu aonde? Pois vá procurar pra ver se o senhor encontra.

Alda - Não negue, Celeste. Foi você, nós vimos.

Celeste - Não fui. Estão mentindo todos os dois.

Jeronimo - Você tem certeza de que viu, minha filha?

Alda - Certeza absoluta, papai. Eu e Luiz estávamos alertas cuidando dona Idóca o Onofre que há muito tempo nos inspiravam desconfiança. Luiz seguiu-a ontem à noite e viu quando ela saiu e foi se encontrar com ele no fundo de campo. Calculou logo que houvessem combinado alguma coisa porque ele voltou para a sua prisão simulada e ela para a casa. Resolvemos cuidá-los para ouvir a conversa e há duas horas que estávamos escondidos atrás daquele reposteiro. Pena foi que a intervenção dessa criatura não nos deixasse prender Onofre que fugiu logo. Com o imprevisto do tiro disparado por ela...

Celeste - Eu não disparei tiro nenhum... Já disse. Ele está mentindo, patrão. Ele está mentindo também. Todos estão mentindo! (chorando) Todos estão mentindo! Eu não disparei tiro nenhum. Querem botar em cima de mim a culpa do crime que eles praticaram. (com raiva) Mentira, mentira, e mentira!

Jeronimo - Bem, deixemos de discussões inúteis. Marcellio, você vai tomar providências para que a polícia mande gente aqui imediatamente. Havemos de esclarecer tudo.

Marcellio - Perfeitamente, titio. (passos que se afastam)

Celeste - Mentira! foste tu e queres empurrar as culpas para mim.

Alda - Como você é cinica, Celeste! O que estava você fazendo aqui em baixo? Explique se é capaz.

- Celeste - Eu não estava aqui. Vim quando ouvi o barulho do tiro e o grito da velha.
- Alda - Mentira, você estava. Saiu pela porta da cozinha e foi mexer nas correntes.
- Celeste - Mentira!
- Jeronimo - Já disse que de nada adiantam as discussões. (passos que se aproximam) E então, minha velha, como está ela? É grave o ferimento?
- Arminda - Não. A bala pegou-lhe o ombro de raspão. Nem haverá necessidade de chamar medico. Está repousando agora.
- Jeronimo - É preciso não deixa-la só.
- Arminda - Celia está lá com ela.
- Jeronimo - Marcello já foi tomar providencias para vir a policia.
- Arminda - A policia meu velho? Talvez não fosse conveniente. Celia contou-me certas coisas agora que talvez fosse melhor não dizer á policia.
- Jeronimo - Não senhora. Ha de dizer se dizer tudo. A policia ha de punir o culpado, (frizando) seja ele quem for!
- (CORTINA MUSICAL)
- Delegado - Vamos a ver o senhor: que acusações tem a fazer contra esta senhora?
- Luiz - Diversas, sr. delegado.
- Delegado - Fois muito bem, fale.
- Luiz - Dona Idóca apresentou-se em casa de titio como detetive quando na verdade não passa de uma das autoras dos acontecimentos que lá se tem desenrolado.
- Delegado - Baseado em que faz o senhor estas afirmativas?
- Luiz - Nas coisas que tive ocasião de verificar.
- Delegado - E tem o senhor alguma prova ou testemunha das suas acusações?
- Luiz - Tenho. Alda esteve á noite comigo escondida atraz da cortina ~~xxxxxx~~ e ouviu, como eu, a combinação de dona Idóca com o peão Onofre que ela mesma havia prendido.
- Delegado - E o que ouviu a senhora?
- Alda - Ouvi quando ela combinava com Onofre de tirarem o tesouro que está escondido no fundo de poço, transporta-lo para o forro da casa, onde estava escondido o tal saço que desapareceu e dali, mais tarde, conduzirem-no, para um logar seguro.
- Delegado - A que saço se refere a senhora?
- Alda - O que Onofre trazia na mão quando foi preso saindo do poço.
- Delegado - E o que continha esse saço?
- Alda - Não sei! Marcello soltou-o na sala de jantar e quasi que no mesmo momento ele desapareceu. Ouvi dona Idóca dizer a Onofre que ele estava no forro da casa mas quando fui lá com Luiz já não encontramos saço nenhum. Presumo, entretanto, que ele continhasse objetos de valor pois do contrario não se compreende que Onofre fosse ao fundo de um poço para buscá-los.
- Delegado - Muito bem. Afirma então a senhora ter ouvido dona Ida dizer ou melhor combinar com Onofre apossar-se do tesouro?
- Alda - Sim.
- Alda

- Delegado - E o senhor faz-lhe igual acusação?
- Luiz - Faço.
- Delegado - E...o peão não foi encontrado depois que esta senhora foi ferida?
- Alda - Aproveitou-se da confusão para fugir.
- Delegado - E não poderia ter sido ele mesmo que não desojando dar sociedade a esta senhora no produto do seu roubo tivesse atirado contra ela?
- Alda - Podia mas não foi. Quem atirou contra ela foi Celeste.
- Celeste - Não fui eu nada, seu Delegado. Eu nem revolver tinha como poderia ter sido eu?
- Delegado - A senhora viu essa rapariga atirar?
- Alda - Atirar propriamente eu não posso dizer que tenha visto...
- Celeste - O senhor viu? Viu como ela está mentindo?
- Delegado - Silêncio. Deixe-a falar.
- Alda - Eu não vi atirar mas vi quando ela desceu cuidadosamente a escada, passou para a cosinha, senti o ruído de abrir a porta da cosinha e da outra cortina onde estava, Luiz viu quando ela saiu, foi ao posto, mexeu nas correntes para atrair dona Idóca para a porta e alveja-la.
- Celeste - Mentira, tudo mentira. Foram eles que atiraram na velha e agora querem empurrar as culpas para cima de mim. E não é esta a primeira vez que ela atira em alguém, não. Quando aquele outro homem foi preso junto ao poço e trazido para dentro de casa, quem atirou nele pra que não falasse foi ela. Eu até agora não tinha dito nada porque tinha pena e gostava dela mas agora ela quer me acusar pois então vou contar tudo que eu sei.
- Delegado - Como pôde afirmar você que tenha sido ela quem atirou no homem?
- Celeste - Porque o tiro foi dado de dentro de casa que até furou o reposteiro e depois o revolver foi encontrado no quarto dela com uma capsula detonada. Vai me dizer que é mentira? (pausa) Responda: eu estou mentindo?
- Alda - Está mentindo, sim. Eu não tinha nem vi revolver nenhum no meu quarto.
- Celeste - Pois então, seu Delegado, o sr. pergunte pro seu Luiz e pro seu Marcílio e pra dona Celia se eu estou mentindo. Eles os tres viram o revolver.
- Delegado - O sr. seu Marcílio, viu algum revolver no quarto de sua prima?
- Marcílio - (após uma pausa) Sim.
- Delegado - E a senhora, viu esse revolver no quarto de sua irmã? (pausa) Responda.
- Celia - (quasi sem voz) Sim.
- Celeste - Está aí, o senhor está vendo? Eu estou mentindo, estou?
- Idóca - Está mentindo, sim senhora. Deixei-a falar até agora porque precisava ter a certeza de quem me havia dado o tiro see você, Alda ou Luiz. Tenho agora a certeza de que foi você porque você está querendo atribuir a Alda um crime que foi você mesma que cometeu. Quem atirou contra o homem não foi ela e sim você.
- Celeste - Como é que a senhora pôde garantir uma coisa destas?

Idóca - Porque sei.

Celeste - E sabe como se o revólver foi encontrado do quarto dela e a própria irmã confirma?

Idóca - Porque no mesmo dia do crime estive investigando pelo forro da casa e encontrei o revólver com o cano enrolado neste lenço que é seu e tem as suas iniciais. Só no dia seguinte é que ele foi colocado por você no quarto de Alda para que as suspeitas parassem sobre ela.

Delegado - Esse lenço é seu?

Celeste - (após uma pausa) Bobagem! Meu nome é Celeste Ribas este lenço tem iniciais completamente diferentes.

Idóca - Tem as iniciais do seu verdadeiro nome que é Laura Moema de Garcia. Olhe, menina: você para enganar uma velha como eu precisa nascer de novo. Então você erê que eu, macaca velha, ia encarar friamente o seu aparecimento lá na fazenda para empregar-se de copeira sem tratar de investigar quem era você e o que fazia antes? Veja. Aqui está a resposta da pessoa a quem me dirigi solicitando informações e o seu retrato. Basta o fato de ter negado a sua verdadeira identidade para deixar de merecer confiança e não poderem ser levadas em conta as suas declarações que são todas mentirosas.

Celeste - Todas, não é? Pois bem, agora então eu vou fazer uma declaração verdadeira: Sou na verdade Laura Moema de Garcia e fui eu quem matou o homem quando ia falar. E matei-o para que ele não dissesse a verdade sobre mim e sobre Onofre. E fui eu também que disparei o tiro que infelizmente só lhe feriu porque a senhora queria roubar-me de sociedade com Onofre. Ela é uma ladra, seu delegado. Com a capa de detetive ela combinou com ele associar-se ao roubo de tesouro que Onofre ia buscar no fundo do poço.

Luiz - Vê o senhor? É mais uma acusação contra dona Idóca. Pena é que não tenhamos podido encontrar o saco para ver do que constava esse tesouro.

Idóca - O saco só poderá estar em poder de Celeste ou melhor de Laura Moema. Só ela, além de mim, sabia onde ele se encontrava porque foi ela que o fez desaparecer no momento em que Onofre foi preso e conduzido para dentro de casa.

Celeste - De certo que tratei de garanti-lo para mim. A senhora e Onofre combinavam-se para ludibriar-me eu não seria tola deixar de defender-me por qualquer lado.

Delegado - E o que continha esse saco?

Celeste - Não sei, se quiserem vão procurar o saco para ver. Eu não digo.

Idóca - Continua objetos de prata de grande valor.

Jeronimo - Quer dizer então que dona Idóca nada mais fez dentro da minha casa senão lançar a confusão no espírito de todos para na hora propícia deitar mão do que podia e por-se ao freseco?

Delegado - Pelo menos é ó que parece. A não ser que ela possa justificar a sua atitude de uma outra forma razoável. Quer falar, dona Idóca?

Idóca - Decerto que sim.

Arminda - Não vejo como ela possa explicar razoavelmente essa atitude.

Delegado - Vejamos. Fale, dona Idóca.

Idóca - O grande mal da confusão reinante na Fazenda do Castanheiro é que ninguém confiou na minha capacidade de detetive e todos, por sua vez, quiseram bancar também os detetives, escondendo o que viam e desconfiando até da sua própria sombra. Pois bem: eu vou contar por que fiz isto. Foi a única maneira que achei de conseguir arrancar

- de Onofre uma confissão completa. Fiz-me de interessada no tesouro, dei-lhe liberdade para que ele acreditasse em mim e acabasse contando tudo como realmente contou.
- Luiz - É como prova a senhora não ser um truco de última hora para fugir à prisão?
- Idóea - Muito simplesmente. Façam entrar o homem. (Pausa. Ruído de porta que se abre)
- Alda - Onofre!
- Jeronimo - Não conseguiu fugir então?
- Luiz - Quem o prendeu?
- Idóea - Os mesmos homens que o prenderiam depois que ele tivesse descido ao poço e de lá viesse com novo carregamento de patatas. Desses homens dois aí estão com ele e outros dois ficaram de guarda ao poço para evitar que mais alguém que possa conhecer o segredo do subterrâneo aproveite-se da nossa ausência e lá penetre para roubar. Com que então acreditaram-me vigarista, não? (gargalhadas) São muito pouco sagazes os meus amigos (gargalhadas) Decididamente não dão para detetives! (gargalhadas) Olha a cara deles só. (gargalhadas) a cara deles!....(gargalhadas) Nunca vi detetives tão desapontados!

(CORTINA MUSICAL)

- Arminda - Afinal, dona Idóea, a senhora poderia ficar mais algum tempo conosco, Inaistindo em ir dá-nos a impressão de que não nos perdoou a injustiça.
- Idóea - Nada disto. É que não posso parar. O misterio aqui está desvendado. O jornal anuncia-me a alguns kilometros de distancia fatos extraordinarios passados no Paço do Terror. Esta noticia está me fazendo cocegas. Preciso ir lá. Volto hoje á cidade e amanhã já estarei a caminho do tal Paço.
- Luiz - Escute, dona Idóea, eu estou empolgado pela carreira de detetive e principalmente pelo seu metodo. Temos ainda dez minutos para o trem sair. A senhora poderia me reconstituir, rapidamente as declarações que fez na policia, ou melhor, as explicações todas que fez dos crimes passados aqui?
- Idóea - Posso porque não? O caso é simples. Morou nesta fazenda um velho senhor de muitos escravos que durante a revolução dos farrapos ou seja um ano antes dela terminar, fugiu da fazenda com a aproximação dos revoltosos. Antes de fugir contruiu o subterraneo ao lado do poço e nele escondeu todos os seus valores, deixando de guarda um dos seus escravos mais novos que ali ficou e ali envelheceu. Os mantimentos provisionados pelo seu senhor esgotaram-se um dia e ele então, á noite, saia a procura de alimento. Assim se foi passando o tempo ele sempre á espera do seu senhor que nunca voltou. Por motivo de velhice ou por demencia em consequencia da vida que levava, ele não podia ver ninguem acercar-se do poço sem que lhe parecesse ser um dos revoltosos que se aproximavam para roubar o tesouro sob sua guarda e sem outra arma que não fossem os seus braços deles se utilizava para asfixiar a pessoa que se tivesse acercado do poço. Uma vez conseguido o seu intento voltava a esconder-se na sua toca.
- Luiz - É foi daí então que nasceu a lenda do poço ser assombrado por ser encontrado de vez emquando, junto dele, uma pessoa morta?
- Idóea - Exatamente. A primeira vitima depois que vocês vieram morar na Fazenda foi Onofre pelo seguinte: Ele ouviu o ruído das correntes, chegou á porta do galpão viu Celia e Marellio dirigirem-se para o poço e veio tambem com a ideia de auxilia-los caso houvesse necessidade. Quando que o escravo preparava-se para investir contra Celia atirou contra ela mas errou a pontaria. O escravo voltou para onde viera o tiro e conseguiu agarrar-se ao pescoço de Onofre deixando-o quasi morto.

- Idóca - O segundo crime, ou seja o primeiro depois que eu cheguei aqui, passou-se nas seguintes condições: Celia e Marcello quiseram dar-me um susto e experimentar a minha coragem.
- Celia - Brincadeira de mau gosto, nem posso me lembrar.
- Idóca - Mandaram o viajante, que fôra pedir pouxada, mexer nas correntes á meia noite afim de que eu saísse para constatar o barulho e eles me amordaçarem. O viajante enrolou-se num lençól foi para perto de poço e ficou aguardando o sinal. Alda, entretanto, teve um sonho identico ao que estava preparado para se realizar, acordou-se gritando e os seus gritos impediram a saída de Celia e Marcello. O viajante, porem, ficou lá fóra sem saber o que se passava dentro de casa, aguardando o sinal para mexer nas correntes. Coincidiu que o escravo saiu, encontrou-o ali perto e deu-lhe o mesmo destino dos outros que se haviam aproximado do poço. Onofre ainda nada tinha que ver com os crimes nem com o tesouro mas como foi ele que encontrou o homem morto e veio anunciar ao patrão eu desconfiei dele e comecei a cuida-lo. Ele ainda não tinha crime nenhum mas as minhas desconfianças valeram-me de muito. Graças a elas foi que mais tarde vim a descobri-los.
- Alda - Lembro-me que a senhora chegou a desconfiar que ele tivesse me hipnotizado aquele dia que eu desapareci do meu quarto para ir ao encontro do Claudio.
- Idóca - Era razoavel que desconfiasse. Nem você nem ele estavam em casa. Depois é que fui descobrir que ele havia ido a um velão bataguairo que lhe revelou a existencia do tesouro escondido no fundo do poço. Foi daí então que ele se tornou um criminoso.
- Marcello - Mas o homem que matou Catarina e feriu titia não era Onofre. Titia pelo menos afirma isto.
- Idóca - Nem eu estou dizendo que fosse. Era cúmplice dele e marido da suposta Celeste. Ela o matou porque viu que ele ia contar a verdade quando fô preso e tambem porque não o amava. Ficou então, desde aí, o segredo entre os dois.
- Celia - É a tal mulher que ia ao poço levar ~~XXXXXXXXXX~~ tomates ao escravo era Celeste?
- Idóca - Claro que sim. Fazia constar que era Alda aproveitando-se dos seus acessos de sonambulismo que a levavam a sair de casa de noite.
- Celia - E até eu cheguei a desconfiar de você, minha irmã.
- Idóca - Foi ela que envenenou o escravo botando mara cavalos mistorados com os tomates.
- Marcello - É aquela musica que Celia ouvia sempre que estava para acontecer qual-quer coisa?
- Idóca - Isso agora já é uma coisa que não está na minha alçada. Uns dirão q que era um aviso outros chamarão de presentimento. Eu não sei. Talvez ela propria possa explicar melhor.
- Celia - Não encontro explicação, dona Idóca. Não encontro nem desejo. Só o que desejo é não ouvi-la nunca mais. Nunca mais! (Apito de trem).
- Idóca - O trem já vai. Até a volta então para vocês todos. (todos dão até a volta para dona Idóca, o trem apita de novo e começa a se movimentar, afastando-se enquanto todos começam a lhe desejar felicidades, bom e-xito novos empreendimentos, etc, etc. Cessam as vozes e ainda se ouve o ruído do trem e apitos já bem mais longe)

(Caracteristica musical forte e depois fraca)

SPEAKER : - O trem já vai longe com dona Idóea, rumo ao Faço do Terror que ouvireis na próxima sexta feira, às mesmas horas de hoje. Este foi o ultimo capitulo de "O segredo de Castanheiro" a novela policial que Roberto Lis escreveu e apresentou ao microfone da sua estação com o conjunto de Radio Teatro da PRF 9.

Foi a seguinte a distribuição do ultimo capitulo de "O segredo do Castanheiro":

Jeronimo.....Alberto de Macedo.
 Arminda.....Marilú.
 Alda.....Carmen de Alencar.
 Celia.....Liney de Andrade.
 Marcilio.....João Bergmann.
 Luiz.....Claudio Real.
 Dona Idóea.....Branca Margarita.
 Celeste.....Lilia Maria.
 Onofre.....Carlos Moré.
 Delegado.....Edmundo Lis.

Este foi o ultimo capitulo da vitoriosa Novela "O segredo do Castanheiro" da autoria de Roberto Lis. Ouçam na próxima sexta feira:XXXXXXXXXXXX
 "O FAÇO DO TERROR".

Uma festa no Faço
 Um programa também da autoria de R. Lis.
 (Característica forte para o fim do programa)

Irradiado pela Radio Difusora em 28/5/43.